

**Entre correspondências e intererferências: o tratamento na região fronteiriça
Uruguai-Brasil no século XIX**

Aline Santos da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Agosto de 2009

**Entre correspondências e interferências: o tratamento na região fronteiriça
Uruguai-Brasil no século XIX**

Aline Santos da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Lingüísticos Neolatinos: Língua Espanhola)
Orientador: Profa. Doutora Célia Regina dos Santos Lopes e Co-orientadora Letícia Rebollo Couto.

Rio de Janeiro
Agosto de 2009

**Entre correspondências e interferências: o tratamento na região fronteiriça
Uruguai-Brasil no século XIX**

Orientadora: Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Lingüísticos Neolatinos: Língua Espanhola).

Examinada por:

Presidente, Prof^a. Célia Regina dos Santos Lopes – UFRJ

Prof^a. Doutora Leticia Rebollo Couto (co-orientadora) – UFRJ

Prof^a. Doutora Silvia Regina de Oliveira Cavalcante – UFRJ

Prof^o Doutor Thomas Daniel Finbow - UFRJ

Prof^a Doutora Márcia Cristina de Brito Rumeu – UFMG, Suplente.

Prof^a Doutora Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Agosto de 2009

Silva, Aline Santos da.

Entre correspondências e interferências: o tratamento na região fronteiriça Uruguai-Brasil no século XIX / Aline Santos da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009.

xii, 133 f.:il.; 31 cm.

Orientadora: Célia Regina dos Santos Lopes

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/FL/Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, 2009.

Referências Bibliográficas: f. 128– 133.

1. Sistema pronominal de tratamento 2. Cartas oitocentistas 3. Região de fronteira Uruguai-Brasil 4. Tradições discursivas 5. Estratégias de polidez

I. dos Santos Lopes, Célia Regina. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas. III. Entre correspondências e interferências: o tratamento na região fronteiriça Uruguai-Brasil no século XIX.

RESUMO

Entre correspondências e interferências: o tratamento na região fronteiriça Uruguai-Brasil no século XIX

Aline Santos da Silva

Orientadora: Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

Co-orientadora: Professora Doutora Letícia Rebollo Couto

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (Língua Espanhola), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Língua Espanhola.

O presente trabalho orienta-se para o estudo das formas nominais e verbo-pronominais de tratamento identificadas em um *corpus* constituído por cartas oitocentistas de circulação pública e privada escritas em Taquarembó, região fronteiriça entre o Brasil e o Uruguai. Tal região se caracteriza pelo contato lingüístico entre o português e o espanhol. Para tanto, analisou-se o emprego de distintas estratégias de tratamento buscando descrever o comportamento das mesmas e explicitando seus usos conforme a situação comunicativa estabelecida. Partiu-se da Teoria do Poder e Solidariedade (Brown e Gilman, 1960) e da Teoria da Polidez (Brown e Levinson, 1978, 1987).

Foi realizada uma descrição e análise quantitativa e qualitativa de formas de tratamento de base nominal e pronominal encontradas em uma amostra específica constituída por 31 cartas trocadas entre diferentes destinatários, como por exemplo, políticos, militares, juízes e habitante da região. Em seguida, investigou-se a maneira pela qual essas formas eram condicionadas pragmaticamente e como podem ser vistas como estratégias de mitigação da imposição de “atos de fala”, principalmente com relação à estratégia verbo-pronominal *Usted*.

Os resultados obtidos evidenciam uma predileção no uso de formas nominais de tratamento, tanto em cartas portuguesas quanto em cartas hispânicas, em contextos marcados pelo distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário, como uma forma de proteger a face do seu interlocutor. Também verificamos maior produtividade de formas verbo-pronominais de tratamento em cartas hispânicas (*Tú, Vos e Usted*) se comparados à amostra portuguesa, em que não se detectou nenhuma ocorrência de tais usos. Além disso, observamos, ao longo de nossa análise, uma correlação entre o uso das formas *Usted* e *Vossa Mercê*, pois ambas funcionam como estratégias mitigadoras e/ou atenuadoras de atos diretivos de ameaça á face do interlocutor.

Palavras-chave: Sistema pronominal de tratamento, Cartas oitocentistas, Região de fronteira Uruguai-Brasil, Tradições Discursivas, Estratégias de polidez.

Rio de Janeiro
Agosto de 2009

RESUMEN

Entre correspondências e interferências: o tratamento na região fronteiriça Uruguai-Brasil no século XIX

Aline Santos da Silva

Orientadora: Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

Co-orientadora: Professora Doutora Letícia Rebollo Couto

Resumen da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (Língua Espanhola), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Língua Espanhola.

En este trabajo se estudian las formas nominales y verbo-pronominales de tratamiento utilizadas en cartas públicas y particulares del siglo XIX, escritas en Tacuarembó, región fronteriza entre Uruguay y Brasil. En esta región se da la coexistencia del español y del portugués. Se analiza la utilización de las distintas estrategias de tratamiento y se intenta describir su comportamiento, explicitando sus usos a partir de las situaciones comunicativas. Para tanto se utiliza la Teoría de Poder y Solidaridad (Brown & Gilman, 1960) y la Teoría de la Cortesía (Brown & Levinson, 1978, 1987).

Se analizó cuantitativa y cualitativamente las fórmulas de tratamientos encontradas en una muestra compuesta por 31 cartas cambiadas por personas distintas, como por ejemplo políticos, jueces, militares y habitantes de la región. En seguida, intentamos observar si el uso de las estrategias tratamentales estaba condicionado pragmáticamente y cómo estas funcionan como formas mitigadoras de actos de habla directivos de amenaza la cara del interlocutor.

En este estudio se comprueba que se comprueba la alta productividad de las fórmulas nominales de tratamientos, tanto en las cartas escritas en español, así como en cartas escritas en portugués. Observamos, también, que las estrategias verbo-pronominales de referenciación a la segunda persona del discurso fueron más frecuentes en cartas hispánicas que en las cartas escritas en portugués. Además, constatamos, a lo largo del análisis, una correlación entre los usos de *Usted* y *Vossa Mercê*, una vez que ambas funcionan como estrategias mitigadoras de posibles amenazas pragmáticas.

Palabras clave: Sistema pronominal de tratamiento, cartas del siglo XIX, región fronteriza Uruguay-Brasil, Tradiciones Discursivas, Estrategias de Cortesía.

Rio de Janeiro
Agosto de 2009

*A Vitor Daniel da Silva e Maria da Penha Santos da Silva, por me ensinarem que tudo
é possível.*

A Iemanjá

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, porque sem Ele nada disso teria acontecido.

Agradeço à Célia Lopes pela orientação competente e comprometida com a qualidade, pela paciência, dedicação e confiança na minha capacidade. À Leticia Rebollo pela co-orientação na elaboração desse trabalho e por fazer parte da minha formação como professora de espanhol. Aos amigos e companheiros de mestrado, Sabrina Lima de Souza, Bruno Alberto, Samara Sant'ana e Priscila Santos com os quais compartilhei momentos importantes desta trajetória e que sempre me fizeram acreditar que eu conseguiria. Vocês fizeram este percurso mais fácil. Obrigada pelas conversas no corredor, pelos incentivos, pelas palavras acolhedoras, pela companhia nas viagens, e principalmente, pelos materiais emprestados.

Agradeço em especial a Leonardo Lennertz quem me ajudou por diversas vezes, me aconselhando nos momentos mais difíceis, me ajudando na elaboração deste trabalho e, principalmente, me fazendo acreditar que tudo terminaria muito bem.

Agradeço à professora Virginia Bertolotti pelas valiosas dicas na elaboração do trabalho, pela atenção, delicadeza e carinho com que sempre respondeu aos meus e-mails desesperados, por estar sempre disponível a me ajudar, me enviando trabalhos, textos, arquivos, mesmo estando tão distante.

Aos meus pais, Vítor Daniel e Maria da Penha, que sem dúvida são os responsáveis por tudo que conquistei até aqui. Obrigada pelo amor, carinho, paciência, dedicação e investimento financeiro ao longo de minha estudantil/acadêmica – Muito obrigada!

Ao meu namorado, Marlon Lima, pela compreensão, amor e paciência durante os meus ataques de esteria durante ao longo desses dois anos.

Ao Cnpq, pelo apoio financeiro, que tornou possível minha dedicação total à pesquisa.

Por fim, a todos aqueles que de alguma maneira, direta ou indiretamente, contribuíram e torceram pela conclusão deste trabalho.

SINOPSE

Descrição e análise das formas de tratamento em cartas oitocentistas escritas na região de Taquarembó, área fronteira entre o Brasil e Uruguai. As estratégias de tratamento em função da polidez lingüística.

“A fronteira do Uruguai com o Brasil. Palco de Disputa pela terra no passado, hoje uma zona de integração de duas culturas. Ali a vista se perde no horizonte, e ali se perde a noção exata de que língua se está falando. Seria espanhol? Português? Ou uma mescla, o Portunhol? (...) De qualquer forma, sabe-se que ali se fala diferente, fala-se abasileirado. Na verdade, um bilingüismo com diglossia, em que uma variedade alta (espanhol) é usada na igreja, na escola, nos órgãos públicos, enquanto na rua, no bar e no lar se fala um dos *Dialectos Portugueses del Uruguay* (DPU), uma variedade considerada baixa.”¹

(Kersch, 2006)

¹ Kersch (2006) *A construção relativa na língua falada: enfoque na fronteira bilingue Brasil com o Uruguai, comparado ao espanhol e ao português riopratense e Europeu.*

Sumário

1. Introdução	14
2. Revendo brevemente o tema	
2.1 O sistema tratamental Português: breves referências históricas.....	17
- Estudos recentes sobre o tema.....	20
2.2 O sistema tratamental Espanhol.....	23
- O sistema tratamental da América Hispânica.....	26
3. Pressupostos teórico-metodológicos e <i>Corpus</i> utilizado	
3.1 A dicotomia Poder e Solidariedade de Brown & Gilman (1960).....	31
3.2 Os atos de linguagem	33
3.3 A teoria da polidez idealizada por Brown & Levinson (1987).....	33
3.4 O conceito de Tradição Discursiva: introduzindo a questão.....	38
- O Perfil da Concepção Discursiva.....	42
3.5 Constituição do <i>corpus</i>	44
3.5.1 Cartas de circulação pública e privada: situando a questão.....	45
3.5.2 O perfil comunicativo das cartas de Taquarembó: caracterização do <i>corpus</i>	48
3.6 Qual a origem das cartas? O contexto histórico-social da região de Taquarembó.....	52
3.6.1 Montevideú: área de disputa luso-hispânica.....	53
3.6.2 Taquarembó: a proximidade geográfica com o Brasil.....	56
4 - Descrição geral dos resultados e análise das cartas escritas em espanhol	
4.1 Panorama geral.....	59
4.2 Formas de tratamento em cartas hispânicas: distribuição geral dos dados....	62
4.3 As formas verbo-pronominais de tratamento: a questão do sujeito.....	68
4.4 As formas tratamentais e a natureza das relações sociais.....	71
4.4.1 Relações Sociais Assimétricas e Simétricas na amostra hispânica.....	72
- Relações assimétricas descendentes.....	74
- Relações assimétricas ascendentes.....	79

4.4.2 Relações Sociais Simétricas ou Solidárias na amostra hispânicas..83

5. Análise das cartas escritas em Português

5.1 Formas nominais de tratamento em cartas pública e privada portuguesa.....90

5.2 Formas verbo-pronominais em missivas escritas em português.....96

5.3 As formas tratamentais e a natureza das relações sociais

5.3.1 Relações Sociais Assimétricas e Simétricas em cartas portuguesas.....98

5.3.2 Relações assimétricas descendentes: uso exclusivo de *Vossa Mercê*.....100

5.3.3 Relações assimétricas ascendentes: de *Vossa Excelência* a *Vossa Senhoria*.....102

5.3.4 - Relações simétricas: de *Vossa Senhoria* a *Vossa Mercê*.....107

6. As Formas tratamentais em cartas com contato lingüístico.....111

7. Considerações finais.....125

8. Referências Bibliográficas.....128

Índice de Quadros, Tabelas e Figuras

Tabela I. Sistema tratamental do Uruguai no século XIX (extraído de Bertolotti (2004)).....	27
Tabela II. Sistema tratamental atual do Uruguai (extraído de Bertolotti (2004)).....	28
Quadro 1. Quadro dos níveis de linguagem proposto por Koch (2007).....	39
Quadro 2. Esquema das Tradições Discursivas.....	40
Quadro 3. Cartas públicas e privadas na amostra hispânica.....	47
Quadro 4. Cartas públicas e privadas na amostra portuguesa.....	47
Quadro 5. Cartas públicas e privadas na amostra com contato lingüístico.....	48
Quadro 6. Perfil comunicativo das cartas públicas e privadas da região de Taquarembó.....	52
Quadro 7. Estratégias lingüísticas nas cartas pública e privada da região de Taquarembó.....	52
Tabela III. Cartas de circulação pública e privada em cartas hispânicas e portuguesas..	60
Tabela IV. Formas Nominais e Pronominais de tratamento utilizadas em correspondências de circulação pública e privada.....	61
Tabela V. Sujeito preenchido e não preenchido em cartas hispânicas oitocentistas.....	70
Tabela VI. Formas tratamentais em função das relações sociais entre os interlocutores: amostra espanhola.....	73
Tabela VII. Formas tratamentais em função das relações sociais entre os interlocutores: amostra portuguesa.....	99
Quadro 8. Quadro de formas lingüísticas encontradas na carta com contato lingüístico.....	114
Quadro 9. Quadro de formas lingüísticas encontradas na carta com contato lingüístico.....	117
Quadro 10. Quadro de formas lingüísticas encontradas na carta com contato lingüístico.....	120
Quadro 11. Quadro de formas lingüísticas encontradas na carta com contato lingüístico.....	122

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho orienta-se para o estudo das formas nominais e verbo-pronominais de tratamento identificadas em um *corpus* constituído por cartas oitocentistas de circulação pública e privada escritas vivia numa região de fronteira entre o Brasil e o Uruguai em Taquarembó, região fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Tal região se caracteriza pelo contato lingüístico entre o português e o espanhol. A amostra a ser analisada foi editada por Bertolotti *et al* (2005) na obra “*Documentos para la historia del portugués en el Uruguay: transcripciones y facsimilares*”.

Numa leitura prévia das fontes documentais, observa-se que as cartas, variando de acordo com o período em que foram escritas, possuem maior ou menor incidência de traços lingüísticos da língua portuguesa ou do espanhol. Alguns documentos de 1833 a 1856 foram escritos, na íntegra, em português e outros apresentam, eventualmente, expressões e outras características lingüísticas típicas do português. Já a documentação de fins do século XIX está, em sua maioria, redigida em espanhol, assim como todos os documentos oficiais, inventários, causas judiciais que passaram a ser registradas, necessariamente, em espanhol. É importante ressaltar que o nosso *corpus* de análise está composto por missivas escritas somente em português, doravante **(P)** ou em espanhol **(E)**, e eventualmente por correspondências que apresentam algum tipo de contato do português e do espanhol: doravante **(E(p))** e **(P(e))**.

Tendo em vista a própria natureza da amostra, o objetivo do trabalho é, num primeiro momento, separar os documentos escritos exclusivamente em cada uma das duas línguas (espanhol e português) daqueles em que há contato lingüístico, a fim de verificar se há divergências e convergências quanto às formas de tratamento utilizadas em cada sub-amostra: cartas escritas somente em espanhol, somente em português, ou em cartas com contato lingüístico (espanhol ou português). Além disso, pretende-se verificar se as estratégias tratamentais identificadas em cada sub-amostra exclusiva do espanhol (E) e do português (P) correspondem ao que se conhece do sistema tratamental das duas línguas no século XIX.

Em termos gerais, além da análise quantitativa dos dados, busca-se explicitar: i) as relações sociais implicadas na utilização dessas estratégias verbo-pronominais e nominais de tratamento; ii) os fatores sócio-pragmáticos que influenciam na seleção das formas de tratamento; iii) os casos de sujeito explícito nas formas verbo-pronominais de tratamento frequentes na amostra espanhola; e iv) caracterizar o nosso *corpus* de análise, para sabermos com que tipo de cartas e/ou documentos estamos trabalhando.

A literatura sobre as formas de tratamento no português e no espanhol é bastante vasta. Dentre estes trabalhos destacam-se Carricaburro (1997), Fontanella de Weinberg (1999), Lopes (2004) e Cisneros Estupiñán (2005), Rumeu (2004), Romera Castillo (1981); Ly *apud* Koch (2008), Amaral (2003), Koch (2007), Bertolotti (2008), Lopes et al (2008), entre outros.

Para mapear o uso destas estratégias de tratamento, os dados foram analisados com base na dicotomia do *Poder e Solidariedade* proposta por Brown e Gilman (1960), associada à Teoria da Polidez discutida por Brown e Levinson (1987). Com o intuito de estabelecer certas generalizações descritivas sobre o uso das formas tratamentais nas missivas analisadas, partiu-se de uma análise de cunho mais quantitativo, aliada a comentários qualitativos alicerçados no viés da sócio-pragmática.

Este estudo está dividido em seis capítulos, além dessa apresentação e das considerações finais. No capítulo 2, faz-se uma descrição do objeto de estudo, apresentando um breve histórico sobre as estratégias de tratamento ao interlocutor em espanhol e português. Busca-se, sobretudo, compreender o sistema de tratamento espanhol e português vigente no século XIX, partindo de alguns estudos sobre as formas tratamentais a partir do século XVI.

O capítulo 3 apresenta os pressupostos teórico-metodológicos sobre os quais está alicerçado o presente trabalho. O capítulo inicia-se com a *Teoria de Poder e Solidariedade* proposta por Brown e Gilman (1960), em seguida, envereda-se pela *Teoria da Polidez* de Brown e Levinson (1987) e pela discussão dos estudos sobre *Tradição Discursiva* de Kabatech (2006), principalmente com relação aos conceitos de *Concepção Discursiva*, buscando caracterizar da melhor forma possível nosso *corpus*.

No capítulo 4, referente aos resultados alcançados nas correspondências de circulação pública e privada escritas em espanhol, desenvolve-se a análise geral das estratégias, descrevendo quantitativa e qualitativamente o comportamento em termos das frequências de uso das formas verbo-pronominais e nominais na amostra. Analisam-se os dados a partir de uma perspectiva pragmática, buscando explicar os empregos tratamentais tendo em vista as relações sociais estabelecidas entre os remetentes e destinatários das cartas hispânicas.

No capítulo 5, descreve-se o uso das formas de tratamento encontradas em cartas de circulação pública e privada, escritas somente em português, seguindo a mesma perspectiva e critérios adotados no capítulo anterior. No capítulo 6, desenvolve-se a análise sócio-pragmática de uso de estratégias tratamentais em cartas que apresentam

algum tipo de contato lingüístico (português ou espanhol). A metodologia utilizada para distinguir o português e o espanhol, nessas cartas de contato, foi a diferença de vocábulos, ou seja, a distinção ortográfica entre as duas línguas. Por fim, apresentam-se as considerações finais sobre o assunto estudado. Nesta parte, tenta-se retomar as hipóteses e os objetivos, confrontando-os com os resultados obtidos.

2 – REVENDO BREVEMENTE O TEMA

2.1 - O sistema tratamental Português: breves referências históricas

Com relação à Língua Portuguesa, há diversos autores que buscam resgatar a estruturação histórica do quadro das formas nominais, pronominais e verbais de tratamento. Cintra (1972) analisa a correlação entre as formas de tratamento do português e o contexto histórico-social da sociedade portuguesa ao longo dos séculos. Na tentativa de reconstruir as origens das formas de tratamento, o autor afirma que entre o final do século XIII e o início do XIV, dava-se preferência à utilização da forma *Tu*, para situações íntimas, e da forma *Vós*, em situações de maior cortesia. Até princípios do século XV, o pronome de tratamento *Vós* representou a forma de tratamento cerimoniosa preferida pela realeza portuguesa para se referir a um único indivíduo. Wilhelm (1979) admite que o *Vós* foi pronome de distância recorrente como forma de tratamento cortês para com o rei de Portugal no período de 1331 até 1490.

As estratégias nominais de tratamento surgem em virtude do desuso da fórmula de tratamento *Vós*. Cintra (1972) consegue detectar, ainda que esporadicamente nas *Crônicas de Fernão Lopes* dos séculos XIV e XV, ocorrências de *Vossa Mercê*, em 1394, de *Vossa Alteza*, em 1455, e de *Vossa Senhoria*, em 1442. Quanto à sua origem, Wilhelm (1979) e Cintra (1972) defendem a provável proveniência espanhola da forma *Vossa Mercê*, vigorando na sociedade lusitana, desde 1455 até 1580. A origem das formas nominais de tratamento *Vossa Alteza* e *Vossa Senhoria* são atribuídas à origem italiana, manifestando-se na comunidade lingüística do português europeu a partir de 1442 e 1453, respectivamente. Com relação à *Vossa Excelência* e *Vossa Majestade*, acredita-se que as suas primeiras manifestações tenham se dado a partir de 1455 a 1597, respectivamente, na comunidade lingüística do português europeu.

De acordo com Santos Luz (1958), acredita-se que o surgimento dessas formas indiretas de tratamento – *Vossa Mercê*, *Vossa Alteza*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência* – conduziu a um rearranjo no sistema de tratamento da língua portuguesa, uma vez que evocam a 2º pessoa do discurso, embora manifestem relação de concordância gramatical com a 3º pessoa do singular.

Os motivos para desuso do pronome de tratamento *Vós* como uma demonstração de polidez para com a realeza portuguesa devem ser entendidos, segundo Cintra (1972), a partir do *contexto histórico-social* de Portugal nos séculos XV e XVI. Em termos sociais, há de admitir que a *corte* e a *nobreza* foram as responsáveis pela adoção e a

posterior degradação das polidas formas nominais de tratamento cortês na sociedade portuguesa, visto que desejavam estabelecer lingüisticamente, uma diferenciação hierárquica entre as diferentes camadas da pirâmide social. Essa tentativa de consolidação de uma sociedade hierarquizada expressa o desejo de manutenção das *relações sociais de poder* entre a realeza portuguesa e seus súditos a partir da efetiva instauração de um relacionamento interpessoal assimétrico.

Em fins do século XV e início do XVI, a sociedade portuguesa de origem feudal reorganizou-se a partir do surgimento de uma nova classe social – a burguesia – voltada para o comércio. Assim, além do clero e da nobreza, essa nova classe social passou a compor a pirâmide social portuguesa. O fato de o monarca português ter tido que dividir o “poder” do cenário social com a burguesia conduziu à reestruturação das relações interpessoais de modo que as formas de tratamento deveriam enaltecer, preferencialmente, a soberania do rei em relação às demais camadas sociais. A preocupação em deixar evidente a hierarquia social por meio de formas de tratamento era tão relevante que foram instituídas, na segunda metade do século XV, leis de cortesia em 1586, por Felipe II, na Espanha e, em 1597, por Felipe I, em Portugal.

Conforme a legislação imperial, Felipe I estabelece, em Portugal, as formas nominais de tratamento *Vossa Majestade* para o Rei e para a Rainha, *Vossa Alteza* para Príncipes e seus sucessores, *Vossa Excelência* para sucessores dos *Infantes* e para o *Duque de Bragança* e *Vossa Senhoria* para o Clero e autoridades do Império Português. A forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* não tinha seu contexto de aplicação especificada através das *leis de cortesia*, mas tal forma de tratamento já havia se disseminado pela nobreza e também pela burguesia portuguesa, comportando-se como uma estratégia de tratamento formal que se opunha ao informal *Tu*.

Em relação à forma de tratamento *Vossa Mercê*, pode-se afirmar que talvez essa seja a expressão nominal que mais alterou o seu valor semântico-pragmático ao longo dos tempos. No início, evidencia-se uma clara referência à *benignidade* do rei como traço inerente à pessoa humana que detém o *Poder* no regime monárquico português. Segundo Said Ali (1937:139), quando se empregava a forma *Vossa Mercê*, objetivava-se, através de uma associação metonímica, evocar, sobretudo, a justiça e a benevolência do monarca soberano para com seus servos.

Determinado pelo pronome possessivo de cerimônia *Vossa*, o substantivo *Mercê* – originário do latim que na língua portuguesa assumiu o sentido de *graça*, *benefício*, *proteção e mercadoria* – propagou-se como *Vossa Mercê*, forma de tratamento

cerimonioso para com o rei na sociedade portuguesa no século XV (1460) (cf. Cintra 1972). O autor afirma que, a partir de 1490, a forma nominal de tratamento deixa de ser empregada como referência, única e exclusivamente, ao monarca português, passando a figurar como uma forma de tratamento compartilhada também por duques, infantes, em seguida, por fidalgos e no século XVI por componentes da burguesia. Em termos lingüísticos, observa-se que, dentre as formas nominais de tratamento que surgiram por desuso do pronome *Vós*, está a fórmula de tratamento *Vossa Mercê* que, lenta e gradualmente, evoluiu até constituir a forma pronominal *Você* em português.

Com relação às formas nominais de tratamento utilizadas no Brasil no século XIX, Nascentes (1950) divide tais fórmulas de tratamento em três tipos: (1) *tratamentos oficiais respeitosos*, (2) *tratamentos a pessoas da classe eclesiástica* e (3) *tratamentos da vida comum*. Dessa maneira, o autor afirma que as formas nominais *Vossa Excelência* e *Vossa Alteza* se aplicavam aos membros da Corte Portuguesa, constituindo-se, assim, como formas usadas para manifestar, através do discurso, a soberania da Coroa em relação aos seus súditos. Ainda em relação às formas de tratamento respeitoso em vigor na língua portuguesa do XIX, apresentava-se a expressão *Vossa Alteza* que se aplicava aos príncipes e princesas da Casa Real Portuguesa.

A forma nominal *Vossa Senhoria* constituía expressão cerimoniosa de tratamento a pessoas ilustres da sociedade, tais como desembargadores, barões, brigadeiros. Entretanto, a partir de um decreto, em 1861, tem-se a determinação de uso de *Vossa Senhoria* como forma nominal de tratamento cortês entre generais oficiais do Exército e da Armada. Generalizou-se, assim, com a República Brasileira, o uso de tal forma para o tratamento de cortesia entre cidadãos da sociedade.

A forma de tratamento *Vossa Mercê* é apresentada por Nascentes (1950) como uma forma de tratamento de respeito em vigor no Brasil dos séculos XIX e XX. Trata-se de uma expressão destinada ao tratamento de coronéis, tenentes-coronéis, majores, capitães, tenentes e alferes, conforme autorização legal estabelecida em 02 de agosto de 1842. O pronome *Vós* somente sobrevive na língua escrita, o que aponta para o seu desuso como forma de tratamento cortês na dinâmica das relações interpessoais travadas no Brasil do XIX e XX.

- Estudos recentes sobre o tema

A evolução assumida por *Vossa Mercê* até originar *Você* no português é tema recorrente em vários estudos com base em distintas amostras. No que se refere especificamente aos séculos XVIII e XIX, período em que foram escritas as cartas que compõem nosso *corpus* de estudo, temos os trabalhos de Lopes e Duarte (2003a) e (2003b); Rumeu (2004); Marcotulio (2008).

Lopes e Duarte (2003b), ao analisarem os *corpora* formados por cartas pessoais e por peças populares produzidas em Portugal e no Brasil dos séculos XVIII e XIX, tentaram refletir sobre o processo de gramaticalização de formas nominais em português, analisando a evolução de *Vossa(s) Mercê(s) > Você – Vocês* em alternância com as formas pronominais *Tu – Vós*. Em uma análise quantitativa, as autoras constataram que, no *corpus* composto por peças populares escritas no Brasil, a forma *Você*, em fins do século XIX, invade o sistema pronominal em concorrência com *Tu*. Nas peças escritas em Portugal, por sua vez, a forma pronominal *Tu* começa a se sobrepor a outras estratégias de tratamento, mostrando-se mais produtivas na passagem do século XVIII para o XIX. Já nas cartas pessoais produzida no Brasil, observa-se uma baixa frequência de uso de *Vossa Mercê* no século XVIII, seguida de sua ausência significativa no século XIX. As formas pronominais *Tu* e *Você*, já no século XVIII, iniciam uma tímida concorrência.

Na tentativa de integrar a análise das formas de tratamento usuais em cartas não-oficiais brasileiras setecentistas e oitocentistas em função das relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário, Lopes e Duarte (2003a) concluem, entre outras coisas que: i) nas relações assimétricas, prevaleceram o uso mútuo do pronome *Tu* (T/T) – 72%, contrapondo-se às relações sociais [-íntimas], nas quais se detecta maior frequência de *Vossa Mercê* – 61% – em relação às outras formas de tratamento – *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência* – 39%; ii) em virtude do processo de dessemantização sofrido por *Vossa Mercê*, a forma gramaticalizada *Você*, mostrou-se extremamente produtiva nas relações sociais assimétricas de superior para inferior, principalmente nas cartas pessoais; e iii) a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* mostrou-se frequente nos séculos XVIII e XIX nas relações sociais assimétricas de inferior para superior.

Tentando obter um panorama mais abrangente sobre o sistema tratamental no Brasil do XVIII e do XIX, recorreremos aos estudos de Rumeu (2004) que estão voltados,

basicamente, para a análise das formas pronominais e nominais de tratamento em cartas oficiais e não-oficiais escritas no Rio de Janeiro setecentista e oitocentista.

Confrontando-se as formas nominais de tratamento em relação aos séculos XVIII e XIX, é possível evidenciar que o século XIX é o período em que se apresentou uma maior diversidade de formas – *Vossa Excelência*, *Vossa Mercê*, *Senhor*, *Vossa Senhoria* e *Vossa Majestade* – em oposição ao século XVIII – em que as duas últimas fórmulas de tratamento não foram localizadas na amostra da autora. Dentre as estratégias nominais de tratamento, constata-se que *Vossa Excelência* é o recurso mais propagado nos *corpora*, com maior incidência de uso nas cartas do século XVIII – 53% – do que no século XIX, 32%. Nesse último período, verifica-se uma concorrência equilibrada entre as estratégias utilizadas. É interessante observar que tal forma de tratamento apresenta-se com alta produtividade nas cartas oficiais dos dois períodos analisados – 83% no século XVIII, e 55% no século XIX. Apesar de a forma *Vossa Excelência* manifestar-se tanto nas cartas oficiais quanto nas não-oficiais, constata-se que a sua frequência de uso é mais significativa nas cartas cujo grau de formalismo é maior.

Com relação à forma *Vossa Excelência*, a autora identificou 83% de ocorrências de tal estratégia de tratamento nas cartas oficiais em oposição a 13% em cartas não oficiais. Já no século XIX, constatou que tal forma de tratamento se manifesta, preferencialmente, em documentos com maior grau de cerimônia; todavia é possível detectar o uso dessa estratégia em duas cartas não-oficiais.

No que se refere à forma nominal de tratamento *Vossa Mercê*, a autora constatou uma ligeira diferença de comportamento, quando confrontados os dois períodos em análise: no século XVIII, tal estratégia é a mais produtiva nas cartas não-oficiais com 19% de frequência, em contrapartida, no século XIX, *Vossa Mercê* (23%) concorre com *Vossa Senhoria* (32%). De acordo com os resultados de que nos servem como hipóteses a serem testadas na nossa amostra, Rumeu (2004) verificou que, tanto no século XVIII quanto no XIX, *Vossa Mercê* se mostrou mais frequente em cartas não-oficiais, evidenciando, dessa maneira, o processo paulatino e gradual de dessemantização pelo qual a forma nominal perpassou.

No que diz respeito à *Vossa Senhoria*, verificou que, embora tal estratégia ocorra tanto nas cartas oficiais, quanto nas não-oficiais, se trata do recurso mais recorrente em textos de menor grau de formalismo – 32% dos dados. A concorrência entre as formas *Vossa Senhoria* e *Vossa Mercê*, identificada em cartas oitocentista, se dissemina com

maior índice percentual nas cartas não-oficiais, o que já a evidencia como recurso produtivo em textos dotados de um menor grau de formalismo.

De forma geral, a partir da análise de Rumeu (2004) pode-se afirmar que as formas nominais *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria* foram concebidas, inicialmente, como estratégias formais de tratamento para com a realeza portuguesa. Porém, depreende-se que tanto *Vossa Excelência* quanto *Vossa Senhoria* tem a sua frequência de uso ampliada para outras esferas sociais, mantendo-se ainda produtivas em textos cujo grau de formalismo é maior (se comparado com *Vossa Mercê*).

No que se refere às formas pronominais levantadas nos *corpora*, a autora identificou um número irrisório de dados, em função do teor impessoal das cartas não-oficiais que constituem a amostra. O pronome *Tu* se manifestou tanto no século XVIII, quanto no século XIX, em cartas não-oficiais. A única ocorrência de *Tu*, em uma carta oficial, apresentou-se como mais uma evidência da *mistura de pronomes*.

No século XVIII, as 11 ocorrências de *Tu* foram identificadas em duas cartas não-oficiais escritas pelo *Marquês do Lavradio* para o seu irmão, *Conde de São Vicente*. No século XIX, houve ocorrências de *Tu* em cartas pessoais, referendando o caráter de informalidade que tal forma deixou transparecer em cartas não-oficiais

Ao tratar do comportamento das formas nominais e pronominais de tratamento em função das relações sociais perceptíveis entre remetente e destinatário em cartas escritas no Rio de Janeiro no século XVIII e XIX, Rumeu (2004) chegou às seguintes conclusões: i) no século XVIII, a forma *Vossa Excelência* se mostrou mais produtiva nas relações sociais assimétricas ascendentes (de inferior para superior) – 71% das das ocorrências; já no século XIX houve predomínio do emprego de tal forma em relações sociais simétricas – 61% das ocorrências; ii) em cartas setecentistas, a maior parte das ocorrência de *Vossa Mercê* – 63% – foi identificada em relações sociais simétricas; em cartas oitocentistas, observa-se a presença de *Vossa Mercê*, *Você* e *Tu* somente nas cartas não-oficiais em que se identificam relações sociais simétricas entre membros de uma mesma classe social alta; iii) a forma nominal de tratamento *Vossa Senhoria* só foi identificada na amostra oitocentista, apresentando-se com maior frequência de uso nas relações sociais assimétricas ascendentes – 54% das ocorrências; contudo tal estratégia também foi recorrente em relações simétricas entre membros de um mesmo grupo social (classe alta) – 46%.

Marcoltulio (2008) ao analisar as estratégias tratamentais em um *corpus* formado por cartas setecentistas de autoria do Marquês do Lavradio. Nesse trabalho, o

autor tentou controlar o perfil sociolinguístico do seu “informante”, nesse caso, o Marquês do Lavradio, identificando sua origem, idade, nível sócio-cultural, papel social e etc.

Com relação aos seus resultados, podemos observar, numa visão geral, que, no que se refere à esfera de circulação das cartas, observa-se um comportamento diferenciado das frequências de uso no âmbito público em relação ao privado. As relações mediadas em torno ao eixo do poder apontam para uma maior utilização da forma pronominal *tu* (61%), e um destaque secundário para a forma *Vossa Excelência* (22%). Nessas relações, verifica-se uma taxa mais significativa para a forma *Vossa Senhoria*, com 13% das ocorrências e o uso bastante restrito da forma *ocê*, com somente 1% do total dos dados. Enquanto nas cartas da esfera pública predominam *tu* (61%) seguido de *Vossa Excelência* (22%) e *Vossa Senhoria* (13%), nas cartas privadas há certo equilíbrio entre as estratégias empregadas, embora também predomine *tu* (39%), contra 28% de *Vossa Excelência* e 22% de *ocê*.

Ainda de acordo com Marcoltulio (2008), nas relações assimétricas ascendentes na esfera pública, *Vossa Excelência* apareceu como a única estratégia empregada. Nas relações simétricas, há maior diversidade de formas e, nesse tipo de relação, a forma *tu* apresenta maiores índices de frequência (72%), seguido por *Vossa Excelência* (15%) e *Vossa Senhoria* (11%). Nas assimétricas descendentes, só ocorrem formas nominais: *Vossa Senhoria* (73%) seguida por *Vossa Mercê* (27%). Os resultados gerais confirmam as hipóteses de que as formas nominais aparecem, mais frequentemente, nas relações assimétricas ascendentes, ao passo que as pronominais são mais produtivas nas simétricas.

2.2 - O sistema tratamental Espanhol

Segundo Doppagne (1970) há forças sociais e linguísticas que interagem para estabelecer a expressão de cortesia. No século XVI, o sistema de tratamento do espanhol apresentava o *Vos* e o *Vuestra Merced* como estratégias de *cortesia descendente* e *ascendente*, respectivamente. A forma pronominal *Tú*, que antes figurava como tratamento desrespeitoso, torna-se, no século XVI, tratamento informal nas relações sociais entre iguais. O autor afirma que convivem, nas grandes capitais e, especificamente, no México e em Lima, três sistemas de tratamento: o *Tuteo*, nas capitais e regiões costeiras; o *Ustedeo*, estratégia de tratamento que desestabilizou o

sistema de tratamentos do espanhol e o *Voseo* – estratégia de tratamento considerada arcaizante. Doppagne admite a expressão da cortesia como fenômeno linguístico híbrido que se move ao sabor dos desarranjos político-sociais no interior de uma dada comunidade linguística. Essa consideração do autor é construída em consequência de vigorarem na América Hispânica três sistemas de tratamento – o *Tuteo*, o *Ustedeo* e o *Voseo*.

Mathieu (1982) analisa as principais formas de tratamento respeitoso – *Vos* e *Vuestra Merced* – e as formas de tratamento de confiança – *Tú* e *Vos* –, utilizados na América durante o século XVI e a primeira metade do século XVII. Acredita o autor que, nesse período, tenha surgido *Vuestra Merced* em consequência do desuso de *Vos*. A análise de Mathieu incidiu sobre o espanhol e sobre algumas línguas crioulas, tecendo, em síntese, as seguintes considerações finais: o surgimento de *Vuestra Merced* e o inevitável e progressivo desuso de *Vos* em certas regiões, em finais do século XVI e inícios do século XVII acarretaram a funcionalidade do *Tú*, reduzindo-o ao trato de pessoas no nível mais baixo da hierarquia social. O *Vos*, na América Hispânica, é considerado como forma de tratamento ofensivo para os sacerdotes e predomina sobre o *Tú* em princípios do século XVII, em Bogotá.

No que diz respeito ao desaparecimento de *Vos*, Mathieu admite a hipótese de que a distância existente entre *Usted* e *Tú* é maior do que a que existia entre *Vos* e *Tú* no século XV. Segundo o autor, tem-se uma hipótese difícil de provar, mas que pode sugerir indícios de que, em algumas regiões da América Hispânica, se tenha dado predominantemente preferência a *Usted* por considerar *Tú* mais informal em relação à forma *Usted*. Apesar de a forma final do processo de gramaticalização de *Vuestra Merced* – *Usted* – ainda resguardar certo grau de polidez, não pode ser considerada uma forma de tratamento com alto teor de cerimônia, visto que absorveu traços de *Tú*, generalizando-se, assim, como estratégia de tratamento preferida no espanhol atual. No espanhol de Bogotá, o autor detecta o uso de *Usted* entre membros de uma mesma classe social e em relações sociais de superior para inferior, ao passo que o *Tuteo* somente se dá em relações sociais marcadas pela informalidade.

O estudo de Fontanella de Weinberg (1970) incide sobre a evolução das estratégias de tratamento no espanhol bonaerense, atentando para a primeira década do século XX, por se tratar de época marcada por transformações econômicas, avanços na industrialização, acelerado processo de urbanização na Argentina. A autora também assume, como ponto de partida para a sua investigação, o estudo de Brown & Gilman

(1960) e sua análise incide sobre um *corpus* composto por peças teatrais produzidas no período em análise. Considerando as limitações de um trabalho com textos literários, a autora se propõe a tecer considerações acerca da evolução das estratégias de tratamento nas principais relações familiares e em algumas relações sociais.

No âmbito familiar, mais especificamente nas relações travadas entre pais e filhos, Fontanella de Weinberg (1970) identifica a coexistência de dois tipos de formas de tratamento: o uso recíproco de *Vos – Vos* e o uso assimétrico de *Usted – Vos*. A convivência dessas duas formas de tratamento entre pais e filhos aponta para uma etapa intermediária entre uma época anterior em que era recorrente o uso de *Usted – Vos* como formas de tratamento entre os falantes da classe alta e a atual frequência de *Vos* por parte dos jovens em relação aos pais, desvinculando-se da noção de status social. As relações sociais tornaram-se mais solidárias no espanhol bonaerense. Nas relações familiares, observou-se a tendência inovadora expressa através do uso de *Vos – Vos* entre pais e filhos nas classes altas e médias urbanas e entre jovens o uso de *Vos* recíproco. Em relação ao tratamento entre Tios e Sobrinhos, havia o predomínio do tratamento assimétrico *Usted – Vos* que também se manifestava a partir do tratamento recíproco *Vos – Vos*. O tratamento entre esposos, irmãos, primos por meio do mútuo *Vos* manteve-se inalterado até fins do século XX.

Em conformidade com a análise de Fontanella de Weinberg, as demais relações sociais sofreram transformações nos últimos setenta anos do século XX. O tratamento entre jovens que, em inícios dos anos 70, se dava por *Usted – Usted*, independentemente de fatores como idade e sexo, expressava-se, em fins do século em análise, por *Vos – Vos*. Nas relações afetivas, a autora observou que os pretendentes a um relacionamento amoroso mantinham, no início do século XX, *Usted* como forma tratamental mútua. Já em relações afetivas, em que o compromisso era estabelecido por um noivado, a relação entre os noivos expressava-se através de *Vos* recíproco.

Em síntese, Fontanella de Weinberg admite que as relações familiares manifestavam-se, em inícios do século XX, a favor da expressão do *Poder* em detrimento da *Solidariedade*. Em fins do século XX, a autora constata a preponderância de relações *solidárias*. No âmbito das relações afetivas, tem-se a passagem de relações formais e recíprocas para relações formais que denotam maior grau de proximidade entre os interlocutores. A comparação entre as estratégias de tratamento usadas, em inícios e fins do século XX, permitiu evidenciar um sistema de tratamento condicionado

socialmente – relações sociais entre pais e filhos – e geracionalmente – relações sociais entre tios e sobrinhos – e entre noivos.

- O sistema tratamental da América Hispânica

Ao discutir a origem e funcionalidade da *cortesía*, no que diz respeito às formas de tratamento do espanhol, Albert Doppagne (1970) o faz a partir de considerações morfológicas e socioculturais. Além disso, tece ponderações acerca do espanhol na América e comparações sobre o *tutear* e o *vosear* em domínios lingüísticos de outras línguas.

Considerando que o sistema latino privilegiava o uso da 2ª pessoa do singular – *Tu* – para fazer referência a um único interlocutor e a 2ª pessoa do plural – *Vós* – para fazer referência a vários interlocutores ou a magnanimidade de um único interlocutor, Doppagne (1970) admite que as fórmulas de cortesía, historicamente, significaram um rompimento com o sistema de tratamento da cultura latina. Assim sendo, o autor se propõe a expor, resumidamente, as estratégias de cortesía pensadas para o espanhol, compondo uma visão panorâmica das relações sociais que embasam os tratamentos de cortesía.

O tratamento cortês, em espanhol, é licenciado por relações interpessoais que se dão de superior para inferior – *cortesía descendente* –, de inferior para superior – *cortesía ascendente* – e as que são travadas entre indivíduos de um mesmo nível social – *cortesía de mesmo nível social*. Doppagne admite que as novas feições assumidas pelas formas de cortesía nos eixos diacrônico e diastrático podem ser analisadas a partir de uma perspectiva morfológica, tendo em vista as propriedades de *número*, *pessoa* e *gênero*. No que diz respeito ao *número*, observa-se que em latim o ato de se tratar um único interlocutor com o pronome de 2ª pessoa do discurso em sua forma pluralizada – *Vós* – funcionava como estratégia lingüística respeitosa. Trata-se de uma forma de exaltar a superioridade do ser sobre o qual recai a responsabilidade de dominar soberanamente uma nação.

Em relação ao traço de *pessoa*, o autor verifica o caráter de *descortesía* atribuído à 2ª pessoa do discurso – *Tu* – em oposição ao caráter *cortês* com que é concebida a 2ª pessoa do plural – *Vós*. O traço de *gênero* feminino pode ser identificado nas estratégias corteses de referência à 2ª pessoa do discurso – *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Vossa Alteza*, *Vossa Reverência*, *Vossa Mercê* –, expressando-se em

relação de concordância entre o pronome *Vossa* e o *Nome – Majestade, Senhoria, Alteza, Reverência, Mercê* – que ressalta a autoridade real.

Ao discutir a alternância *Tú/Usted* no espanhol atual, Arroyo (1994) remete à teoria do *Poder e Solidariedade*² para afirmar que, a partir da segunda metade do século XX, as *relações sociais* estabelecidas sob o viés do *Poder* têm se transformado em *relações solidárias* como consequência dos triunfos democráticos no mundo ocidental.

Blas Arroyo (1994) defende que as formas pronominais *Tú/Usted* constituem as manifestações de *Poder* e de *Solidariedade*, respectivamente, é uma conclusão simplista, uma vez que os falantes interagem numa sociedade que se apresenta vinculada a um dado contexto histórico-social. Há uma reelaboração progressiva dos sistemas de tratamento no espanhol: fase inicial – tratamento recíproco por *Usted*, fase intermediária – tratamento assimétrico por *Tú – Usted* (na relação social estabelecida entre vendedor - cliente, respectivamente), fase final – tratamento recíproco – *Tú*. O autor ressalta a importância da abordagem interacional atribuída à eleição de estratégias de tratamento feita pelos falantes no discurso.

Especificamente sobre o espanhol do Uruguai nos séculos XVIII e XIX, há os estudos de Bertolotti (2004)³. No seu estudo de 2004, a autora afirma que o sistema de tratamento singular que caracterizou o Uruguai na época colonial (ao longo do século XVIII e início do XIX) foi o seguinte: *Tú* para o tratamento solidário ou mais íntimo; *Vuestra Merced* para manifestar relações de distância ou relações nas quais o poder é um fator determinante, e a forma *Usted* esporadicamente documentada. Para o final do século XX e início do XXI, a autora já observa a mudança do paradigma pronominal e detecta ocorrência de *Vos* em contextos mais íntimos. Para maior esclarecimento, segue a tabela, em que estão dispostos o sistema tratamental oitocentista e atual no Uruguai.

	Proximidade	Distanciamento
Singular	<i>Tú/Vos</i>	<i>Vuestra Merced / Usted</i>

Tabela I – Sistema tratamental do Uruguai no século XIX (extraído de Bertolotti (2004))

² Os pressupostos teóricos de Brown & Gilman (1960) serão discutidos no próximo capítulo.

³ Ver Bertolotti (2004) *Tuteo e Voseo pronominal en el Uruguay durante el siglo XIX*.

	Proximidade	Distanciamento
Singular	<i>Tú/Vos</i>	<i>Usted</i>

Tabela II – Sistema tratamental atual do Uruguai (extraído de Bertolotti (2004))

Bertolotti observa que, no final do século XX e início do XXI, a maioria dos falantes urbanos do território uruguaio tem duas opções para dirigir-se a segunda pessoa do discurso em termos mais solidários e íntimos: *Tú* e *Vos*; e uma única forma para fazer referência a alguém pouco conhecido ou a quem está psicológica, cultural ou socialmente subordinado: *Usted*. No século XIX, apesar de se ter verificado o emprego de formas verbo-pronominais de tratamento que direcionavam ao emprego atual dessas estratégias, a autora afirma que no Uruguai oitocentista as maiores mudanças estão no reaparecimento do *Vos* (utilizado em contextos de maior proximidade entre os interlocutores) e o crescimento no uso de *Usted*, em detrimento de *Vuestra Merced*.

Ainda de acordo com a autora, a manifestação do tratamento não se limita ao pronome, mais também pode ser marcado no espanhol por meio das formas verbais. A combinação pronome (*tuteante* ou *voseante*) e verbo (*tuteante* ou *voseante*) apresentam quatro possibilidades lógicas:

- i) Tipo A (*Tú/Tú*) – *Tú tienes*;
- ii) Tipo B (*Tú/Vos*) – *Tú tenés*;
- iii) Tipo C (*Vos/Tú*) – *Vos tienes*;
- iv) Tipo D (*Vos/Vos*) – *Vos tenés*.

As possibilidades nomeadas como A e D constituem formas “puras”, na medida em que tanto o pronome como o verbo pertencem ao mesmo paradigma na língua padrão. É importante salientar que a forma A é a única da qual se tem registro no Uruguai setecentista; as formas B e D são usuais no espanhol *estándar* atual no Uruguai. As formas do tipo C, distante do espanhol contemporâneo oriental, se detectam ao longo do século XIX. A forma *Vos* não se registra como tratamento informal durante o século XVIII, entretanto, na segunda metade do século XIX, começa a aparecer em contextos de solidariedade.

As formas verbo-pronominais *voseantes* que aparecerão a partir da segunda metade do século XIX, sejam do tipo D ou do tipo C, se referem, sem dúvida, a uma mudança em processo, em que a presença da estratégia *Vos* surge através do pronome e se estende ao

paradigma verbal. Dessa forma, a autora explica o escasso registro de formas pronominais *voseantes*, uma vez que o espanhol é uma língua de sujeito não obrigatório, e as emissões de falantes que usavam a forma C, não poderiam ser detectadas como traços de *voseo*.

Em termos gerais, Bertolotti (2004) afirma que as formas *voseantes* funcionavam, ao longo do século XIX, como mitigadores e/ou atenuadores de atos de ameaça à face do interlocutor. Os atos de pedidos, de ordens, sugestões, solicitações, em termos de Brown & Levinson (1967) são atos que ameaçam a imagem do interlocutor, e o remetente com a intenção de minimizar, atenuar e/ou reparar essa ameaça pragmática passa a tratar o seu destinatário de forma mais cerimoniosa, lançando mão de estratégias *voseantes* de tratamento em vez de utilizar o *tuteo*.

Outro estudo de Bertolotti⁴ (a sair) tenta dar conta do sistema tratamental do Uruguai oitocentista. Para a autora, há uma grande dificuldade em delinear o paradigma pronominal de tratamento recorrente na região, principalmente pelo fato do espanhol ser uma língua de sujeito nulo. Ao comparar a evolução das frequências de uso de formas de segunda pessoa do singular como sujeito explícito ao longo do século XIX, a autora afirma que os índices de sujeito explícito são muito mais altos quando a estratégia de tratamento é *Usted*, principalmente nas últimas décadas do século XIX.

A autora analisa as ocorrências de estratégias verbo-pronominais de tratamento com sujeito explícito, em cartas pessoais divididas em dois momentos distintos ao longo do século XIX - século XIX₁ (1793- 1830) e de século XIX₂ (1872-1905).

Em termos gerais, Bertolotti afirma que, na primeira amostra, o falante opta pelo uso do *Usted* como sujeito pleno em três casos: i) em contexto de identificação, em que o locutor quer destacar a figura do seu destinatário em relação a si mesmo ou a outros participantes; ii) em contextos de cumplicidade, em que o falante acredita que o seu destinatário compartilha da informação proferida num enunciado e iii) em contextos de ordens, nos quais o uso de *Usted* está a serviço de agregar cortesia à atos lingüísticos diretivos. Os usos de *Tú* e *Vos* como sujeitos plenos estão relacionados aos mesmos contextos elencados para o emprego de *Usted*, até mesmo com mitigadores de ameaças pragmáticas por meio de atos diretivos.

⁴ Ver Bertolotti (a sair) *Semántica y pragmática de los usos de usted, tú y vos como sujeto en el siglo XIX en Uruguay*

Na segunda amostra, composta por cartas escritas nos últimos anos do século XIX, a autora afirma que, diferentemente da análise com cartas de 1793 a 1830, as ocorrências de *Usted* como sujeito explícito, em síntese, são no sentido identificador, seja para estabelecer contraste com os participantes, seja para enfatizar o destinatário ou simplesmente para desambigüizar. O uso mais cortês, ou seja, como estratégia atenuadora é esporadicamente detectado. Com relação ao pronome *Tú*, afirma que nesse caso ele é majoritariamente empregado em contextos enfáticos, em que o locutor tem a intenção de enfatizar e/ou destacar a figura do seu destinatário.

As considerações sobre o tema em questão, principalmente os estudos de Rumeu (2004) e Bertolotti (2004, a sair) que analisam, respectivamente, cartas produzidas no Brasil e cartas escritas no Uruguai no mesmo período do *corpus* de nosso estudo, servem-nos como referências gerais e hipóteses básicas a serem testadas.

3 - PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E *CORPUS* UTILIZADO

3.1 A dicotomia Poder e Solidariedade de Brown & Gilman (1960)

O estudo das formas de tratamento está intimamente ligado à investigação das relações estabelecidas entre os participantes da interação. Para entender estas relações se faz necessário discutir a dicotomia *poder e solidariedade*, proposta inicialmente por Brown e Gilman, em 1960, no trabalho *The pronouns of power and solidarity*.

Brown e Gilman apresentam um trabalho dividido em cinco partes principais. As três primeiras dizem respeito à semântica dos pronomes de tratamento. A primeira descreve, de maneira geral, a evolução dos pronomes de tratamento em algumas línguas. A segunda descreve as diferenças, quanto ao seu uso em francês, alemão e italiano. A terceira propõe a sua correlação com a estrutura social. Os dois últimos apartados correlacionam as formas de tratamento com as características do falante. Os autores afirmam que através do pronome de tratamento utilizado é possível identificar o posicionamento político e a classe social do falante. Além disso, a variação de uso estaria relacionada às variações de humor/ânimo ou das atitudes do falante.

Segundo Brown e Gilman (1960), a evolução nos pronomes de tratamento teria começado no latim, língua que tinha o pronome *tu* (*T*) para o singular e *vos* (*V*)⁵ para o plural. *V* começou a ser empregado em sinal de respeito devido à existência de dois imperadores: um em Roma e o outro em Constantinopla. Quando alguém utilizava referido pronome para tratar um dos imperadores referia-se aos dois, pois se buscava manter a unidade do império. Com o passar do tempo *V* foi se tornando forma polida de tratamento, estando diretamente influenciado pelo poder do imperador, enquanto o *T* era utilizado para marcar inferioridade. No período medieval para o tratamento ascendente utilizava-se, então, *V* e para o descendente *T*. Entre iguais das classes superiores empregava-se *V*, enquanto nas classes populares era *T* o pronome utilizado.

Para estes autores, é possível identificar as relações de força entre falante e ouvinte através da análise dos pronomes de tratamento em várias línguas. Segundo

⁵ Faz necessário destacar aqui que quando Brown e Gilman usam *T* e *V* não se referem somente às formas *tu* e *vous* do francês. A abreviação para o pronome de segunda pessoa, *T*, neste caso, representa os pronomes utilizados no trato familiar, na intimidade (como por exemplo o *Tu* do italiano, francês e espanhol, o *Du* do alemão, o *Ty* do russo) e *V* representa os pronomes utilizados como forma não familiar, tratamento polido (como o *lei* do italiano, o *Vous* do francês, o *Usted* do espanhol, o *Sie* do alemão, o *Vy* do russo).

Brown e Gilman (1960), ter *poder* é controlar, em alguma medida, o comportamento do outro. Assim sendo, uma relação de poder, que não é recíproca, ocorre entre no mínimo duas pessoas. Além disso, há algumas “bases” de poder, ou seja, algumas condições prévias que fazem com que uma pessoa tenha mais poder que outra: força física, riqueza, idade, sexo, papéis institucionalizados na igreja, no estado, nas forças armadas ou na família. A partir do momento em que o falante identifica o pólo de poder que ocupa passa a fazer a seleção de formas de tratamentos possíveis, expressando através delas sua superioridade (pólo de mais poder) ou inferioridade (pólo de menos poder). Estas seriam as relações assimétricas.

Além das relações de poder, os pronomes de tratamento também estabelecem as relações *simétricas* e *solidárias*, a partir do contato frequente entre os participantes da interação. Esse contato não é, entretanto, suficiente para estabelecer uma relação solidária uma vez que pode haver uma relação assimétrica e solidária (como a relação entre irmãos, um mais velho e outro mais novo), ou uma relação simétrica e não solidária (relação entre dois patrões). Brown e Gilman (1960) afirmam que, no século XIX, nas relações assimétricas ascendentes predominaria o pronome *V*, enquanto que nas descendentes *T*. Nas relações igualitárias e solidárias a forma elegida pelos falantes seria *T* e nas não solidárias *V*.

Segundo Wardhaug (1998) a evolução do sistema conceptual *Tu/Vous* se direciona do assimétrico *Tu/Vous* para o polido e simétrico *Vous/Vous* e para o mútuo e simétrico *Tu/Tu* em virtude da relevância da *Solidariedade* nas sociedades em geral. O autor admite que a semântica do *Poder* aponta para o uso do *Tu/Vous* e que a mudança para o simétrico *Tu/Tu* solidário, semântica da *Solidariedade*, é uma transformação lingüística recente. Conforme a perspectiva de análise do autor, o simétrico *Tu/Tu* se dá quando as classes baixas ou as classes altas querem se evidenciar democráticas como ocorreu na França com a Revolução Francesa. As sociedades modernas assumem diferentes formas de engendram as dinâmicas do *Poder* e da *Solidariedade* a partir da distinção entre as formas *T/V*, já que as relações sociais não só se movimentam a favor da *Solidariedade*, mas também se manifestam movidas pelo *Poder*.

Considerando a perspectiva teórica de Brown e Gilman (1960), Biderman (1972) admite que as sociedades fechadas na centralização absoluta do *Poder* em torno do rei foram paulatinamente cedendo lugar à *Solidariedade* nas relações interpessoais que se dão no alvorecer da Modernidade. Segundo a autora, as relações sociais estruturadas sob o *Poder* na Península Ibérica foram levadas para a América Latina na época da

colonização. No Novo Mundo, as relações humanas, sob a égide do *Poder*, assumiram o grau máximo da sua manifestação, explicitando-se através da escravidão nas terras ameríndias. As relações de trabalho entre senhor e escravo; as relações familiares entre pais e filhos, marido e mulher e as relações entre homens e mulheres são mantidas de forma assimétrica na América Portuguesa (América Latina).

3.2 – Os atos de linguagem

Em qualquer interação verbal, os interlocutores se comunicam através da realização de atos de linguagem. Dessa forma, antes que se compreenda a teoria que será apresentada, faz-se necessário entender este conceito, já que nem todos os autores os vêem da mesma maneira.

Os atos de linguagem, para Austin (1982) e Searle (1969), são entidades abstratas e isoladas, destacados ao mesmo tempo de seu contexto de atualização e de outros atos que podem precedê-los e segui-los no encadeamento discursivo. Dentro de uma perspectiva interacionista, ao contrário, os atos de linguagem são reinseridos em seu contexto comunicativo. É exatamente nesse ponto que está a originalidade de Brown & Levinson (1987), já que consideram o ato de linguagem em relação ao efeito que eles podem ter sobre as faces das partes presentes, o que, em outras palavras, faria referência ao conceito de ato perlocucionário. Com isso, os autores “reciclam” o conceito de ato de linguagem que vigorava até então e o utilizam como base para sua nova teoria da polidez.

Em concordância, encontramos a opinião de Kerbrat-Orecchioni (2005), para quem o ato de linguagem é uma seqüência lingüística dotada de certo valor ilocutório que pretende operar sobre o destinatário um certo tipo de transformação. É o enunciado efetivamente realizado por um falante, em uma determinada situação, com a intenção de produzir algum efeito sobre o outro.

3.3 - A teoria da polidez idealizada por Brown & Levinson (1987)

Outro modelo que nos servirá de base para a análise do tratamento no *corpus* vincula-se à Teoria da Polidez (Lakoff, 1973; Brown e Levinson, 1978/1987; Leech, 1983; Blum-Kulka, 1987, 1990, 1992; Kerbrat-Orecchioni, 1997, Koch, 2008). Para este trabalho propõe-se a adoção da perspectiva de Brown e Levinson (1978, 1987)

que, apesar de não ser a primeira, é ainda a mais influente como perspectiva basilar das discussões posteriores sobre polidez/cortesia (Eelen, 2001). Para Eelen (2001), Brown e Levinson desejavam com esse estudo explicar como as relações sociais são construídas, fornecendo uma ferramenta lingüística para analisá-las. Ambos não enxergam a polidez apenas como o julgamento que as pessoas fazem umas das outras. “Polidez” não pode ser visto, neste caso, como norma social.

Brown e Levinson (1987), doravante B-L, assim como Lakoff (1973), vêem a teoria da polidez como uma maneira de evitar o conflito. Para Brown e Levinson, entretanto, o tema central vincula-se aos conceitos de *racionalidade* e *face* que são reivindicados pelos autores como sendo características universais de uma *pessoa modelo*. Cada indivíduo possui, assim, um modo de raciocínio que pode ser definido com precisão e que o conduz a adotar as medidas necessárias para alcançar um determinado fim. Um aspecto importante do comportamento racional é a habilidade que qualquer indivíduo tem de pesar diferentes meios para um determinado fim, e escolher aquele que melhor satisfaz os objetivos desejados. Já a noção de *face* está ligada a dois desejos: aprovação perante a sociedade e não ser impedido de realizar seus atos.

Seu modelo da polidez inspira-se diretamente em Goffman (1980), que se baseia nas noções de *face* e de *território*, rebatizados por esses autores, respectivamente, como *face positiva* e *face negativa*. Ao mesmo tempo, os autores, como apresentado neste capítulo, reciclam a noção de *ato de linguagem*, interessando-se pelo efeito que este pode ter sobre as faces dos participantes. A *face negativa* está relacionada ao território, à preservação pessoal e ao direito de não sofrer perturbação. Estão em jogo, assim, a liberdade de ação e a liberdade de não sofrer imposição. A *face positiva* consiste na própria imagem e personalidade, desejada pelos interactantes. Em outras palavras, é a maneira pela qual um indivíduo quer ser visto e aceito socialmente.

Todos os atos que produzimos na interação são, de alguma forma, “ameaçadores” a uma e/ou à outra face dos interlocutores presentes, chamados de *Atos de Ameaça à Face*, doravante AAF. Se os participantes envolvidos no processo interativo têm um *desejo e necessidade de face*, cada um procura conservar intactos, e até mesmo melhorar, suas *faces positiva e negativa*.

Os autores definem polidez como um meio de conciliar o desejo mútuo de preservação das faces com o fato de que a maioria dos atos de linguagem é potencialmente ameaçadora a qualquer uma dessas mesmas faces. A partir de então, o essencial do trabalho de Brown & Levinson (1987) consiste em fazer o inventário

dessas diferentes estratégias e dos atenuadores utilizados para mitigar os AAFs. Essas estratégias de *atenuação / mitigação* dos AAFs seriam, assim, definidas como formas lingüísticas empregadas para suavizar a imposição de tais atos, com o intuito de manter um mínimo de harmonia entre os interactantes. Neste trabalho, essas estratégias nos interessam particularmente, por acreditarmos que as formas de tratamento podem pertencer a essa categoria, apresentando-se ora como estratégias de polidez positiva ora de polidez negativa.

Ao proferir um determinado ato de linguagem, o emissor deve pensar na melhor estratégia de atenuação para essa situação, levando-se em consideração qual(is) face(s) podem apresentar vulnerabilidade a essa imposição. Nesse sentido, Brown & Levinson (1987) dividem os atos em quatro categorias, segundo as faces que são suscetíveis de ameaçar:

a) atos que ameaçam a *face positiva do locutor*: atos que representam uma auto-humilhação como o reconhecimento da própria fraqueza e das limitações pessoais;

b) atos que ameaçam a *face negativa do locutor*: atos que restringem a liberdade de ação, como por exemplo, a promessa que compromete o locutor a realizar ações que exijam dele o cumprimento da palavra;

c) atos que ameaçam a *face positiva do interlocutor*: atos que interferem na auto-imagem construída pelo interlocutor, como a crítica e a desaprovação;

d) atos que ameaçam a *face negativa do interlocutor*: atos que ameaçam a liberdade de ação do interlocutor, como a ordem e o pedido.

Brown e Levinson (1978, 1987) também fazem referência aos desejos de face dos interlocutores. Segundo eles, todo falante reconhece os desejos de face de seu interlocutor e deseja satisfazê-los pelo menos parcialmente. Desta forma, pode-se dizer que as faces são, simultaneamente, objetos de desejo de preservação e alvo de ameaças. Então fica a pergunta: como preservar a face se a todo tempo estamos ameaçando-a? Em contextos em que todas as faces estão vulneráveis, serão empregadas estratégias que minimizam tal ameaça. Três desejos serão levados em consideração: (a) o desejo de comunicar o conteúdo do ato de ameaça à face; (b) o desejo de ser eficiente e/ou urgente; (c) o desejo de manter a face do ouvinte em qualquer patamar. Assim sendo, o falante poderá empregar estratégias de polidez para tentar equilibrar os desejos de face e realizar os atos de ameaça à face na medida adequada.

Em termos gerais, quando um falante deseja proferir um ato, que conseqüentemente ameaçará a uma ou mais faces de pelo menos um dos interlocutores

envolvidos na interação, o processo pode ser realizado de cinco formas distintas, a saber:

- 1) Faz-se o AAF de forma direta, sem ação reparadora: nesse caso, ficam claras para os participantes as intenções comunicativas do interlocutor e não há preocupação em relação à preservação das faces;
- 2) Faz-se o AAF de maneira encoberta, de forma indireta: indiretividade;
- 3) Faz-se o AAF, com reparação à face positiva: polidez positiva;
- 4) Faz-se o AAF, com reparação à face negativa: polidez negativa;
- 5) Não se faz o AAF.

É certo que cada ato tem um peso diferente. Isso significa dizer que nem todos os atos ameaçam a(s) face(s) da mesma forma e caberá ao falante medir o risco e decidir a melhor estratégia para suavizá-lo (ou não). O peso da imposição do ato e a estratégia mitigadora escolhida só são possíveis já que, segundo B-L (1987), o ser-humano é dotado de comportamento racional, que lhe proporciona pesar diferentes meios para um determinado fim, e escolher aquele que melhor satisfaz os objetivos desejados.

Os fatores que irão determinar na escolha da estratégia de polidez serão:

- a) Distância Social (D) entre o falante e o ouvinte;
- b) Poder Relativo (P) entre o falante e o ouvinte;
- c) Grau de Imposição (G) em determinada cultura.

A *distância social* é a dimensão social simétrica de igualdade e diferença estabelecida entre o emissor e o receptor. O *poder relativo* é a dimensão social assimétrica relativa ao poder, isto é, o poder que o destinatário detém sobre o emissor. Já o *grau de imposição* é a hierarquia imposta cultural e situacionalmente através do nível que os autores consideram que interferem nos desejos do interactante de auto-determinação e aprovação. Assim, B-L propõem a seguinte fórmula para medir o grau de ameaça e risco de um AAF:

$$\text{Risco do AAF} = \text{D (entre E e D)} + \text{P (do D sobre o E)} + \text{G do AAF}^6$$

Quando o emissor escolhe agir diretamente, em geral, o risco é baixo para sua própria face, pois as estratégias de indiretividade ocorrem quando sua face está mais

⁶ O risco do ato de ameaça à face igual a *distância social* entre emissor e destinatário mais o *poder relativo* que o destinatário exerce sobre o emissor mais o *grau de imposição do ato* em uma determinada cultura.

ameaçada. Quando a ameaça à face do interlocutor tende a afetar mais sua face positiva deve-se utilizar uma estratégia de polidez positiva para repará-la ou minimizá-la. Caso a face ameaçada seja a negativa deve-se empregar uma estratégia de polidez negativa. Para determinar o risco que os interlocutores correm ao se relacionarem (determinando quem tem mais poder, a distância social e o grau de imposição) faz-se o cálculo do risco que correm relacionando os três fatores supracitados, colocando-os no esquema acima.

Dentro dessa perspectiva de que as formas verbo-pronominais de tratamento podem funcionar como estratégias atenuadoras de atos diretivos de ameaça à face do interlocutor, há o estudo de Koch (2008) que discute teoricamente a questão. O autor afirma que o fato de se dirigir a um falante por meio de um pronome de segunda pessoa do singular constitui uma atitude invasiva; por isso, existem dois tipos de procedimentos atenuantes: i) pluralização do pronome pessoal – o uso de *Vos* em vez de *Tú*; e o tratamento nominal abstrato – *Vuestra Excelencia*, *Vuestra Señoria*, *Vuestra Majestad*.

Com relação ao desenvolvimento do tratamento *Vuestra Merced*, Koch (2008) afirma que ela aparece como um fenômeno discursivo da tradição diplomática, o tratamento abstrato, no sistema idiomático binário (*tú/vos*) do castelhano antigo, tentando tornar o emprego de formas de tratamento menos invasivas, menos ameaçadores à face do interlocutor. No início do século XVI, período em que se detectam o surgimento de tal estratégia, *Vuestra Merced* nasce, dentre diversos procedimentos de tratamento abstrato, como tratamento ao rei, mas segue o itinerário natural de todas as formas de cortesia e se estende à hierarquia eclesiástica.

Com o passar dos anos, a frequência de tal estratégia nominal de tratamento aumenta porque passa a ser aplicada em um número crescente de destinatários, e também vai saindo do seu domínio discursivo “diplomático” original. Ou seja, por um processo de gramaticalização sofrido pela forma, *Vuestra Merced* passa a *Vuesa Merced* e logo em seguida a *Usted*.

Dessa forma, *Vuestra Merced* deixa, ao longo dos anos, de ser um recurso da tradição diplomática e passa para um recurso do nível idiomático castelhano. É interessante ressaltar que Koch (2008) acredita que a forma gramaticalizada *Usted* assume, em alguns contextos datados do século XIX e XX, a principal característica da forma conservadora *Vuestra Merced* que é a de mitigar e/ou atenuar um ato de ameaça à face do interlocutor.

3.4 - O conceito de Tradição Discursiva: introduzindo a questão

O conceito de Tradição Discursiva, doravante TD, atualmente muito difundido entre as variadas correntes de pesquisas em estudo da Lingüística histórica, teve sua origem numa releitura de alguns postulados de Coseriu. De acordo com Coseriu (1981 *apud* Koch & Osterreicher, 2007), a linguagem é definida em três níveis de observação que se distinguem em: o *nível universal*, o *nível individual* e o *nível histórico*; ou seja, a linguagem é uma atividade humana universal, que se realiza individualmente, segundo regras historicamente determinadas: as línguas.

O nível universal diz respeito ao falar em geral, que é comum a todos os seres humanos e anterior a qualquer especificação das línguas. Em outras palavras, tal nível compreende as ações dos indivíduos falantes independentemente da língua que falam, como, por exemplo, as operações lingüísticas que consistem em referir-se a um determinado objeto (referenciação), em tecer alguma afirmativa sobre esse objeto (predicação), em situar o enunciado no eixo temporal e espacial (orientação dêitica) e inseri-lo em contextos definidos (contextualização), etc.

O nível histórico, por outro lado, abrange as línguas históricas como sistemas de normas e significação. Nesse nível estão o latim, o português, o espanhol, o italiano, o inglês, o alemão, etc. Diferentemente do nível universal, o histórico diz respeito ao saber de grupos lingüísticos determinados acerca da língua que falam. Ou seja, há a designação de línguas particulares como sistemas de técnicas e normas específicas capazes de acarretar gramaticalidade à enunciação. Como por exemplo, pode-se pensar no português face ao latim clássico: no primeiro, a função sintática dos constituintes da sentença é indicada pela posição e pelo uso de preposições, no segundo, por sua vez, a função sintática é indicada morfológicamente. Em outras palavras, neste nível estão as tradições históricas do falar que caracterizam as diversas comunidades lingüísticas que se formaram historicamente.

Por fim, o nível individual da linguagem designa o discurso como enunciação particular e única no *hic et nunc*. Dessa forma, tal nível focaliza o falante em situação real que produz determinado texto com uma finalidade específica.

É importante ressaltar que tais níveis de observação da linguagem não ocorrem separadamente, isto é, segundo Coseriu (1981) eles estão diretamente relacionados durante um ato de fala, uma vez que eles só podem ser percebidos por meio de atos

concretos, já que só se pode falar “universalmente” falando uma determinada língua e produzindo textos.

Dentro dessa perspectiva, Peter Koch propõe uma reformulação desses três níveis, afetando diretamente o nível histórico. De uma maneira geral, dentro do nível histórico coseriano estariam conjugados dois elementos fundamentais: as línguas históricas como sistemas de técnicas e normas propostas por Coseriu, e as Tradições Discursivas. Segundo Koch, as TD’s são formas comunicativas recorrentes que devem ser analisadas separadamente das línguas históricas, conforme se pode observar no trecho a seguir:

“Entendemos por TD a repetição de um texto ou forma textual ou de uma maneira particular de falar ou escrever que adquire valor de signo próprio (portanto significável). Pode-se formar em relação a qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de comunicação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos empregados” (Kabatek, 2004: p.7)

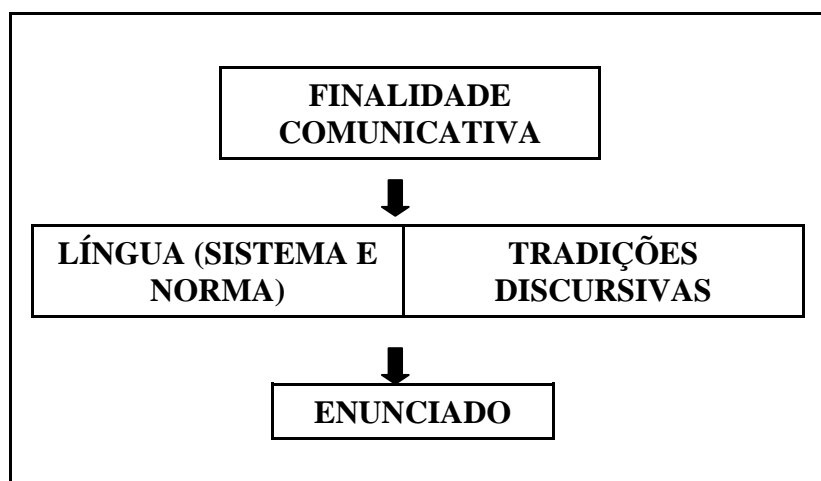
O esquema dos três níveis da linguagem, previamente proposto por Coseriu (1981), e posteriormente reformulado por Koch (2007) tem o nível histórico subdividido em Línguas Históricas e Tradições Discursivas, da seguinte maneira:

NÍVEL	CAMPO OU ÁREA	TIPO DE NORMA	TIPO DE REGRAS
Universal	Atividade de falar	Normas do falar	Regras do falar
histórico	Línguas históricas	Normas da língua	Regras da língua histórica
histórico	Tradições discursivas	Normas discursivas	Regras discursivas
Individual	Discurso ou texto		

Quadro 1 - quadro dos níveis de linguagem proposto por Koch (2007)

Assim, além da subdivisão do nível histórico, proposta por Koch, em dois subníveis – as línguas históricas e as TD’s – o nível individual também deveria ser reformulado. Dessa forma, Koch (2007) afirma que o ato de fala, característico do nível individual, proferido em um determinado contexto e munido de determinada intenção comunicativa estaria submetido a dois filtros, que funcionariam simultaneamente até chegar a um produto final. O primeiro filtro seria relativo às línguas históricas (o

português, o espanhol, o alemão, o inglês, o francês, e etc), já o segundo filtro estaria relacionado às tradições discursivas (modos tradicionais de se dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples, como a saudação ou o agradecimento, até um gênero ou forma literária complexa, como o soneto), como mostra o esquema a seguir:



Quadro 2- Esquema das Tradições Discursivas

Como podemos observar no esquema acima, o enunciado elaborado por um indivíduo, em determinado contexto, está submetido a dois filtros: o filtro da tradição histórica da língua e o filtro das TD's.

Para melhor compreensão do conceito de TD, citaremos um exemplo muito discutido por Koch (2007), ao comparar cantigas de amor em quatro línguas medievais diferentes (alto-occitano, alto-francês, médio-alto-alemão e alto-italiano). Em todas elas, são identificadas palavras que representam metaforicamente a idéia do amor no trovadorismo: a mulher amada é tratada por “dona”, a figura do trovador que admira a amada é designada pelo termo “servidor”, a “graça” de ouvi-lo é “recompensa”, e sua realização é designada pelo termo “alegria”.

O autor destaca que o significado metafórico de tais lexemas não se encontra no dicionário das línguas históricas analisadas, e sim na lírica do trovadorismo. Ou seja, o sentido de tais palavras (“dona”, “servidor”, “recompensa”, p.e) resulta da metáfora do amor que fora convencionalizada por uma prática discursiva tradicional: “a ampliação/expansão dessas metáforas ocorre não nas línguas individuais, mas sim por meio de tradições discursivas” (Koch, 1997, p:2).

O estudo das TD's está, devido ao seu conceito e aplicação, diretamente relacionado à gramática histórica. Para construção da gramática histórica de uma língua,

que nos permita analisar com propriedade as mudanças e/ou evoluções daquela língua é necessário escolher diferentes tipos de textos. Diferentes TD's também condicionam o emprego dos meios lingüísticos adequados, podendo haver variação desses meios segundo a TD, como ilustra o fragmento abaixo:

“O historiador da língua que pretende descobrir a evolução diacrônica dos sistemas lingüísticos se vê freqüentemente diante do fato de que certos fenômenos ‘textuais’ parecem perturbar a verdadeira diacronia: tradições discursivas de um gênero particular que, com uma forma fixada ou com uma fórmula que resiste à mudança, limitam as possibilidades de expressão. (Kabatek, 2001: p.97)

Ainda dentro dessa perspectiva, podemos afirmar que basear o estudo histórico de uma determinada língua em apenas em um tipo de texto também pode ocasionar desvios na leitura dos resultados, visto que certos usos lingüísticos podem estar correlacionados ao tipo de texto em que foram localizados. Nesse caso, não estudamos a história da língua, e sim a história dessa tradição discursiva. Tal aspecto é relevante para nosso estudo, pois é preciso discutir até que ponto a presença de uma determinada estratégia de tratamento revela a norma lingüística do período estudado ou simplesmente uma convenção do gênero epistolar, ou seja, uma TD?

Outro aspecto bastante interessante nessa conceitualização de TD's é a ampliação do conceito de interferência lingüística por Kabatek (2006). Kabatek (2006) afirma que há dois tipos de interferência lingüística: a interferência *positiva* e a *negativa*. A interferência positiva é o que geralmente se entende, no caso de interferência lingüística, pela presença de elementos de uma língua A em um texto de língua B. A interferência negativa, consiste na ausência de determinados elementos em um texto de língua B por causa da presença da língua A. É uma interferência que não produz resultado que é um “erro” abertamente visível, mas alterações na freqüência do emprego das formas.

Segundo Kabatek (2006) há dois tipos de interferência negativa, a interferência de *convergência* – consiste na preferência de formas comuns às duas línguas, evitando formas diferentes; e interferência de *divergência* – consiste na preferência por formas diferentes, evitando formas comuns. Esses dois tipos de interferência negativa podem estar presentes simultaneamente na produção de um texto e são particularmente freqüentes no contato de línguas semelhantes, como por exemplo, o português e o espanhol.

- O Perfil da Concepção Discursiva

Os termos “oral” e “escrito”, em primeira instância, designam a expressão material da língua, seja por meio de sons (fônico) seja por meio de signos (gráfico). Entretanto, essa distinção não dá conta da complexa problemática da “oralidade” / “escrituralidade”. Como exemplo, pode-se pensar em expressões linguísticas realizadas foneticamente que não correspondem à nossa intuição de “oralidade” e vice-versa: o discurso de posse de um parlamentar ou uma visita guiada a um museu parecem estranhos à idéia de “oralidade”, ainda que sejam realizados oralmente. Por outro lado, uma carta privada entre amigos íntimos ou um bate-papo na internet, ainda que se realizem por meio gráfico, não condizem com a intuição do conceito de “escrituralidade”.

Essas questões foram aclaradas por Ludwig Söll (1985 *apud* Koch & Oesterreicher, 2007) a partir da proposta de um esquema quadripartido em que propõe a distinção entre meio de realização – podendo ser gráfico ou fônico – por um lado, e, por outro, a distinção do conceito de “oralidade” e “escrituralidade”. Um ponto importante dessa proposta diz respeito à linha divisória que separa meio gráfico e meio fônico: nesse caso, trata-se de uma dicotomia estrita. Diferentemente, no que se refere aos conceitos oralidade/escrita, o autor propõe a existência de um contínuo entre as manifestações extremas de cada um dos conceitos.

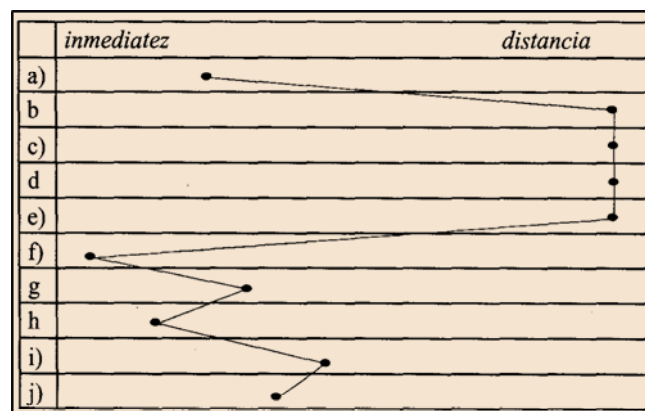
Ainda que sejam evidentes as afinidades entre o meio fônico/conceito de oralidade (conversa particular entre dois amigos), e o meio gráfico/conceito de escrituralidade (um artigo científico), outras combinações são possíveis. A combinação fônico e escrito aparece nas visitas guiadas em um museu, ao passo que a combinação falado e gráfico pode ser percebida em uma conversa online na internet.

De acordo com Koch (1997), esses dois aspectos são relevantes no que se refere às tradições discursivas: o aspecto medial (meio fônico vs. meio gráfico) e o aspecto da concepção discursiva (conceito de oralidade, relacionado à proximidade comunicativa vs. conceito de escrituralidade, relacionado à distância comunicativa). Pode-se dizer que as TD têm um perfil medial, além de possuírem um perfil de concepção discursiva – identificado a partir do contínuo proximidade/ distância comunicativa.

Para dar conta desse perfil de concepção discursiva, são controlados dez parâmetros que se relacionam ao contínuo proximidade/ distância comunicativa, a fim de estabelecer as condições comunicativas, como pode ser observado a seguir:

- a) Grau de publicidade, isto é, o caráter mais ou menos público da comunicação, para o qual é relevante o número de interlocutores, assim como a existência de público e suas dimensões;
- b) Grau de familiaridade entre os interlocutores, que depende da experiência comunicativa conjunta prévia, do grau de conhecimento compartilhado, entre outros fatores;
- c) Grau de implicação emocional, motivada pelo interlocutor e/ou pelo objeto da comunicação;
- d) Grau de envolvimento dos atos comunicativos na situação ou na ação;
- e) Campo referencial, que diz respeito à possibilidade de referenciação em relação à origem do falante;
- f) Proximidade física dos interlocutores;
- g) Grau de cooperação, medida segundo as possibilidades de intervenção dos receptores na produção do discurso;
- h) Grau de dialogicidade, para o qual são determinantes a possibilidade e freqüência em que é assumido o papel de emissor;
- i) Grau de espontaneidade/ planejamento da comunicação;
- j) Grau de fixação de temas

Koch & Oesterreicher (2007: 29) ilustram a aplicação de tais parâmetros a partir do gênero “entrevista”, no seguinte esquema:



Segundo o perfil de concepção discursiva postulado pelos autores, as entrevistas de língua oral são caracterizadas, de maneira geral, por (a) privacidade; (b) ausência de familiaridade entre os interlocutores; (c) pouca ou nenhuma emocionalidade; (d) impossibilidade de envolvimento de situações e atos; (e)

impossibilidade de referenciação em relação à origem do falante; (f) proximidade física entre os interlocutores; (g) cooperação moderada entre falante e ouvinte; (h) dialogicidade; (i) pouca espontaneidade; (j) relativa liberdade temática.

Em relação ao pólo da proximidade comunicativa, é possível depreender que vários tipos de contextos extralingüísticos podem atuar na comunicação: o contexto situacional (pessoas, objetos, ações ou estados de coisas perceptíveis na situação comunicativa), o contexto comunicativo paralingüístico (fenômenos de entoação, rapidez com que se fala, pausas, suspiros, e etc.), entre outros.

De maneira oposta, em casos de distância comunicativa extrema, há a necessidade de suprir a escassa participação do contexto extralingüístico na comunicação. Sendo assim, essa carência de contexto é compensada pelo reforço do contexto lingüístico, ou seja, mediante a transformação da informação contextual em co-texto.

Outro aspecto relevante refere-se ao grau de planejamento. Com relação a tal aspecto, no que diz respeito à distância comunicativa, podemos observar maior elaboração dos enunciados, densidade de informação e maior grau de integração das unidades lingüísticas, ou seja, constata-se alto grau de planejamento do discurso. Diferentemente, a proximidade comunicativa impõe menor grau de planejamento.

Como o presente trabalho tem por objetivo a análise do perfil comunicativo das cartas de circulação pública e privada oitocentistas escritas em regiões de fronteira, parece pertinente utilizarmos o modelo de condições comunicativas discutido por Koch & Oesterreicher (2007). A questão que se coloca é a seguinte: diferentes tipos de cartas – públicas e privadas do século XIX – apresentam caracterizações diferenciadas com relação às condições comunicativas? Esses aspectos interferem sobremaneira nas escolhas tratamentais? Procuramos, na próxima seção, explicar o modelo proposto na caracterização do *corpus* em estudo.

3.5 - Constituição do *corpus*

Como mencionado na introdução, o *corpus* é formado por cartas de circulação pública e privada oitocentistas de regiões fronteiriças entre o Brasil e o Uruguai, caracterizada pelo contato lingüístico entre o português e o espanhol.

Numa leitura prévia das fontes documentais, observa-se que essas cartas, variando de acordo com o período em que foram escritas, possuem maior ou menor

incidência de traços lingüísticos da língua portuguesa ou do espanhol. Alguns documentos de 1833 a 1856 foram escritos, na íntegra, em português e outros apresentam, eventualmente, expressões e outras características lingüísticas típicas do português. Já a documentação de fins do século XIX está, em sua maioria, redigida em espanhol, assim como todos os documentos oficiais, inventários, causas judiciais que passaram a ser registradas, necessariamente, em espanhol.

Como afirma Bertolotti *et al* (2005), em suma, nessa documentação de uma zona fronteira entre Uruguai e Brasil, é constante a ocorrência de documentos oficiais e não-oficiais escritos somente em espanhol (**E**), outros, escritos somente em português (**P**), além dos documentos em que se observa uma mistura das duas línguas: alguns textos redigidos em espanhol nos quais o português aparece como um intruso momentâneo, indicado como **(E(p))**⁷, assim como textos escritos em português nas quais o espanhol também aparecia como um intruso momentâneo (**P(e)**).

Para compor nosso *corpus* de análise, selecionamos, em termos gerais, 32 cartas e/ou correspondências. Dessas 32 missivas, 16 foram escritas somente em espanhol; 12 escritas somente em português e 4 cartas com contato lingüístico. Para o estudo em questão, optamos por trabalhar apenas com cartas de circulação pública e privada, distinção que será discutida na próxima seção.

3.5.1 Cartas de circulação pública e privada: situando a questão

Barbosa (1999) divide as cartas coloniais brasileiras em três macrocategorias, a saber: i) cartas de *administração pública*; ii) cartas de *administração privada* e iii) *textos particulares*. Os documentos de administração pública são aqueles relacionados à administração colonial, seja de caráter deliberativo oficial seja de requerimento pessoal junto à estrutura de poder, em que pelo menos um dos interessados esteja na condição de pessoa jurídica ou de representação oficial de Estado; os de *administração privada* são os textos trocados, também em circulação pública, entre instituições não governamentais e/ou entre particulares quando um deles, ou os dois, estava(m) em condição de pessoa jurídica ou de representação institucional, como por exemplo, os religiosos, monocultores de grandes fazendas, pecuaristas, extrativistas e comerciantes em geral. E finalmente, as *cartas particulares* são os escritos confessionais dos diários,

⁷ A abreviatura aparece na obra de Bertolotti *et al* (2005).

mas também as missivas trocadas em circulação privada, com assunto particular e por interessados em condição de *pessoa física*; note-se que os escribas desses textos são os mesmos personagens das estruturas militar, jurídica, eclesiástica, etc.

Baseando-se nas considerações de Barbosa (1999) resolvemos classificar as cartas que compõem o nosso *corpus* de análise pelo modo de circulação (pública e privada), considerando, dentro de cada esfera, as três macrocategorias mencionadas. Assim, as correspondências de administração pública e privada pertencem ao meio de circulação público, já as cartas particulares pertencem ao meio de circulação privada.

As cartas consideradas como pertencentes ao meio de circulação público são todas aquelas destinadas a autoridades políticas, militares, judiciais, não somente os ofícios, mas também qualquer correspondência trocada entre governadores, generais, juízes que versem sobre temas relacionados à esfera político-militar da região de Taquarembó. As pertencentes ao meio de circulação privada são somente as cartas particulares, trocadas entre familiares, amigos, como por exemplo cartas trocadas entre marido e mulher, tia e sobrinha.

Para melhor visualização de constituição do nosso *corpus*, segue o quadro que tem por objetivo distribuir as correspondências que compõem nossa amostra em cartas de circulação pública e circulação privada.

E S P A N H O L	Carta	Remetente/ Destinatário	Tipo de Circulação
	03	Tenente – Superior Governo	P Ú B L I C A
	05	Superior Governo – Tenente	
	12	Habitante – Superior Governo	
	14	Juiz – Juiz	
	15 a	Tenente – Juiz	
	15b	Superior Governo – Juiz	
	29b	Habitante – Tenente	
	31	Habitante – Juiz	
	35	Juiz – Juiz	
	48	Habitante – Tenente	
	89	Superior Governo – Juiz	
	39	Juiz – Juiz	P R I V A D A
	62	Tenente – Tenente	
	63a	Mulher – Marido	
63b	Mulher – Marido		
77	Amigo – Amigo		

Quadro 3: Cartas públicas e privadas na amostra hispânica

P O R T U G U Ê S	Carta	Remetente/ Destinatário	Tipo de Circulação
	02	General – Vice-rei	P Ú B L I C A
	11	Superior Governo – Tenente	
	17	Tenente – Superior Governo	
	19	Tenente – Superior Governo	
	29a	Tenente – Juiz	
	33	Tenente – Superior Governo	
	42	Tenente – Tenente	
	45a	Juiz – Juiz	
	46	Tenente – Tenente	
	45b	Vizinho – Vizinho	P R I V A D A
	68	Amigo - Amigo	
104	Compadre – Compadre		

Quadro 4: Cartas públicas e privadas na amostra portuguesa

C O N T A T O	Carta	Remetente/ Destinatário	Tipo de Relação
	72	General – Comandante	PÚBLICA
	69	Tia – Sobrinha	PRIVADA
	103	Compadre – Compadre	
	107	Amigos – Amigos	

Quadro 5: Cartas públicas e privadas da amostra com contato lingüístico

Em termos gerais, como podemos observar na tabela acima, das 32 cartas que compõem nossa amostra para análise 21 se classificam como cartas de circulação pública, ou seja, missivas destinadas a membros da esfera político-militar da região de Taquarembó, ou também documentos cujo teor temático se refere a temas mais formais, como por exemplos cartas para juizes, entre militares, e etc; as outras 11 cartas pertencem à esfera privada, ou seja, trocadas entre amigos, familiares e etc.

3.5.2 O perfil comunicativo das cartas de Taquarembó: caracterização do *corpus*

Ainda na tentativa de delinear o perfil das cartas que compõe o nosso *corpus* de cartas de circulação pública e privada escritas na região fronteira entre o Brasil e o Uruguai, resolvemos traçar o perfil de concepção discursiva desses documentos, baseando-se nas considerações de Koch & Oesterreicher (2007). O perfil das cartas pode ser definido como uma “escala” de proximidade e distância comunicativa entre os interlocutores; e cada parâmetro estabelecido deve ser mantido dentro de um *continuum* e não de maneira fixa.

Como se verá, agrupamos todas as correspondências independente em que língua foram escritas, ressaltando, somente, o tipo de circulação da carta (público e privado)

- a) **Grau de publicidade e de familiaridade entre os interlocutores** situa-se nos pólos da publicidade e da distância interpessoal, pois se trata de cartas enviadas a oficiais, gerais e ao Superior Governo e etc [- *familiaridade*]. Já as pessoais situam-se no âmbito da proximidade e da intimidade, uma vez que são cartas trocadas entre

membros da mesma família (marido e mulher, tia e sobrinha e etc.) [+familiaridade]. Para melhor visualização, seguem os exemplos (01) e (02) em que podemos observar contextos [-familiares] e contextos [+familiares], por exemplo.

(01) “y habiendo adherido à su solicitud en conformidad al Bando de siete de Noviembre del año pasado, con vista de lo expuesto por el Señor Fiscal hé mandado se libre al efecto el Despacho de estilo. En su consecuencia luego que el presente le sea entregado procederá V. por si (ò comisionando al juez mas inmediato) à recibir una informaión bajo juramento de los vecinos antiguos (...)”

(Carta (89) trocada entre o Superior Governo e o Juiz)

(02) “Querido Esposo estimare que alresibir esta te encuentre gozando salu encon [5] panha de nuestro queridos hijos que la mi y de mas <^ esbuena>gracias al <^criador> te dire que fi feliz enmi biage lo cu al bera[??] que [??] biste trastorno no y estos[??] lo que medigieste todo te asalido (...)”

(Carta (63) trocada entre marido e esposa)

- b) **Grau de implicação emocional** – de uma maneira geral, pode-se afirmar que não há implicação emocional no conteúdo das cartas públicas, pois os assuntos tratados são de natureza sociopolítica [-emocional]. Nas correspondências privadas, a implicação emocional é um pouco mais evidente [+emocional]. No exemplo a seguir vê-se o emprego de adjetivos afetivos (*querido, feliz*) além do tom emotivo (*gracias al criador*)

(03) “Muy Sor mio y Am^o
En mi poder su grato favor con fcha 27 del actual, soiente contesto; que: no estoy dispuestto a pagar la contribucion, siempre le dije que en las rentas (adelantadas no pagava) la contribucion le ofreci 1:40 afim de anno pagando la contribucion utd no acetó y me pidió al otro dia 140 pagamento de los seis meses (...)”

(Carta (77) trocada entre amigos)

- c) **Grau de envolvimento dos atos comunicativos na situação ou na ação** – o envolvimento é limitado por se tratar de uma correspondência e não de um diálogo

face a face. Não é possível estabelecer nas cartas uma interação imediata entre os interlocutores; todavia percebe-se a presença, ainda que irrelevante, de um provável envolvimento entre os interlocutores, pelo fato de narrarem fatos dos quais participaram.

Nas cartas de circulação privada, o grau de envolvimento dos atos comunicativos é limitado, pois não é possível detectar alguns resquícios, mesmo que formulaicos, de expressões volitivas para captação da benevolência (*muito estimarei... desfrute...*)

(03) *“muito estimarei que em companhia de sua Ex.ma Fa.ma desfrute de filis saúde: tranqüilidade. que assim sendo estarão completos meus desejos”*

(Carta (68))

(04) *“Apreciada Cobrina y Ama fasco cimceros votos para q. Ao receber desta tuncontre no gozo da mais perfeita saudi”*

(Carta (69) trocada ente tia e sobrinha)

d) **Grau de referenciação** – as cartas de circulação pública, assim como as privadas, possuem um baixo grau de referenciação do falante, somente é possível detectar alguma localização do remetente no espaço no momento da identificação da carta feita pelo editor.

e) **Grau de proximidade física e de cooperação** – há distância física e nenhum grau de cooperação entre remetente e destinatário, uma vez que não foi detectado, em nenhum momento, qualquer traço de que o remetente da carta esteja esperando uma possível resposta. Com as cartas de caráter mais pessoal o processo é semelhante, há distância física, mas, diferentemente das cartas de circulação pública, há maior de cooperação entre os interlocutores, pois o remetente faz perguntas esperando suas respostas.

(05) *“enpivahi esatn robando todos los caballos si tu quieres yo ablo com torcuato y mando para ya el narngo y lageguita de Maurito”*

(Carta (63) trocada entre marido e esposa)

f) **Grau de dialogicidade** – é fato que as cartas não possuem a mesma estrutura de um diálogo, pois não é possível observar interação face a face entre duas ou mais pessoas, tampouco se trata de um monólogo, pois, ao escrever uma carta, o autor tem a intenção de que alguém a leia. Por isso, pode-se afirmar que os dois tipos de cartas possuem certo grau de reciprocidade e situam-se entre o pólo do diálogo e do monólogo.

g) **Grau de espontaneidade** – de uma maneira geral, os textos escritos são planejados, pois há maior reflexão e elaboração do que na fala. Nas cartas públicas o grau de espontaneidade é muito baixo, uma vez que há um planejamento por parte do autor. Já as cartas privadas, por se tratarem de assuntos mais íntimos, são mais espontâneas, pois há menor reflexão com relação à sua estrutura.

(06) *“Apreciada Cobrinha y Ama fasco cimceros votos para qe Ao receber desta tuncomtre no gozo damais prefeita saudi ymcompanha do Aparicio y mais família que heu tenho Andado doente porem Agora ja vo melhor (...)”*

(Carta (69) trocada entre tia e sobrinha)

(07) *“Julga muim necesario decharmos nossa viagem p ao depois de amanhã, o pot lhe dirá a cauza. Deicha ao João cuidando os animais ahí, e venha VMce com o Lucas que de aqui mandaremos hum [??] dormir ahí”*

(Carta (104) carta trocada entre amigos)

h) **Grau de fixação temática** – as cartas não possuem fixação temática, pois tratam de assuntos variados. Entretanto, verificamos que, em geral, predominam os pedidos, solicitações e etc.

Para melhor visualização do perfil comunicativo das cartas de circulação pública e privada escritas na região fronteiriça de Taquarembó no século XIX, segue um esquema dos parâmetros comunicativos presentes nesses documentos.

GRAUS Condições comunicativas	Circulação pública		Circulação privada	
	Proximidade	Distância	Proximidade	Distância
Publicidade		*	*	
Familiaridade		*	*	
Emocionalidade		*	*	
Envolvimento	*		*	
Referenciação		*	*	
Proximidade física		*		*
Cooperação		*	*	
Dialogicidade		*	*	
Espontaneidade		*	*	
Fixação temática		*	*	

Quadro 6 - Perfil comunicativo das cartas públicas e privadas da região de Taquarembó

GRAUS Estratégias Linguísticas	Circulação pública		Circulação privada	
	Baixo	Alto	Baixo	Alto
Planejamento sintático		*		*
Integração sintática		*		*

Quadro 7- Estratégias linguísticas nas cartas pública e privada da região de Taquarembó

Embora tenhamos procurado aplicar todos os parâmetros discursivos propostos, não foi possível delinear o perfil exato das cartas que compõe nosso *corpus*, uma vez que, nem sempre, é fácil discernir e/ou desvincular um parâmetro do outro. A diferença entre o grau de implicação emocional e o grau de envolvimento dos atos comunicativos na situação ou na ação, por exemplo, é muito tênue, de difícil separação.

Numa tentativa de caracterizar da melhor forma possível o *corpus* em análise, resolvemos discutir algumas questões de caráter histórico que podem nos ajudar a entender como estava composta a sociedade uruguaia ao longo do século XIX, principalmente a região de Taquarembó, uma vez que se trata, como dito em outros momentos, de uma área de fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

3.6 Qual a origem das cartas? O contexto histórico-social da região de Taquarembó

Sabemos que atualmente o Uruguai possui como norma o uso da língua espanhola, mas durante o século XIX como se dava o uso do português e do espanhol

em território oriental? E por se tratar de uma região fronteiriça, qual era a norma lingüística de prestígio nessa época, o português ou o espanhol? Será que o uso do espanhol estava restrito a determinados contextos por Taquarembó estar muito próximo ao Brasil?

Para tentar elucidar essas e outras questões com relação aos contextos histórico-sociais da região em estudo, faremos um breve apanhado histórico tentando mostrar como estava constituído politicamente o Uruguai oitocentista, principalmente a região de Taquarembó. Em um primeiro momento comentaremos sobre o contexto político-social em Montevideú, pois foi a partir daí que desencadeou todo processo que atingirá a região de fronteira; em um segundo momento nos deteremos na região bilíngüe de Taquarembó.

3.6.1 Montevideú: área de disputa luso-hispânica

A hegemonia sobre o território da Banda Oriental foi motivo de conflito entre os Reinos de Espanha e Portugal durante o período colonial. A partir da fundação de Colônia de Sacramento o estado Português sentirá ideologicamente como própria esta área americana, por sua vez, esta fundação provocará a instalação de particulares de origem portuguesa, como consequência necessária do comércio mantido com centros urbanos espanhóis localizados no Rio da Prata. (cf. Barsa Delta-Larousse)

A história da fundação de Montevideú (1724 – 1730) pode ser vista, em última instância, como uma resposta à ameaça dos portugueses ao se instalarem nessa região. Bruno Maurico de Zavala chega à baía de Montevideú, com a finalidade de fundar uma população espanhola, mas também com o objetivo de pôr fim aos portugueses que ali pretendiam se instalar. No entanto, em meio a esses espanhóis encontram-se portugueses, inclusive entre seus primeiros desbravadores.

Não foi Montevideú a única tentativa portuguesa de avançar em direção ao Sul: em 1737 José da Silva Paez iniciou a construção do forte de San Miguel e em 1762 se levantou a fortificação de Santa Teresa, em Rocha. Em 1783, os espanhóis fundam Minas para se opor à penetração portuguesa e em 1795 ocorre o mesmo com Melo que também cobra valorização como marca fronteiriça hispânica.

Finalizada a época colonial, se mantém a tendência portuguesa em levar suas fronteiras naturais até a margem do Rio da Prata. De fato, se sucedem as invasões

portuguesas à Banda Oriental; em 1811 – 1812 e 1816 se anexa esse território, em 1821, ao Império de Brasil, Portugal e Algarves, situação que se mantém até 1828.

O início do século XIX viu o surgimento de movimentos de independência por toda a América do Sul, incluindo o Uruguai, então conhecido como a Banda Oriental del Uruguay (isto é, "faixa a leste do rio Uruguai"), cujo território foi disputado pelos estados nascentes do Brasil, herdeiro de Portugal, e das Províncias Unidas do Rio da Prata, atualmente República Argentina, com capital em Buenos Aires, herdeira do Vice-reinado do Prata da Espanha.

O Brasil sob domínio de Portugal havia ocupado a área em 1811 e a anexado em 1821. Mas uma nova revolta iniciou-se a 25 de Agosto de 1825. O Uruguai se tornou uma nação independente com o Tratado de Montevideu, de 1828. As negociações para a independência tiveram o auxílio de George Canning, então chefe do Foreign Office ou Ministério do Exterior britânico, para consolidar a livre navegação do rio da Prata. Foi José Artigas, entretanto, a pessoa capaz de aglutinar internamente as expectativas uruguaias de independência, cabendo-lhe o mérito da independência

Em 1811, é nomeado Vice-rei e Capitão Geral da região, Xavier de Elio, gerando insatisfação devido a uma série de medidas adotadas por ele. Em fevereiro se dá o *grito de Asencio* e um capitão chamado José Artigas, ao retornar de Buenos Aires, onde fora oferecer seus serviços, torna-se líder dos autonomistas. Em 18 de maio de 1811, os autonomistas tomam o país, exceto Montevideu. Elio solicita e recebe apoio da Corte portuguesa instalada no Brasil que lhe envia o exército "pacificador" sob o comando de *Diego de Souza*.

Em 23 de setembro junta-se a ele o governo de Buenos Aires. Artigas levanta o cerco a Montevideu e refugia-se no interior, até o rio Ayuí, e junto com ele vão os habitantes da área rural. No começo de 1812 as tropas portuguesas se retiram. Sem conseguir vencer Artigas, que tinha obtido já *o alliance* da província de Entre Ríos, em 1814 seus inimigos iniciam mediações em favor da paz. Montevideu é conquistada em 20 de junho de 1814 por Carlos María de Alvear, general enviado por Buenos Aires. Este quando retorna, abre caminho para a sublevação do Lado Oriental sob o comando de Artigas, o qual terminaria seus dias exilado devido à oposição dos escravocratas portugueses e dos comerciantes de Buenos Aires e de Montevideu, tornando-se, no entanto, um herói nacional do Uruguai.

Em 1821, a *Província Oriental del Rio de la Plata*, o atual Uruguai, passou a ser parte do Brasil e portanto também colônia de Portugal, sob o nome de Província

Cisplatina. Em 1825 forma-se o chamado "grupo dos 33 Orientales" contra a ocupação luso-brasileira que logo se transforma em um pequeno exército e invade a província vindos de Buenos Aires. Após a tomada de Montevideú em 14 de junho, instala-se um governo provisório que vota a independência do Brasil a 25 de Agosto de 1825 (depois de numerosas revoltas em 1821, 1823 e 1825), mas decidiu aderir a uma federação regional com a Argentina.

O espectro político no Uruguai ficou dividido entre dois partidos, os conservadores Blancos ("brancos", Partido Nacional) e os liberais Colorados ("vermelhos"). Os Colorados eram liderados por Fructuoso Rivera e representavam os interesses econômicos de Montevideú, enquanto que os Blancos eram liderados por Manuel Oribe e representavam os interesses dos agricultores e promoviam o protecionismo. Os grupos herdaram os nomes das cores das braçadeiras que usavam, inicialmente os Colorados eram azuis, mas depois de a braçadeira esbater ao Sol adotaram o vermelho.

Os partidos uruguaios associaram-se às facções políticas que guerreavam na vizinha Argentina. Os Colorados eram a favor dos exilados liberais, *Unitarios*, muitos dos quais tinham buscado refúgio em Montevideú, enquanto o líder Blanco, Manuel Oribe, era um amigo próximo do ditador argentino, Juan Manuel de Rosas. Oribe ficou ao lado de Rosas quando a marinha francesa bloqueou Buenos Aires em 1838, o que levou os Colorados e os exilados *Unitarios* a procurarem ajuda francesa contra Oribe e, a 15 de Junho de 1838, um exército liderado por Fructuoso Rivera, derrubou o presidente que se refugiou na Argentina.

Ambos os partidos estavam conscientes do caos. Em 1870 chegaram a um acordo para definir as esferas de influência de cada um: os Colorados controlariam Montevideú e a região costeira, já os Blancos controlariam o interior com os seus espaços agrícolas. Além disto, os Blancos receberam meio milhão de dólares para compensá-los pela perda de Montevideú. Contudo, a figura do caudilho foi difícil de apagar do Uruguai e os feudos políticos continuaram.

Como se viu, a região de Montevideú foi foco da luta entre espanhóis e portugueses em fins do século XVIII e XIX e obviamente essa confluência política territorial há de deixar alguns vestígios linguísticos. Se na área do rio da Prata, onde fica Montevideú, houve essa presença portuguesa, a região de Tacuarembó, fronteira com o Brasil, deve ter recebido afluxos constantes de portugueses (ou mesmos brasileiros) no mesmo período ou em anos posteriores. Faz-se necessário, portanto, trazer à luz

algumas informações históricas da área em que foram produzidas os documentos do *corpus*.

3.6.2 Taquarembó: a proximidade geográfica com o Brasil

Como não tivemos acesso a dados históricos que remontem a vida político-social dos habitantes da região de Taquarembó, caracterizaremos essa região da fronteira entre o Brasil e o Uruguai. O mapa a seguir situa a região estudada:



A região do sul do Brasil e o território que hoje pertence ao Uruguai, na época colonial, foram alvo de disputa entre portugueses e espanhóis. O norte do Uruguai, antes de receber moradores espanhóis, já havia sido ocupado por portugueses. Também os espanhóis para frear o avanço dos portugueses, estabeleceram as missões jesuíticas em pontos estratégicos. Somente em 1828, com a independência do Uruguai, os limites são fixados definitivamente, e a paz começa a reinar nessa região. A fixação da fronteira política, entretanto, não iria estabelecer limites para a fronteira lingüística.

Uma parte do território hoje pertencente ao Uruguai foi descoberto em 1516 pelo espanhol Juan Díaz de Solís. Os portugueses, entretanto, já haviam se instalado na região, hoje norte do Uruguai, antes dos espanhóis. Para Carbajal (1948 *apud* Frank 2006), afirma que as terras férteis, o clima ameno e a escassa população de origem espanhola na região fronteira favoreceram “o próprio invasor lusitano”, que o Brasil teria herdado após a independência.

Depois da independência do Uruguai, iniciou o estímulo à imigração, para que o território fosse povoado. Entre o grupo de imigrantes, os brasileiros desempenham um papel importante. A maior parte deles ocupava a região do rio Negro, e apenas aos poucos se estabeleceram ao sul do rio. Conforme Kleinpenning (1995), em 1857 os brasileiros possuíam 428 *estancias* na região fronteira do norte do Uruguai, de modo que toda a região ao norte do Rio Negro vivesse sob grande influência brasileira. Os brasileiros formavam um grupo bastante forte, mas sua contribuição para a economia uruguaia era muito pequena, pois continuavam ligados ao Brasil. Além disso, formavam um grupo coeso por meio da língua, hábitos e costumes próprios dos brasileiros.

De acordo com Frank (2006) o censo de 1860 estimou que 36,5% (15.590 habitantes) da população uruguaia era constituída por brasileiros, distribuídos entre os três departamentos fronteiros da época: Cerro Largo, Tacuarembó e Salto; três anos depois, acredita-se que 40.000 brasileiros, de um total de 183.000 habitantes, viviam no Uruguai, a maioria deles no norte e no leste.

Essa situação incomodava o governo uruguaio, e assim se iniciou o povoamento da região por uruguaios, com a fundação das cidades como Artigas, Rivera, Rio Branco, Treinta y Três, entre outras, que tinham outros nomes. Com isso, resolveu-se um problema político: a região já não era povoada somente por brasileiros. Entretanto, não se podia simplesmente apagar a população com hábitos culturais característicos dali. Com a entrada do povoador de fala castelhana, um fato minimamente esperado se cria na região: o português continua sendo falado.

De acordo com Behares (1984), esse povoamento ocasionou a mescla lingüística no norte. Entre 1870 e 1890, o espanhol começa a se expandir sobre a base portuguesa. O Uruguai, por uma política de unificação nacional, impõe o espanhol como língua única em todo território. Esse contato do espanhol com o português originou a situação bilíngüe na fronteira, que se mantém até hoje, transformando-se numa língua falada pela classe baixa, apenas no âmbito familiar e no meio rural, uma língua que se mantém entre os pobres e de baixa escolaridade.

Ainda consoante Behares (1984), o resultado dessa política lingüística é de um bilingüismo com diglossia entre uma variedade *standard*, o espanhol uruguaio, e outra variedade *non standard* fortemente desestabilizada. Ou seja, na escola se ensina o espanhol, que também é usado na igreja nos órgãos públicos; entretanto nos intervalos das aulas, na conversa de rua e de bar e em casa, o português continua a ser usado, ainda que, no meio rural, sem prestígio e avaliado negativamente também por que o fala.

4 – DESCRIÇÃO GERAL DOS RESULTADOS E ANÁLISE DAS CARTAS ESCRITAS EM ESPANHOL

4.1 – Panorama geral

Neste capítulo interessa-nos expor os resultados das formas nominais e verbo-pronominais de tratamento, encontradas em cartas de circulação pública e privada oitocentistas trocadas entre militares, políticos e habitantes de regiões fronteiriças entre o Brasil e o Uruguai. Para o presente estudo, levantamos dados de estratégias tratamentais (nominais e verbo-pronominais) na posição de sujeito, preenchido ou não, e as formas verbais imperativas. Correlacionaram-se estatisticamente os seguintes fatores extralingüísticos: a distribuição temporal (século XIX), o tipo de texto (cartas de circulação pública *versus* cartas circulação privada) e as relações sociais estabelecidas entre o remetente e o destinatário das cartas, adotando-se a perspectiva de Brown e Gilman (1960) discutida anteriormente.

Nesta seção, especificamente, tem-se interesse em descrever as estratégias nominais e verbo-pronominais utilizadas na interação comunicativa que foram encontradas no *corpus* composto por cartas escritas em espanhol e português. Ademais, pretende-se identificar o valor semântico que as formas de tratamento adquirem em diferentes contextos para saber se expressam distanciamento ou não entre os interlocutores. Afinal, em consonância com Domingos (2001, p.21), acredita-se que *somente o uso determina a regra, pois as normas são sociais*.

Numa leitura prévia das fontes documentais, observa-se que as cartas, variando de acordo com o período em que foram escritas, possuem maior ou menor incidência de traços lingüísticos da língua portuguesa ou do espanhol. Alguns documentos de 1833 a 1856 foram escritos, na íntegra, em português e outros apresentam, eventualmente, expressões e outras características lingüísticas típicas do português. Já a documentação da segunda metade do século XIX está, em sua maioria, redigida em espanhol, assim como todos os documentos oficiais, inventários, causas judiciais que passaram a ser registradas, necessariamente, em espanhol.

Como nosso *corpus* foi produzido em área de contato lingüístico resolvemos, para melhor análise das estratégias tratamentais, separá-los em 3 amostras distintas – a primeira é composta por missivas escritas somente em espanhol; a segunda, por missivas escritas somente em português e, a terceira, por correspondências com algum tipo de contato lingüístico. De acordo com essa perspectiva, levantamos, em termos

gerais, 87 dados de formas nominais e verbo-pronominais de tratamento em 32 cartas. Desse total, 27 dados (28%) foram detectados em cartas escritas somente em português, doravante **(P)**; 50 dados (61%) em missivas escritas somente em espanhol, doravante **(E)** e 10 dados (11%) em cartas e/ ou correspondências com algum tipo de contato lingüístico, isto é, documentos em que o português aparece como intruso momentâneo, doravante **E(p)**, ou que o espanhol aparece como intruso momentâneo **P(e)**⁸.

Para melhor visualização desses resultados segue a tabela, em que podemos observar a disposição dos dados encontrados nas cartas em função do tipo de documento e a língua em que foram redigidos.

	Cartas circulação pública	Cartas Circulação privada	Total
Português	13 / 48%	14 / 52%	27 / 30%
Espanhol	28 / 56%	22 / 44%	50 / 58%

Tabela III: Cartas de circulação pública e privada em cartas hispânicas e portuguesas

Como podemos observar na tabela acima, além da divisão das cartas em relação à língua em que foram redigidas, português ou espanhol, consideramos, também, o tipo de documento – circulação pública e privada. Essa sistematização objetiva averiguar como as relações se constituem em cada esfera, de modo a verificar a existência de diferenças no uso tratamental em função do grau de formalidade da relação estabelecida. Vale ressaltar que nessa pequena tabela não aparecem os dados localizados em 4 cartas caracterizadas pelo contato lingüístico, uma vez que esses dados serão analisados qualitativamente em um momento posterior. De uma forma geral, podemos afirmar que foram localizadas 2 cartas para cada tipo de grupo – **E(p)** e **P(e)** – totalizando 10 ocorrências de formas nominais e verbo-pronominais de tratamento.

Num primeiro momento, analisar-se-ão cartas e/ou correspondências de circulação pública e privada redigidas em cada uma das duas línguas, isto é, aquelas consideradas *puras*, por não conter nenhum tipo de contato lingüístico e, em um segundo momento, analisaremos os dados de formas tratamentais encontrados em cartas rotuladas como bilíngües, por apresentarem algum tipo de contato lingüístico do

⁸ A abreviatura aparece na obra de Bertolotti *et al* (2005).

português ou do espanhol. Dessa forma, segue disposta na tabela I a distribuição geral dos 77 dados encontrados para essa primeira análise, tendo em vista o meio de circulação da carta (público e privado) e a língua em que foram redigidas (português ou espanhol).

		ESPAÑHOL			PORTUGUÊS			
FORMAS		Circulação Pública	Circulação Privada	Sub-total	FORMAS	Circulação Pública	Circulação Privada	Sub-total
N O M I N A I S	<i>Vuestra Excelencia</i>	27	-	27	<i>Vossa Excelência</i>	5	-	5
	<i>Vuestra Merced</i>	-	-	∅	<i>Vossa Mercê</i>	3	4	7
	<i>Vuestra Señoria</i>	4	-	4	<i>Vossa Senhora</i>	8		8
TOTAL NOMINAIS		31	-	31	TOTAL NOMINAIS	16	4	20
P R O N O M I N A I S	<i>Tú</i>	-	5	5	<i>Tu</i>	-	-	∅
	<i>Vos</i>	1	1	2	<i>Vós</i>	-	-	∅
	<i>Usted</i>	12	3	15	<i>Imperativo 3ª pessoa</i>	-	4	∅
VERBO PRONOMINAIS		13	9	22	VERBO PRONOMINAIS	0	4	4
TOTAL GERAL		<i>53/77</i>			<i>24/77</i>			

Tabela IV – Formas Nominiais e Pronominiais de tratamento utilizadas em correspondências de circulação pública e privada.

Ao analisarmos a tabela 1, podemos observar que as duas amostras apresentam mais divergências do que convergências com relação à produtividade das formas nominiais e pronominais de tratamento. As semelhanças se limitam ao fato de tanto nas cartas escritas em português quanto nas cartas escritas em espanhol verifica-se maior frequência das estratégias de base nominal, se comparada às formas verbo-pronominais – 31 ocorrências na amostra hispânica e 20 ocorrências na amostra portuguesa. A

distribuição das estratégias nominais por tipo de carta apresenta, entretanto, comportamento distinto, como será discutido adiante.

No que se refere às formas pronominais, nota-se que nas cartas escritas em espanhol há maior diversidade de uso tanto em cartas da esfera pública quanto na esfera privada. Na amostra portuguesa só foram localizadas formas verbais imperativas de 3ª pessoa, ou seja, não houve dados de formas pronominais explicitamente realizadas.

Pelo fato de as estratégias de tratamento se distribuírem irregularmente nas duas amostras, optou-se por analisar o seu comportamento em separado. Primeiramente, serão discutidos os resultados das cartas escritas em espanhol e na sequência comentam-se os resultados das cartas escritas em português, tendo em vista o tipo de estratégia tratamental (nominal e verbo-pronominal) empregado.

4.2 Formas de tratamento em cartas hispânicas: distribuição geral dos dados

Como dito anteriormente, podemos observar que ambas as amostras apresentam comportamento similar quanto à maior produtividade das estratégias nominais de tratamento, principalmente na documentação de circulação pública.

Como era de se esperar, observamos o predomínio em cartas públicas das formas nominais de tratamento *Vuestra Excelencia* e *Vuestra Señoria* – mais produtivas na amostra com 31 ocorrências. As estratégias pronominais (*Vos, Tú e Usted*), por sua vez, ainda que menos frequentes, são mais variadas se comparados às estratégias de base nominal.

Há, entretanto, outros aspectos a considerar. Chama atenção nessa amostra o uso categórico das formas nominais de tratamento *Vuestra Excelencia* e *Vuestra Señoria* em cartas de circulação pública; e a ausência completa de *Vuestra Merced* nos dois tipos de cartas. Segundo Bertolotti (2003) tal estratégia era, no século XIX, a mais produtiva em interações marcadas pelo distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário. No que se refere às formas verbo-pronominais, a polarização deu-se, basicamente, entre *tú* e *Usted*, aquele de uso exclusivo na correspondência marcada pela informalidade, enquanto este sendo utilizado nas cartas públicas e privadas.

Com relação às estratégias de base nominal, Lapesa (2000), afirma que, já no século XVII, segundo Juan de Luna, as formas de tratamento em espanhol eram muito rígidas em termos do direcionamento ao interlocutor e o seu papel social. As formas *Vuestra Merced* (e derivados), por exemplo, eram direcionadas a todos os membros

pertencentes ao alto nível da sociedade e *Vuestra Señoria* designado ao trato de condes, marqueses, bispos e assim por diante.

A estratégia *Vuestra Excelencia* apresentou, na amostra hispânica, alta produtividade em cartas de circulação pública, principalmente em correspondências trocadas por figuras políticas, militares e juízes (27 num total de 31 ocorrências de formas nominais). Tal uso já era esperado, uma vez que se trata de uma estratégia tratamental voltada para situações de maior formalidade. Para um prévio esclarecimento do uso de *Vuestra Excelencia* na esfera pública seguem os seguintes exemplos.

O exemplo (01) se refere ao documento número 14 de nossa amostra, em que o Juiz Territorial do Partido del Yermal envia uma carta ao Senhor José, solicitando-lhe seu desligamento do referido partido. Nesse exemplo podemos observar 4 ocorrências de *Vuestra Excelencia* como sujeito nulo numa mesma carta.

(01)

“Yllmo . y E. S. C. G. Candido Barreto Juez Territ.l del Part.do del Yermal, ante **VE**⁹. con el mayor respeto digo: q.e presiado, à dejar, mis campos y Domicilio, y p.r trasladarme à distancia de mas de cien leg.s en esta misma Provincia; (...) pero creiendo q.e nò està en su adbitrio; el relebarne, y si solo en el de **VE**. Con fha. 4 de Feb o **mè ordena** q.e ocurra ante **VE**., seg. n sè bè p.r el Of.o orig.l q.e presento en debida forma: en su obedesimiento Sup.co à **VE**., **tenga** la bondad de Rele- barne del empleo de Juez, y ordenando q.e el dho. Juez nombre otro, p.r los tres meses q.e faltan, à fin de q.e sin perder los mon.^{tos} pueda con oportunidad lebarne mis campos, y Poblaciones p.r el lugar de las Biboras, antes q.e las Aguas, y el Ymbierno puedan arruinarne en mi mudansa. (...) q.e hè poseido, con la misma boluntad q.e en estos nueve meses, he desempeñado mi Alcaldìa, con la misma concluirla, llenando las oblig.s q.e **me havia** impuesto; pero como estas son acesor.s y ligadas à la Calidad del Vesindario de q.e nò puedo gozarla p.^r q.^e soy presiado à despoblarme (...)”

(Carta de circulação pública (14) Juiz Territorial do Partido del Yermal, 1825)

O exemplo (02) foi retirado da carta 03, em que Diego de Souza escreve ao seu amigo Gaspar Vigodet, informando-lhe, dentre outras coisas, que enviou ordens para que as tropas portuguesas se retirem do acampamento de San Diego. Apesar de o remetente se referir ao destinatário tratando-o por amigo, trata-se de uma correspondência oficial, pois foi trocada entre autoridades políticas e militares montevidéanas, comentando temas relacionados ao processo de independência uruguaia.

⁹ Marcamos na indicação do exemplo as ocorrências de *V. E.* encontradas na carta, embora só tenhamos computado *V.E.* na posição de sujeito.

(02)

*“Excelentísimo Señor e am^o= Recivi ayer al ponerse el Sol la carta oficio de V.E con fecha de seis de corrt e mes acompañando, copias dela que le escribió la Junta de Buenos-Ayres en primero del mismo mes, refiriendose a los Partes de Artigas, y dela respuesta que **V.E le daba** en aquel mismo dia seis; la qual por la Justicia, energia, y dignidad con que está concebida, ofreciendo un nuevo testimonio incontestable dela sanidad y firmeza de su carácter, nada\deja que decir en el asunto dela pretension dela Junta fundado en argumentos capciosos, deducidos de datos, tan falso como **V.E puede** conocer, tomándose la incomodidad de confrontar Papeles de Artigas con las copias n^o 1.2 y 3. de diversos documentos, (...) Solo esta circunstancia conforme con lo que **V.E dice** ala Junta me parecia suficiente, para que la mencionada mi Carta Siguiese a Su destino, y como en ella trataba de otros objetos, à cerca delos quales, vistas las intenciones dela Junta, aun hoy se me hace mas precisa una respuesta Categorica; pido à **V.E expida** con ella prontamente à dicho Capitan, pues si la Junta se negare a proposiciones tan justas, no quedará duda, de que sus invectivas se dirigen à fines siniestros, que se deven con toda prontitud atajar. Las providencias que **V.E quiere** tomar para interceptar la navegación delos Socorros pedidos por Artigas, serian muy convenientes, à no ser retardados, constando por la Copia, n^o 3 haverle ya llegado algunos, y por cartas de Buenos – Ayres, estar para salir con brevedad otros considerables de Gente, Municiones, Armamentos, y Dinero (...)”*

(Carta de circulação pública (03) Diego de Souza, 1812)

Como podemos perceber nos dois exemplos, a forma nominal *Vuestra Excelencia* aparece, como previsto, em contexto de maior distanciamento interpessoal, evidenciando, assim, tratar-se de uma estratégia tratamental preferida em relações de maior cortesia entre os interlocutores. Todavia, caracterizar ambas as cartas afirmando que são simplesmente correspondências formais não é suficiente para explicar o uso de tal estratégia de tratamento nesses tipos de documentos, por isso recorreremos aos estudos de Koch (1997) com objetivo de delinear um perfil comunicativo dessas cartas.

Ao analisarmos o primeiro exemplo, podemos afirmar que essa carta possui um perfil discursivo de maior distância comunicativa, uma vez que não há familiaridade entre os interlocutores, tampouco proximidade física, dialogicidade e cooperação entre os interactuantes, pois se trata de uma carta, em que não é possível observar uma possível reação do receptor. No segundo exemplo, observamos que o perfil de concepção discursiva da carta também é de distância comunicativa, porém diferentemente do exemplo anterior, as cartas não possuem as mesmas características. Ao analisarmos a missiva, verifica-se que o remetente trata o seu destinatário como amigo, evidenciando alguma familiaridade, ou simplesmente, o fato de compartilharem

a mesma realidade expressa ao longo da carta, uma vez que os interlocutores estão juntos e empenhados no processo de independência montevidéana.

Além disso, no primeiro caso, podemos dizer que o uso de *Vuestra Excelencia* está relacionado a uma Tradição Discursiva (TD), ou seja, por se tratar de uma carta trocada entre juízes, o uso de *Vuestra Excelencia* estaria relacionado ao tipo de texto e não obrigatoriamente seria um marcador da distância entre os interlocutores. Como afirma Kabatech (2001) *certos fenômenos 'textuais' parecem perturbar a verdadeira diacronia: tradições discursivas de um gênero particular que, com uma forma fixada ou com uma fórmula que resiste à mudança, limitam as possibilidades de expressão; ou seja, há determinados usos que estão correlacionados ao tipo de texto e não à língua em análise.*

Já no segundo exemplo, observamos que a forma *Vuestra Excelencia* foi empregada para marcar o “respeito” que o comandante tem pelo Superior Governo, principalmente por se tratar de uma relação transacional¹⁰, isto é, uma relação de natureza socio-política de independência de Montevidéu. Diego de Souza era o comandante da tropa militar que veio ajudar Francisco Javier Elío, Capitão Geral de Montevidéu, a defender Montevidéu do avanço espanhol comandado por Artigas. Gaspar Vigodet, o destinatário, fazia parte na época, por volta de 1811, do governo dessa mesma região, que anos mais tarde viria ser a capital federal do Uruguai.

A forma *Vuestra Señoria* foi a segunda estratégia nominal produtiva em nossa amostra, com 4 ocorrências em missivas de circulação pública. O uso de tal estratégia de tratamento, ainda que menos cerimoniosa que *Vuestra Excelencia*, também foi categórico em missivas com maior distanciamento entre remetente e destinatário. Os usos de *Vuestra Señoria* ocorreram somente em duas cartas que podem ser visualizadas nos exemplos a seguir. O exemplo (03) se refere ao documento de número (39) de nossa amostra, em que uma autoridade de Tacuarembó, José Maria Alonso, envia uma carta a uma autoridade de Piratiny, Francisco Silva Coelho, informando-lhe sobre o processo de pedido de herança.

(03)

Don José Maria Alonzo, segundo suplente del Alcalde Ordinario del Departamento de Tacuarembó, en Ejercicio &.ª

¹⁰ Como afirma Briz (2004, p. 80), “relações transacionais são assimétricas por definição, pois o papel funcional, os direitos e as obrigações se apresentam de algum modo determinados e mais estritamente submetidos a convenções sociais”.

Hago saver que en el Juzgado de mi cargo se ha presentado un escrito por Don Antonio José Fernandez Secretario, y Don Benito Esquivel, como apoderado de Don Antonio José Bortello, cuyo tenór, y el del auto en él, recahido como si Escrito fue. (...) Que habiendo fallecido nuestra suegra Doña Lucía Ferreira Leite de Azambuya, en la Ciudad de Pelotas, en 22. de Septiembre del año de 1845 **V.S se sirva** mandár espedir carta suplicatoria al Señor Juez Municipal de Piratiný, para que se le intime al dho. Nuestro suegro Don Geronimo Matias Pinto (...) **V.S. juzgue** prudencial lo haga comparecer por sí, ó por apoderado suficiente á estár á derecho en este Juzgado á los efectos que solicitan los peticionarios, debiendo V.S. estár seguro que de igual manera leerán cumplidas las que **V.S. me dirigiere**, y que diligenciado se dignará volverla á los efectos que hubieren lugar. Dado en la Villa de Tacuarembó á 25. de Agosto de 1849-

(Carta de circulação pública (39) José Maria Alonso, 1849)

O exemplo (04) se refere à carta (48) enviada por João Antonio Rozado ao Alcaide Ordinário da Província de Tacuarembó, avisando-lhe que obteve o título da falecida Dona Maria Francisca dos Santos. Tal título se refere a um Campo na ponta do Arroio Cunapiru no Departamento de Tacuarembó.

(04)

Seño Alcalde Ordinario

D.n Juan Antonio Rosado vecino de esta Villa como mejor lugar haija en derecho respectuosamente mepresento y digo: Que habiendo sido apoderado de la viuda D.^a Maria Fran.ca de los Santos vecina de S.ta Anna de Livramento en la Provincia Limitrophe; para obtener lo el titiulo de propiedad de un Campo do en las puntas del Arroio Cunapi[*ru]

*este Departam.to como lo demuestra por
el titulo y poder que pongo de manifiesto;
;por tanto pido que dandome por [*presentado]
el dicho titulo y poder pre
de este que **V. S^a se sirvirá** orde[*nar] [*ru]
bricar por el auturario: fecho que
librar pronto al Juez de Paz de S.ta [*Anna]
de Livramento endonde reside la refer[*ida]
D.^a María Fran.ca de los Santos, para [*que]
Que dentro [*del] termino que **V. S^a jusgue**
prudente se presente en este juzgado por sí o por
apoderado en forma a estar a
derecho: deajo apercebimiento de ano veri-
ficarlo quedar desde luego embargado el
campo de que consta dicho titulo ásta
intero cumplimiento de lo que ha tra-
-tado; y sujata a abonarme todos los gas-
tos costas y costos y perjuicios que se pue-
dan originar.
Es gracia y justicia que suplico y juro Joaõ Antonio Rozado
Tacuarembó 9 de Marzo de 1854.”*

(Carta de circulação pública (48) Juan Antonio Rozado, 1854)

Ao analisar esses dois exemplos, podemos perceber que há uma tênue diferença no emprego de *Vuestra Exelencia* e *Vuestra Señoria* nas cartas que constituem nosso *corpus*. No primeiro caso, os papéis funcionais do remetente e destinatário são mais marcados, pois são casos de cartas trocadas entre juízes. Nesse caso fica nítida a força das relações transacionais determinando o uso tratamental, pois a relação remetente-destinatário é determinada por fortes convenções sociais, exigindo um comportamento linguístico: [+ formal, - solidário, - simétrico, - íntimo, – próximo].

Além do mais, como são cartas trocadas entre juízes, prevalece o peso das tradições discursivas, pois os juízes seguem um modelo de escrita predeterminado. No caso da carta em que aparece *Vuestra Señoria* têm-se cidadãos que escrevem para o Alcaide fazendo solicitações, o que também exigiria um uso tratamental com algum distanciamento como é o caso da forma nominal em questão. Entretanto, para tal emprego talvez haja um fator adicional. Postula-se a hipótese de que esses usos estariam condicionados, sobretudo, a fatores de natureza pragmática, ou seja, as formas nominais de tratamento abstrato seriam estratégias linguísticas que atenuariam uma possível ameaça pragmática, consubstancializada em atos diretivos de pedido (Koch, 2008). Esses aspectos serão discutidos de maneira aprofundada no item “As formas tratamentais e a natureza das relações sociais”.

4.3 As formas verbo-pronominais de tratamento: a questão do sujeito

Na seqüência, serão apresentados os resultados relativos às formas verbo-pronominais. Foram co-relacionados estatisticamente fatores lingüísticos e extralingüísticos. Nessa seção, consideraram-se como fatores internos: a forma de tratamento (pronominal ou verbal) separando as orações não-imperativas das imperativas e o tipo de sujeito (se preenchido ou não). Em relação aos fatores externos, foram levadas em conta as diferentes relações sociais estabelecidas entre o remetente e o destinatário nas interações estabelecidas nas cartas, tendo em vista a perspectiva de poder e solidariedade.

Fontanella de Weinberg (1999), no que se refere ao uso das formas verbo-pronominais em espanhol, argumenta que a explicação para um sistema pronominal tão amplo deve ser resgatada nos séculos passados, quando ainda existiam três formas de tratamento utilizadas para a segunda pessoa do singular: *Tú*, *Vos*, e *Vuestra Merced*. Para as formas pronominais, Lapesa (2000) defende que o *Tú* era utilizado quando se desejava mostrar amor ou familiaridade, ou seja, para crianças e pessoas mais próximas; o *Vos* era empregado a vassallos e criados e *Vuestra Merced* (e derivados) a todos.

Em nosso *corpus*, composto por missivas oitocentistas, verificamos que a estratégia pronominal mais produtiva foi a forma *Usted* – 15 ocorrências; seguida da forma *Tú* – 5 ocorrências e da forma *Vos* – 2 ocorrências. No que se refere à forma *Usted*, observamos maior produtividade em cartas de circulação pública – 12 ocorrências, em que há maior distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário, se comparados a correspondências de circulação privada – 3 ocorrências, em que o grau de formalismo é menor.

A nossa principal hipótese quanto ao emprego das formas verbo-pronominais do período em análise parte das conclusões dos trabalhos de Bertolotti (2003) e de Fontanella (1999). Ambas as autoras afirmam, em termos gerais, que o sistema de tratamento que caracterizou a Banda Oriental – nome do Uruguai na época colonial, entre o século XVIII e princípios do XIX foi o seguinte: a forma *Tú* para o tratamento solidário ou de maior intimidade, a forma *Vuestra Merced* para manifestar relações de distância ou relações nas quais o poder é um fator determinante, e a forma *Usted*, esporadicamente documentada. De forma geral, o Uruguai tem seu sistema tratamental

oitocentista marcado pelo (re)aparecimento de *Vos* e o crescimento de *Usted*, em detrimento da forma *Vuestra Merced*.

Na descrição das formas verbo-pronominais de tratamento encontradas em cartas de circulação pública e privada escritas em espanhol no século XIX, optou-se por, além de descrever as ocorrências dos dados, analisar o preenchimento do sujeito em orações não imperativas.

Como afirma Fernandez Soriano (1999), a língua espanhola permite omitir o pronome sujeito, diferenciando-se, desta maneira, de outras línguas como o inglês, que apenas admite construções com sujeito expesso. Tal comportamento se deve à riqueza do paradigma verbal que faz com que, a partir da desinência flexional do verbo, seja possível identificar as distintas pessoas gramaticais. A autora defende que a flexão contém em si o sujeito, possui suas características e por isso a aparição de um sujeito expesso não é necessária em determinados casos.

Em espanhol há, no entanto, contextos em que os pronomes sujeitos são de fundamental importância para o entendimento do enunciado e, por isso, são preferencialmente preenchidos tendo em vista três fatores: *a redundância, a ênfase e a ambigüidade* (Enriquez, 1984, *apud* Soriano, 1999). Silva-Corvalán (2001, p. 154) elenca, com base em diversos trabalhos variacionistas, os fatores discursivos que influenciam na expressão variável do sujeito. São eles: “o estabelecimento do tópico oracional ou de uma unidade discursiva, a expressão de uma informação focal nova ou contrastiva, a identificação clara do referente, a ambigüidade da forma verbal e a correferencialidade com o sujeito precedente”. Os três primeiros fatores apontados exigem a expressão obrigatória do sujeito, como ilustram os exemplos apresentados pela autora:

“*Mi señora habla bien inglés pero yo/Ø* lo hablo muy quebrado*” (contraste)

“*¿Quién trajo este diario? B: Yo lo traje. /Ø* lo traje*” (informação focal)

“*Y ella iba a mi lado y yo estaba temblando, que hasta los dientes se oían que pegaban*” (identificação do referente).

No primeiro exemplo, o preenchimento é obrigatório, pois marca uma oposição entre os dois sujeitos (a esposa fala bem inglês, ao passo que ele fala mal). No exemplo seguinte quer se focalizar o sujeito (foi ele quem trouxe o diário e não outra pessoa). No último exemplo a forma verbal é ambígua e o sujeito da segunda oração não é correferente ao sujeito da primeira, daí a obrigatoriedade do preenchimento do sujeito, pois a terminação verbal de 3ª pessoa (*iba*) é igual à terminação na 1ª pessoa (*estaba*).

Com relação aos usos de *Tú*, *Vos* e *Usted* como sujeito explícito no Uruguai oitocentista, partimos das hipóteses de Bertolotti (a sair). A autora afirma que o predomínio de *Usted* como sujeito preenchido poderia evidenciar um comportamento ainda conservador característico da forma nominal *Vuestra Merced*. Além disso, Bertolotti¹¹ verificou que, durante o século XIX, os índices de sujeito explícito são muito mais altos quando o pronome de segunda pessoa é a forma *Usted*. Isso ocorre mais nas primeiras décadas do que nos últimos anos do século XIX

Diante disso, interessa-nos: i) verificar se a hipótese de Bertolotti se confirma nos nossos dados do mesmo período histórico, mas em região bilíngüe; e 2) identificar quais as motivações pragmático-discursivas que levam ao preenchimento da posição do sujeito em um *corpus* do século XIX.

A tabela a seguir nos mostra quantitativamente as ocorrências de *Tú*, *Vos* e *Usted*, como sujeito nulo e pleno.

	<i>Tú</i>	<i>Vos</i>	<i>Usted</i>	Total
Sujeito preenchido	2	1	10	13
Sujeito não preenchido	3	1	5	9

Tabela V: *Sujeitos plenos e nulos nas cartas hispânicas oitocentistas*

Como podemos observar na tabela 2, as formas pronominais *Tú* e *Vos* apresentam comportamento diferenciado em relação à *Usted*. No caso das duas formas originalmente pronominais (*Tú* e *Vos*) houve um equilíbrio entre sujeito nulo e pleno, com favorecimento para o não-preenchimento do sujeito. No caso de *Usted*, forma oriunda de uma expressão nominal de tratamento, as ocorrências de sujeito pleno foram mais produtivas do que as de sujeito nulo.

Foram identificados 15 dados de *usted*, 10 deles como sujeito preenchido e apenas 05 como sujeito nulo. Desses 15 dados, 12 encontram-se em cartas de circulação pública. Como defende Bertolotti (2003), *Usted* era mais freqüente, ao longo do século XIX, em contextos mais formais, marcados pela distância interpessoal. No seu estudo sobre o *tuteo e voseo pronominal en Uruguay del siglo XIX*, a autora mostrou que a forma *Vuestra Merced* era prioritariamente utilizada, nos séculos XVIII e início do XIX,

¹¹ Ver Bertolotti (a sair) *Semántica y pragmática de los usos de Usted, tú y vos como sujeto en el siglo XIX en Uruguay*

em situações de maior poder por parte do remetente das cartas. A forma *Usted* advinda da estratégia cortês de tratamento *Vuestra Merced* se firmou, a partir do século XIX, como estratégia de tratamento altamente produtiva em contextos de maior distanciamento entre os interlocutores.

A alta produtividade de *Usted* como sujeito pleno na nossa amostra confirmaria, em princípio, os resultados de Bertolotti (a sair) por duas razões. Em primeiro lugar, *Usted* mostrou-se mais produtivo em cartas de circulação pública que se caracterizam por serem [-solidárias], [-íntimas], [+distantes], contextos propícios ao uso de *Vuestra Merced*. Em segundo lugar, *Usted* ocorreu preferencialmente como sujeito explícito numa língua de sujeito preenchido como é o caso do espanhol (mesmo que na sua vertente uruguaia). Nesse momento, cabem os seguintes questionamentos: a forma *Usted* ainda estaria conservando nas cartas produzidas em região bilíngüe um comportamento de estratégia de nominal de tratamento? Os raros dados que aparecem em cartas particulares já poderiam evidenciar indícios de *Usted* como forma [+pronominal]? E os dados de *usted* como sujeito nulo também indicariam tal comportamento como pronome?

Na seção seguinte, em que se analisam detalhadamente as relações sociais estabelecidas entre os interlocutores das cartas, discutiremos dado a dado as ocorrências de *usted* como sujeito explícito, na tentativa de entender as possíveis motivações discursivo-pragmáticas que poderiam ter favorecido o preenchimento, elucidando assim as questões propostas.

4.4 As formas tratamentais e a natureza das relações sociais

Na tentativa de identificar outros fatores extralingüísticos que poderiam elucidar a questão do emprego das formas de tratamento, analisou-se a natureza das relações estabelecidas, que foram consideradas assimétricas (*superior-inferior* ou *inferior-superior*) e simétricas (*igualitário superior* e *igualitário inferior*). A seguir, cada uma delas será comentada separadamente para melhor compreensão do fenômeno

Conforme enunciado nos pressupostos teórico-metodológicos, adotou-se a proposta de Brown e Gilman (1960) sobre a *Teoria do Poder e Solidariedade* para tentar explicar o uso de determinadas formas tratamentais detectadas nas cartas. Além disso, analisamos os dados com base na *Teoria da Polidez* de Brown e Levinson (1987),

buscando identificar as motivações semântico-pragmáticas de uso das formas nominais e pronominais de tratamento.

Para identificar como determinados traços lingüísticos deixam transparecer se as relações sociais estabelecem distanciamento e/ou solidariedade entre remetente e destinatário, adotou-se a mesma tipologia discutida por Lopes (2001): i) *relações assimétricas ascendentes* (de inferior para superior); ii) *assimétricas descendentes* (de superior para inferior); e iii) *relações simétricas* (entre membros de um mesmo grupo social).

Através da análise do conteúdo das cartas foi possível depreender as relações interpessoais estabelecidas entre remetente-destinatário. Assim, conseguimos alocar cada situação comunicativa em função de um eixo hierárquico social, a saber:

- a) Relações assimétricas descendentes (*superior – inferior*)
- b) Relações assimétricas ascendentes (*inferior – superior*)
- c) Relações simétricas de maior distanciamento interpessoal [- solidárias]
- d) Relações simétricas de menor distanciamento interpessoal [+ solidárias]

4.4.1 Relações sociais assimétricas e simétricas na amostra hispânica

Como discutido anteriormente, as relações assimétricas são relações não recíprocas entre, no mínimo, duas pessoas, que não possuem poder na mesma área de atuação. O tratamento *assimétrico de superior a inferior* consiste em uma relação entre um emissor e um receptor na qual o primeiro exerce algum tipo de controle ou poder sobre o segundo em uma determinada situação. Ao contrário, na *assimétrica de inferior para superior*, observa-se que no trato entre emissor e receptor este detém poder sobre aquele. Portanto, pode-se dizer que nas relações assimétricas as pessoas se diferenciam pelo pólo de poder que ocupam. Já nas *relações simétricas* parte-se do princípio que os interactantes têm forças iguais, ou seja, se tratam como se estivessem no mesmo eixo social (Brown e Gilman, 1960). Desta maneira, a solidariedade seria fruto do compartilhamento de condutas que levam a semelhanças no modo de agir e pensar. A solidariedade se estabelece no eixo horizontal, e por isso não se excluem.

Controlou-se, numa perspectiva sociolingüística, o tipo de relação social estabelecida entre os interlocutores presentes tanto em cartas de circulação pública quanto em cartas de circulação privada.

Na tabela a seguir são apresentados os resultados obtidos na amostra de cartas escritas em espanhol. Os resultados relativos à amostra portuguesa serão discutidos no capítulo 6:

Tipo de relação		Remetente - Destinatário	Formas utilizadas
Assimétricas Descendente	Superior/ inferior	Superior Governo – Tenente	<i>V. Ex^a</i> (C.5) ¹²
		Superior Governo - Juiz	<i>V. Ex^a</i> (C.15) <i>Usted</i> (C.89)
Assimétricas Ascendentes	Inferior / Superior	Tenente – Superior Governo	<i>V. Ex^a</i> (C.03)
		Habitante – Superior Governo	<i>V. Ex^a</i> (C.12)
		Habitante – Juiz	<i>V. Ex^a</i> (C.15) <i>Usted</i> (C.31)
		Habitante - Tenente	<i>Usted</i> (C.29b) <i>V.S^a</i> (C.48)
Simétricas	[- solidárias]	Juiz – Juiz	<i>V.Ex^a</i> (C.14) <i>Usted</i> (C. 35) <i>V.S^a</i> (C.39)
		Tenente – Tenente	<i>Usted</i> (C.62)
	[+ solidárias]	Mulher – Marido	<i>Tú / Vos</i> (C.63)
		Amigo – Amigo	<i>Usted</i> (C.77)

Tabela VI – Formas tratamentais em função das relações sociais entre os interlocutores: amostra espanhola

Em termos gerais, como pode ser observado na tabela, nas relações assimétricas, descendentes e ascendentes, ocorre, principalmente, a forma nominal de tratamento *Vuestra Excelencia*, variando eventualmente com *Vuestra Señoria* e com *Usted*. Nas relações simétricas, por outro lado, são as formas pronominais *Tú/Vos* que vão prevalecer nos contextos mais solidários. Essa distribuição das formas não elucida, entretanto, algumas questões. O que determina o uso de uma mesma forma nominal *Vuestra Excelencia* em quase todos os tipos de relação assimétrica? Como se explica o fato de *Usted* circular também em todos os tipos de relação? Que valores ainda tal forma carregava nessas cartas do século XIX? O tratamento na esfera pública era ritualizado? Seriam tradições discursivas da época? Para tanto, torna-se relevante

¹² Entre parênteses está indicado o número da carta do *corpus*.

procurar compreender as *particularidades* de cada uso nas cartas, realizando uma análise qualitativa de natureza sócio-pragmática dos dados.

Para análise dos dados, parte-se dos estudos de *cortesía*, ou polidez, realizados por Brown y Levinson (1978/1987), os quais descrevem o uso das estratégias conversacionais utilizadas pelo falante para cuidar das *imagens* de locutor e alocutário. Aliada a tal perspectiva, leva-se em conta as hipóteses postuladas por Koch (2008). No seu estudo sobre a mudança de *Vuestra Merced* > *Usted*, o autor defende que nomear diretamente o interlocutor por intermédio de um pronome de segunda pessoa do singular seria por si só, um ato de ameaça à face¹³ negativa do interlocutor, ou FTA segundo Brown e Levinson (1987). Para Koch (2008) há procedimentos distintos de cortesia para evitar ou atenuar estas ameaças pragmáticas, como é o caso dos tratamentos abstratos de base nominal (*Vuestra Merced*, *Vuestra Majestade*) ou mesmo a pluralização do pronome de segunda pessoa do discurso (o emprego de *Vos* no lugar de *Tú*). A hipótese do autor, a ser testada em nossa amostra, é a de que o emprego do tratamento de base nominal (ou o uso do pronome de segunda pessoa no plural no lugar da segunda pessoa do singular) para se dirigir a um único destinatário seria uma estratégia atenuadora de atos diretivos tão presentes no gênero epistolar.

Nas seções seguintes, partindo da Teoria da Polidez de Brown & Levinson (1987), será analisada detalhadamente a correlação entre o emprego das formas de tratamento e o tipo de relação social estabelecida entre remetente e destinatário. Leva-se em conta ainda a hipótese de que as escolhas tratamentais podem ser consideradas como estratégias de atenuação ou de mitigação dos atos de ameaça à face, a favor da polidez lingüística (cf. Koch, 2008, Marcotulio, 2008).

- Relações assimétricas descendentes

As relações *sociais assimétricas descendentes* se caracterizam por estabelecer um distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário, em que o locutor ocupa o pólo de maior poder. Em nossa amostra, esse tipo de relação social foi detectada nas cartas enviadas pelo Governo Superior a seus subordinados. Nessas cartas prevalecem as estratégias tratamentais *Vuestra Excelência* (duas ocorrências) e *Usted*. O uso de *Vuestra Excelencia* foi detectado em uma carta enviada pelo Superior Governo a um

¹³ Para o conceito de *faces*, ver Goffman (1980) e Brown & Levinson (1987).

tenente, tratando de temas relacionados ao processo de independência de Montevideú, já nas outras duas cartas enviadas a diferentes Juízes, ora se emprega a forma *Vuestra Excelencia* ora se emprega *Usted*.

O exemplo (14) foi retirado da carta número (05) de nossa amostra, em que Francisco Javier Elío, na figura do Superior Governo, envia uma correspondência ao Tenente Diego de Souza, comunicando-lhe que recebeu seu ofício e pedindo-lhe que responda imediatamente os seus ofícios anteriormente enviados:

(14)

“Ilmo Exmo Señor N°10. El Coronel D. Miguel Lino de Morales, me há entregado El oficio de V.E. fhã del 8 de este, y aunque em nombre de V.E. me há dão □ontestación alós que V.E. recibió mios, y expresa en su citado oficio. Los particulares á que estos se refieren exigen contestación de V.E. positiva y por escrito, pues no son de tan poca importancia como la que me ha querido expresar de parte de V.E. dicho Morales. Asi lo dejaré advertido al Mariscal de Campo D. Gaspar Vigodet á quien voy á entregar el mando de esta Capitania General de resultas dela Real orden q. he recibido, y vá copiada en el adjunto impreso. Yo desearé q. V.E. se sirva emplearme en España en cosas de su agrado: asegurando á V.E. dela consideración con q. es de V.E. Su mas atento y Seguro Servidor Xavier Elio. Y° Exmo Señor D. Diego de Sousa Montevideo 14 de Nov° de 1811”

(Carta de circulação pública (05) Francisco Javier Elío, 1811)

Francisco Javier Elío (Xavier em português) é um comandante das tropas portuguesas e havia tomado a regiões de Montevideú. Em 1811 é nomeado Vice-rei e Capitão general da região, atual Montevideú, e passa a tomar diversas decisões que foram severamente criticadas, gerando insatisfação por suas medidas adotadas. Em fevereiro se dá o "grito de Asencio" e um capitão chamado José Artigas, ao retornar de Buenos Aires, aonde fora oferecer seus serviços, torna-se líder dos autonomistas. Em 18 de maio de 1811, os autonomistas tomam o país, exceto Montevideú. Francisco Javier Elío solicita e recebe apoio da Corte portuguesa instalada no Brasil que lhe envia o exército "pacificador" sob o comando de Diego de Souza. Diante desse contexto, a ocorrência da estratégia *Vuestra Excelencia* em uma correspondência entre um político, que ocupa o pólo de “maior” poder e um militar, que está, de acordo com eixo hierárquico social, no pólo de “menos” poder, é justificada por se tratar de uma carta de circulação pública trocada entre figuras político-militares importantes no processo de independência de Montevideú, mantendo, dessa forma, a distância interpessoal característico desse tipo de carta.

Além disso, o remetente, com o objetivo de conseguir a ajuda do tenente Diego de Souza para conter o avanço das tropas montevidéanas, trata o seu destinatário de forma mais cortês, utilizando, assim, *Vuestra Excelencia*. Dessa forma, podemos afirmar que nesse exemplo o remetente, para mitigar e/ou amenizar esse ato ameaçador (FTA para Brown /Levinson 1987) utiliza a forma *Vuestra Excelencia*, enaltecendo, dessa maneira, a figura do seu destinatário para que ele não se sinta ofendido, ou “invadido”, pelo pedido que aparece logo depois da forma de tratamento proferida. Como afirma Marcotulio (2008), se o ato a ser proferido ameaça a uma das faces do destinatário é necessário recorrer a uma estratégia que possa atenuar a imposição do ato de cobrança e conseqüentemente a invasão do território alheio.

O exemplo (15), a seguir, se refere ao uso da estratégia nominal (*Vuestra Excelencia*) em uma carta de circulação pública de nossa amostra. Nessa carta, o Barão da Laguna, representante do Superior Governo, na figura de Nicolas Herrera, se dirige ao Juiz, Germano Franco de Oliveira, informando-lhe, dentre outras coisas, que a escolha para o novo tradutor deve ser feita diante do Governo e dos Tribunais.

(15)
Illmo. y Exmo. Sr.

*Los traductores de idioma deven considerarse en la clase de peritos, quando intervienen en los negocios publicos ò judiciales; y por consiguiente deve dejarse el nombram. to de traductores de docum.tos extrangeros ala eleccion delas autoridades en todos los Casos qe ocurran en el Gob.no ò ante los Tribunales y Jusgados, como es de practica y costumbre; porqe en otra forma, **V.Ex^a** en la necesidad de nombrar un traductor pa cada idioma delas Naciones q.e frecuentan nuestros Puertos; y con este exemplo **tendra V.Exa** solicitudes tantas, como son las artes y oficios, pa obtener nombramtos de peritos exclusivos, en todos los negocios q.e se ofrescan, de Albañilería, Capinteria, Herreria &.a &ª; (...) Por esto, es de dictamen el Oydor Assesor que, **V.Ex^a no haga** lugar alas Solicitudes de Barbosa y Navajas, dejando alas autorids el nombrar peritos en los casos q.e se ofrescan; ò alas partes, quando el nombramto es de su derecho: pº **V. Ex^a***

resolvera como le paresca mejor. Mont.º
y Marzo 8 de 1825
Illmo y Exmo Sr
Conformado
Barao da Laguna
Nicolas Herrera 19 {RUB}

(Carta de circulação pública (15) Nicolas Herrera, 1825)

Nesse exemplo também se utilizou *Vuestra Excelencia* em uma relação social de *superior para inferior*. Nicolas Herrera diz ao Juiz Germano Franco de Oliveira quais serão as providências a serem tomadas com relação à escolha do tradutor de português. É possível considerar que se trata de uma atitude invasiva, de ameaça às faces dos interlocutores, pois o remetente está fazendo um pedido ao destinatário que pode não ser atendido. Para minimizar esse “ato ameaçador”, o remetente, assim como no exemplo anterior, trata o seu destinatário por *Vuestra Excelencia*. Como discutido anteriormente, defende-se que as formas nominais de tratamento por conta da cortesia, formalidade, distanciamento ou indiretividade funcionariam como estratégias de polidez/cortesia, ou seja, pragmaticamente seriam recursos mitigadores que minimizariam um determinado ato, preservando *as faces* dos participantes da interação.

Parece conveniente ressaltar no exemplo que as duas primeiras ocorrências da estratégia nominal (*Vuestra Excelencia*) aparecem pospostas ao verbo e as duas últimas ocorrências das referidas fórmulas estão antepostas. No primeiro caso, percebe-se que o autor se coloca, em relação ao seu destinatário, de forma mais severa, afirmando que se o Juiz não agir da forma como lhe “ordena” e/ou “instrui”, o mesmo será responsabilizado pelas eventuais conseqüências. A ordem está levemente mascarada pelo emprego de verbos no futuro do indicativo (“*Verá*” e “*Tendrá*” *V. Ex^a*), mas a presença do sujeito posposto reitera o tom impositivo do ato diretivo. No segundo caso, ele se mostra mais tranqüilo, sereno, pois lhe dá alguns conselhos, afirmando que ele pode resolver todas as questões da maneira que lhe pareça melhor.

Em (16) tem-se um uso da forma de tratamento *Usted* na carta de número (89) de nossa amostra. Novamente o Superior Governo, Barão da Laguna Don Federico Lecor, escreve ao Juiz Ordinário de Cerro Largo, informando-lhe que recebeu uma denúncia de um campo em Realengo, realizada por Francisco José da Cunha.

(16)

“y habiendo adherido à su solicitud en conformidad al Bando de siete de Noviembre del año pasado, con vista de lo expuesto por el Señor Fiscal hé mandado

*se libre al efecto el Despacho de estilo. En su consecuencia luego que el presente le sea entregado **procederá V.** por si (ò comisionando al juez mas inmediato) à recibir una informaión bajo juramento de los vecinos antiguos, ò colindantes, que dén razón del conocimiento del terreno que denuncia Francisco José da Cunha, de la informacion resultase ser realengo y valuto, **nombrará V.** un Piloto agrimensor de los de este Estado, que prestàndo el debido juramento, proceda à la mensura con citacion de los colindantes, reconociendo personalmente todo el terreno, y sus confines, anotàndo su calidad, aguadas, montevo, y demàs circunstancias provechosas, y desfavoràbles. Tomados estos datos. **principiará V.** con el agrimensór la medicion del terreno por cordeladas, y de quadra en quàdra, segun el rumbo se fuese descubriendo con la brujula, ò aujon, p.a sacàr despues el area segun la figura del terreno, de q.e deberà levantàr se un plano p.a dar idea de el, y desus lindèros, con prevencion, q.e si resultàse propiedad agena, se suspendera toda diligencia en el estado, que se halle. Concluida, y extendida la mensura con toda cla [25] -ridad, **nombrará V.** dos inteligentes, y de providad, q.e jurando el cargo, tasen las tierras separadamente con arreglo à su calidad, y situaciòn nombrandoles un tercèro en caso de discordia. Practicando todo lo prevenido, con citacion de los circumvecinos, si los hubiese, **darà V.** cuenta à esta superioridad con las diligencias obradas p.a librar las providencias q.e correspondan.- Dado en Montevideo à quatro de Enero de mil ochocientos veinte y dos (...)"*

(Carta de circulação pública (89). Don Carlos Federico Lecor, 1835)

Nesse exemplo, verificamos o uso da forma *Usted* em uma carta de circulação pública, caracterizada por uma relação *social assimétrica de superior para inferior*. Trata-se de uma correspondência trocada entre o Superior Governo e um Juiz, que, de acordo com eixo hierárquico social, ocupa o pólo de menor poder.

O uso da forma *Usted*, nessa relação assimétrica descendente, funciona também como uma estratégia mitigadora, ou seja, uma forma de minimizar o ato diretivo de ameaça à face do destinatário, nesse caso os pedidos e instruções dadas por Don Carlos Lecor. Aparentemente, como afirmam Koch (2008) e Bertolotti (a sair), a estratégia de tratamento *Usted*, mesmo tendo sofrido um processo de gramaticalização, ainda resguardava, no período em análise, o valor de cortesia da antiga forma *Vuestra Merced* (tratamento abstrato que funcionava nas línguas românicas como um procedimento lingüístico amenizador de ameaças pragmáticas).

Com relação ao uso de *Usted* como sujeito explícito, como discutido na seção anterior, confirma-se o seu emprego abundantemente preenchido. Nessa carta, Don Frederico Lecor opta pelo uso do *Usted* numa seqüência de ordens e/ou instruções a serem seguidas pelo destinatário. De um lado pode-se interpretar que o fato de reiterar o emprego de *Usted* numa língua regida pelo parâmetro do sujeito nulo, como é o caso do espanhol, sugere sua intenção de responsabilizar o destinatário pela execução das tarefas

apontadas pelos verbos, *procederá, nombrará, principiará, dará*. Bertolotti (a sair) também observa comportamento semelhante no seu estudo sobre cartas pessoais do Uruguai oitocentista.

A autora identificou exemplos de mesma natureza e os nomeiou como casos de *futuro de mandato em um contexto não ambíguo*. O uso da forma *Usted* como sujeito pleno se justificaria, segundo sua interpretação, pelo fato de esses contextos favorecerem uma interpretação mais deferente, mais cortês do imperativo ou do futuro com sentido de mandato/ordem. Este uso de *Usted* é mais freqüente em atos diretivos. É preciso considerar ainda que, em todos os dados dessa carta, *Usted* ocorre posposto ao verbo, reiterando o caráter impositivo da forma verbal. Nesse caso, seria possível interpretar o preenchimento do sujeito para expressão de informação focal nova ou contrastiva. Quando o remetente emprega *procederá Usted, nombrará Usted, principiará Usted e dará Usted*, quer deixar claro que é o destinatário, e não outra pessoa, quem deverá cumprir suas determinações.

- Relações assimétricas ascendentes

Nas relações sociais *assimétricas ascendentes*, de inferior para superior, verificamos, em nossa amostra, maior produtividade da estratégia de tratamento *Vuestra Excelencia*, seguida de *Usted* e *Vuestra Señoria*.

Conforme o esperado, em correspondências enviadas ao Superior Governo, tanto por um habitante quanto por um militar, utilizou-se *Vuestra Excelencia*, marcando, assim, a posição de maior poder ocupada pelo Superior Governo, Don Federico Lecor. Tal emprego estabelece conseqüentemente, o distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário, característico desse tipo de relação social.

Nas correspondências trocadas entre habitantes de Taquarembó e o Juiz Ordinário da região, também se detectou, em diferentes cartas, a presença das formas *Vuestra Excelencia* e *Usted*. No exemplo (17) têm-se duas ocorrências da estratégia nominal de tratamento na carta de circulação pública número (15). O habitante de Taquarembó, José Navajas, escreve ao Juiz, Luiz L. Barbosa, pedindo-lhe o cargo de tradutor e intérprete de português.

(17)

Illmo y Exmo. Sor.

*José M^a Navajas, natural de esta Ciudad, ante V.E. con el mas rendido acatamiento me presento y digo: que perteneciendo á una numerosa y desgraciada familia, cuando mi Sra. Madre viuda, no cuenta con otros brazos ni auxilio para atender á la mas precisa de aquella, que lo que mi industria puede adquirir, todo mi afán es solicitar de un modo de cente, ocupacion ó destino que me proporcione des empeñar un tan sagrado deber. A la sazón estoi enterado se halla vacante la plaza de Traduc tor Principal, y esclusivo para todos los documen tos y papeles que se hallen en idioma Portuguez en los asuntos contenciosos; lo que á mi vér no estaria lejos de poderlo desempeñar, si **V.E. se dignase amparárme con el competente titulo; prome tiendo en el buen desempeño, acreditar mi aptitud para el encargo. Por ello es que me atrebo á elevarme á V.E. , á fin de que atendidas las necesidades de una honrada familia y demas re lacionado, **se sirva mandar** espedirme el titulo solici tado; y á su logro=***

*Suplico **se dignen** asi se dignen proveerlo; en lo que recibiré*

Lo proveyó y firmmerced.

Illmo. y Exmo. Sor.

José M^a Navajas12 {RUB}

(Carta de circulação pública (15) José Navajas, 1825)

Nessa carta, em que há uma relação social assimétrica de inferior para superior, o remetente utiliza a estratégia nominal de tratamento *Vuestra Excelencia* com o objetivo de mostrar distanciamento interpessoal, reiterando a posição de “maior” poder ocupada pelo seu destinatário. Nessa carta, assim como em outras de mesma natureza, o uso de estratégias deferentes e corteses também funcionariam para mitigar os atos diretivos que ameaçam a face do interlocutor. Nesse caso, como nos anteriores, as solicitações e/ou pedidos vêm acompanhadas de uma estratégia de tratamento formal para marcar discursivamente o papel hierárquico assumido pelo remetente, garantindo que seus desejos sejam atendidos.

Interessante observar a presença de outros recursos discursivos, típicos do gênero epistolar, que corroboram para minimizar o pedido, ao mesmo tempo em que captam a benevolência do destinatário, pois percebemos que o autor objetiva, logo no início da carta, sensibilizar o destinatário para que lhe ajude, detalhando o quão

desgraçada é a sua vida, fazendo com que ele fique comovido com sua história. O remetente quase suplica a “misericórdia” de seu destinatário, descrevendo o sofrimento de sua família: “*que perteneciendo á una numerosa y desgraciada familia, cuando mi Sra. □ Madre viuda, no cuenta con otros brazos ni auxilio para atender á la mas precisa de aquella, que lo que mi industria puede adquirir, todo mi afán es solicitar de un modo de cente, ocupacion ó destino que me proporcione desempeñar un tan sagrado deber*”.

Marcotulio (2008) afirma que a *captação da benevolência* está inserida na seção de *contato inicial*, uma das partes constitutivas da carta, em que o remetente pode apresentar uma boa disposição mencionando humildemente algo relativo à sua posição, aos seus negócios ou obrigações. Segundo Anônimo de Bolonha (1135), o nome do destinatário costuma estar acompanhado de uma qualificação, o chamado epíteto, que indique humildade. Quando a carta é endereçada a algum destinatário superior na hierarquia secular, deve-se expressar algo que deixe claro a subordinação, o serviço, a obediência, a servitude e a lealdade prestados.

O exemplo (18) ilustra o emprego de *Usted*¹⁴ na carta (31) de circulação pública. Nesse caso, um habitante do distrito de Cañas, Felisberto Antonio Gonzalez, se dirige ao Juiz de Paz, pedindo-lhe permissão para realizar o inventário de Dona Maria Joaquina de Oliveira:

(18)
Sr. Juez de Paz

*Felisberto Antonio Gonzalez vecino del
destrito de Cañas ante V. el debido
respeto se presenta y dice: que siendole
presiso el hacer imbentario estrajudicial
delos vienes q.e quedaron despues dela muerte
de su finada esposa Doña Maria
Joaquina de Olivera es que ocurre á
V. para que **le conceda** la licencia ne-
sesaria para proceder á hacer dicho
imbentario nombrando p.^a el efecto los dos
vecinos q.e lo seran D.n Marcos Sequeira
Cortés y Don Manuel Nunez
es gracia que espera de V.-*

Felisberto Antonio Glz. {RUB}

S.n Fructuoso Febrero 4 de 1841.

¹⁴ Foram consideradas como *Usted* todas as abreviaturas do tipo *V.*

*Juan B.to Palacio {RUB}
Juez de Paz
Sup.te*

(Carta de circulação pública (31) Felisberto Antonio Gonzalvez, 1841)

Nesse caso, assim como no exemplo anterior, a escolha de tal estratégia de tratamento evidencia, além do distanciamento interpessoal entre os interlocutores, a intenção, por parte do remetente, de amenizar o ato de pedido. O uso de *Usted*, assim como no exemplo (16), também mantém valor de cortesia, formalidade, distanciamento ou indiretividade própria da expressão primitiva *Vuestra Merced*. O seu emprego, como temos defendido, funcionaria como uma estratégia de polidez/cortesia que atua pragmaticamente como um recurso mitigador para minimizar um determinado ato, preservando *as faces* dos participantes da interação. Com relação ao não preenchimento da posição de sujeito, podemos afirmar que tal uso é esperado, uma vez que, como afirma Bertolotti (a sair) o espanhol não tem a obrigação de expressar pronominalmente o sujeito, uma vez que o sujeito está expresso na flexão do verbo.

No exemplo, a proximidade de *Usted (V.)* na oração anterior é facilmente recuperável, o que favorece o não-preenchimento: “*es que ocurre á V. para que **le conceda** la licencia nesesia*”.

A forma *Vuestra Señoria*, exemplificada a seguir, ocorreu apenas nas relações assimétricas ascendentes. Na carta de circulação pública número (48), João Antonio Rozado, habitante da região de Taquarembó e viúvo de D. Maria Francisca de los Santos, escreve ao Tenente da região, Antonio Chucarro, pedindo-lhe que envie uma notificação ao senhor Juiz de Paz, informando-lhe que João Antonio é o herdeiro legal de Dona Maria Francisca.

(20)
Seño Alcalde Ordinario

*D.n Juan Antonio Rosado vecino de esta
Villa como mejor lugar haija en derecho
respectuosamente mepresento y digo
Que habiendo sido apoderado de la viuda
D.a Maria Fran.ca de los Santos [??] [??]
vecina de S.ta Anna de Livramento en la
Provincia Limitrophe; (...) por tanto
pido que dandome por [*presentado]
el dicho titulo y poder pre[??] [??]
de este que **V. S^a se sirvirá** orde[*nar] [*ru]
bricar por el auturario: fecho que [??]*

*librar pronto al Juez de Paz de S.ta [*Anna]
de Livramento endonde reside la refer[*ida]
D.ª María Fran.ca de los Santos, para [*que]
[fol. 2v]
Que dentro [*del] termino que **V. Sª jusgue**
prudente se presente en este juzgado por
sí o por apoderado en forma a estar a
derecho: (...) sujata a abonarme todos los gastos
costas y costos y perjuicios que se pue-
[10] dan originar. Es gracia y justicia
que suplico y juro
Joaõ Antonio Rozado {RUB}*

Tacuarembó 9 de Marzo de 1854.

(Carta de Circulação pública (48) João Antonio Rozado, 1854)

Mais uma vez vê-se um pedido mascarado pelo emprego do futuro do indicativo (*servirá*) e do presente do subjuntivo (*jusgue*), combinados a uma forma tratamental que marca certo distanciamento e “respeito” pela autoridade militar do Tenente. Aqui também o tratamento atenua a ameaça pragmática presente no ato diretivo de solicitação. O remetente, embora explicitamente utilize o verbo *pedir* (*pido que*), na sequência da carta, minimiza tal ato com um discurso menos assertivo, figurando um tom de possibilidade/condição que dá ao destinatário o completo poder decisório sobre sua requisição. O tenente só deverá atender caso julgue prudente (*que V. Sª jusgue prudente...*).

4.4.2 Relações Sociais Simétricas ou Solidárias na amostra hispânica

Nas relações simétricas parte-se do princípio que os interactantes têm forças iguais, ou seja, estão em uma mesma hierarquia social (Brown e Gilman, 1960). Dessa forma, a solidariedade seria fruto do compartilhamento de condutas que levam a semelhanças no modo de agir e pensar. A solidariedade se estabelece no eixo horizontal. Em nossa análise, dividimos as relações simétricas em *relações igualitárias [-solidárias]* e *relações igualitárias [+solidárias]*.

Nas *relações igualitárias [-solidárias]*, entre membros pertencentes a uma mesma hierarquia social mais alta, como por exemplo, políticos, militares, juízes; percebemos que as formas tratamentais recorrentes foram *Vuestra Excelencia*, *Vuestra Señoria* e *Usted*. Em cartas trocadas entre familiares e amigos, verificamos, entretanto, a

recorrência de formas tratamentais [+solidárias] menos formais como, por exemplo, *Tú, Vos* e *Usted*¹⁵.

Nas relações simétricas [-solidárias] identificamos, em três diferentes cartas trocadas entre juízes, a presença das estratégias *Vuestra Excelencia, Usted* e *Vuestra Señoria*. O exemplo (21) se refere ao uso de *Vuestra Excelencia* em uma carta de circulação pública. Nela, o Juiz Territorial do Partido del Yermal, José Manuel Coscio, pede ao Juiz Ordinario da Villa de Cerro Largo o desligamento do referido partido.

(21)

Yllmo□. y E. S. C. G.
Candido Barreto Juez Territ.l del Part.do del
Yermal, ante VE. con el mayor respeto digo: q.e
presisado, à dejar, mis campos y Domicilio, y
p.r trasladarme à distancia de mas de cien leg.s
en esta misma Provincia El dho. Alc.e ha pesado mi Just.a ;
pero creiendo q.e nò està en su adbitrio; el relebarme, y si solo
en el de VE. Con fha. 4 de Feb o mè ordena
q.e ocurra ante VE., seg. n sè bè p.r el Of.o orig.l
q.e presento en debida forma: en su obedesimiento
*Sup.co àVE., **tenga** la bondad de Rele-*
barme del empleo de Juez, y ordenando q.e el
dho. Juez nombre otro, p.r los tres meses q.e
faltan, (...) Protesto àVE. q.e à nò estar inquiet.do
à lebantar mi Poblacion p.r mi mandato
del Gov.no Intend.a, y afavor de d.n
Josè de Sosa Davila, (...) boluntad q.e en estos nueve meses,
he desempeñado mi Alcaldìa, con la misma concluirla,
*llenando las oblig.s q.e **me havia***
impuesto; pero como estas son acesor.s
y ligadas à la Calidad del Vesindario
*(...) AVE. Sup.co **se digne** acceder àmi*
Suplica, mandando como tengo
pedido en este, en el bien entendido que
mi mudanza ès egecutiva (...)
Man.l Josè
Coscio {RUB}

(Carta de circulação pública (30) José Manuel Coscio, 1825)

Nessa carta observamos o uso da forma *Vuestra Excelencia* em uma correspondência entre juízes, isto é, em uma relação entre membros que ocupam a mesma posição no eixo hierárquico social. Apesar de ser uma carta trocada entre interlocutores pertencentes à mesma classe social, percebe-se que há um distanciamento

¹⁵ A forma pronominal *Usted* foi detectada em nossa amostra tanto em contextos [-solidários] quanto em contextos [+solidários];

entre os mesmos, reforçado pelo uso de tal forma nominal de tratamento, pois são juízes tratando de assuntos burocráticos. Além disso, o remetente faz diversos pedidos ao seu destinatário, colocando-o na posição de detentor do “poder”, pois somente ele pode atender sua reivindicação. Da mesma maneira que as formas nominais de tratamento foram utilizadas nas *relações sociais assimétricas ascendentes* para mitigar a ameaça pragmática, isto é, o pedido e/ou solicitação, elas também desempenham a mesma função nesse tipo de carta, em que há uma relação social simétrica [-solidária].

O mesmo ocorre na carta em que há o uso da forma *Vuestra Señoria*, pois o autor tenta, por meio de tal forma nominal de tratamento, minimizar o pedido, isto é, o ato de ameaça à face do seu interlocutor. Em (22) tem-se *Vuestra Señoria* em uma carta de circulação pública. Um Juiz de Piratiny solicita ao juiz de Taquarembó informações sobre um pedido de herança feito por Don Antonio José Fernandez.

(22)

*(...) Hago saver que en el Juzgado de mi cargo se ha presentado un escrito por Don Antonio José Fernandez Secretario, y Don Benito Esquivel, como apoderado de Don Antonio José Botello, cuyo tenór, y el del auto en él, recahido como si Escrito fue. = Vivan los Defensores de las Leyes Mueran los Salvages unitarios Señor Alcalde Ordinario Don Antonio José Fernandez, Esposo de Doña Juana Beryelina Ferreira Fernandez, y Don Benito Esquivel, apoderado de Don Antonio José Botello, Esposo de Doña Joaquina Ferreira Botello; ante V.S. (...) en una Estancia, cita en el arroyo de las tres Cruces, en este Estado, sin hasta ahora haberlo podido conseguir; por lo que pedimos que **V.S. se sirva** mandár espedír carta suplicatoria al Señor Juez Municipal de Piratiny (...)*

*Antonio José Fernandez Secretario =
Benito Esquivel = Juzgado Ordinario Suplente = Tacuarembó Agosto
Auto „to 25- de 1849 =*

(Carta de circulação pública (39) Juiz de Piratiny, 1849)

Nesse exemplo, assim como no anterior, percebemos o uso de uma estratégia nominal de tratamento, em uma mesma relação social igualitária, com a função de atenuar uma ameaça pragmática. No entanto, está claro que o autor optou tratar seu destinatário utilizando *Vuestra Señoria*, que segundo, Lapesa (2000) era destinado a membros com menos “poder” na hierarquia social oitocentista.

Ainda dentro das relações sociais igualitárias [-solidárias] localizamos o uso da forma pronominal *Usted* em (25) em que o Juiz, Laurno Lopez, envia uma carta ao também Juiz, Don Jaime Casanoba, respondendo à nota anterior e informa-lhe que está fora do processo de inventário do finado Pimenta.

(25)

*Sor. Juez de Paz Dn Jaime Casanoba
S.n Fructuoso Junio 16 de 1842*

*Muy Sor mio, en contestacion ala nota q.e
V. me dirige devo decirle: que cuando entregué aV.
el Juzgado y archivo di cuenta en poder de quien
estaban los intereses del finado Pimienta si **V.**
no se acuerda se lo repetiré. En mi poder
cuatro onzas en oro, en poder de D.n Jose Garcia
el rancho muebles &, en poder de Ontivero
dos tamberos, en lo del viejo Melgarejo un
buey barcino y en el del Purtuguez Francisco
el rengo no se bien si una petaca y otras frio
leras, q.e todo se podrá sacar por el imbenta
rio que está en la Caveza del Departam.to
Yo nada tengo q.e ver en esto e co-
mo Juez determine lo q.e halle p.r combeniente
Lo saluda aV. atentam.te
Q. B. S. M.
Laur.no Lopez {RUB}*

*Sor. Juez de Paz Don Jaime Casanoba
(Carta de circulação pública (35) Laurno Lopez, 1842)*

Nesse exemplo, podemos observar o uso de *Usted* em uma relação simétrica em que o remetente, diferentemente dos exemplos anteriores, assume uma posição mais severa, rígida, com relação ao seu destinatário. Percebemos que ele o questiona com relação a algumas atitudes tomadas e relatadas num ofício anteriormente recebido. Nesse caso, parece-nos que o emprego de *Usted* como sujeito pleno não seria, como nos casos anteriores, um resquício da estratégia conservadora *Vuestra Merced*, em função dos atos diretivos de ameaça à face do interlocutor; e sim um uso de *Usted* como uma estratégia pronominal de tratamento, utilizada, majoritariamente, para marcar o distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário. De acordo com Koch (2008), tal forma de tratamento nesse contexto, talvez nos dê indícios de um estágio da mudança de *Usted* como pronome. É um exemplo que evidencia o momento em que ela

deixa de ser uma forma de atenuação de uma ameaça pragmática – *Vuestra Merced* – e passa a referir-se diretamente à segunda pessoa do discurso.

Nas *relações sociais simétricas [+solidárias]*, ou seja, em correspondências trocadas entre familiares, amigos e vizinhos, podemos observar maior produtividade de formas verbo-pronominais de tratamento – *Tú, Vos* e *Usted*. Esse comportamento já era esperado, uma vez que nesse tipo de relação é mais comum o uso de estratégias tratamentais menos formais. Tais usos foram detectados em duas cartas. Numa correspondência trocada entre marido e mulher, identificamos o único caso de mescla entre *Tú* e *Vos*. Na missiva trocada entre amigos detectamos o uso da forma *Usted*.

Em (27) tem-se uma carta de circulação privada, em que Cândida Díaz de Saraiva informa seu marido o General Aparício Saraiva sobre uma viagem e trata de assuntos sobre a fazenda.

(27)

*“Querido Esposo estimare que alresibir esta te encuentre gozando salu encon [5] panha de nuestro queridos hijos que la mi y de mas <^ esbuena>gracias al <^criador> te dire que fi feliz enmi biage lo cu al bera[??] que [??] **biste** trastorno no y estos[??] lo que **medigieste** todo te asalido [10] al contrai hsy que tener paciencia yo siento aberme benido qeu podiá estar mas unos dias junto contigo Aparicio Se que el capitan rengo que **tu man daste** el pastor naranjo por el para pioahe lo trajo para elpueblo por que enpivahi estan robando todos los caballos si **tu quieres** yo hablo con torcuato y mando para ya el narngo y lageguita de Mauricio por que beo en cualquiera vuelta la ban arobar mandame desir **siquieres** que mande aser una marca para Marcos los potrillos por que la gente esta mui sinberguensa para los robos **si bos bas**[^ademorarte] por hai mandame desir que yo boy aberte y agebarte los encargues que me **ysistes** e estenado mucho a pileta **resibiras** un abrasso de cada hijo y dale un abrasso desta tu espasa que berte dese Candida Dias de Saravia”*

(Carta de circulação privada (63). Cândida Díaz de Saraiva, 1897)

Nesse exemplo, tem-se a presença das formas *Tú e Vos* em uma carta trocada entre familiares, nesse caso, marido e mulher. Tal comportamento já era esperado, uma vez que nesse tipo de relação predomina o uso de estratégias de tratamentos mais solidárias, pois se trata de contextos interacionais marcados pela intimidade entre os interlocutores. Todavia, o que nos chama atenção é a ocorrência de dois pronomes de tratamento em uma mesma missiva, pois ao longo de nossa análise não foi detectada nenhuma carta em que se observa a mistura tratamental.

A manifestação do tratamento, em espanhol, não se limita ao uso do pronome

sujeito mais também à forma verbal. A combinação pronome (*tuteante o voseante*) e verbo (*tuteante o voseante*) apresenta quatro possibilidades lógicas: Tipo A: *Tú tienes* / Tipo B: *Tú tenés* / Tipo C: *Vos tienes* / Tipo D: *Vos tenés*. Segundo Bertolotti (2008) as possibilidades de combinação do tipo A e D são chamadas de formas “puras”, uma vez que tanto o pronome como verbo pertencem ao mesmo paradigma. É importante ressaltar que o tipo A é o único que se tem registros no século XVIII oriental. As formas do tipo B e D são usuais no espanhol estándar atual no Uruguai, e as formas do tipo C, distantes do espanhol contemporâneo oriental, são detectadas ao longo do século XIX.

Ainda de acordo com a autora, ao longo do século XVIII, não foi registrado nenhuma ocorrência da forma pronominal *Vos* em um contexto informal, no entanto, a partir da segunda década do século XIX, tal estratégia passa a ser empregada em contextos de relações mais solidárias.

Ao lermos a carta, podemos afirmar que Cândida Díaz de Saraiva, assim como a maioria das mulheres da época, não detinha um grande conhecimento da língua padrão e, talvez por isso, a opção ora por *Tú* ora por *Vos*, recorrente na língua falada, lhe parecesse natural também na língua escrita.

Ainda com *relação às relações igualitárias mais solidárias*, ao analisarmos nossa amostra, encontramos o uso de *Usted* em uma correspondência trocada entre amigos, como podemos ver no exemplo a seguir. O exemplo (28) foi retirado de uma carta de circulação privada. Firmino Saraiva se dirige ao seu amigo Mauro Saraiva, informando-lhe que não pagará nenhuma contribuição pelo arrendamento de algumas terras.

(28)

“Muy Sor mio y Am^o

*En mi poder su grato favor con fcha 27 del actual, soiente contesto; que: no estoy dispuestto a pagar la contribucion, siempre le dije que en las rentas (adelantadas no pagava) la contribucion le ofreci 1:40 afim de anno pagando la contribucion **utd no acetó** y me pidió al otro dia 140 pagamento de los seis meses, tanto es asi que **puede utd.** enterárse de mi carta en su poder; asi es que en este momento sigo abuscar comprador ó (qualquiera otro negocio para mis intereses, estoy completamente colgado puesto que en estos 15 dias tengo que entregar este campo. Con el aprecio de siempre lo saludo*

Su Affmo y SS

Firmino Paiva”

(Carta de circulação privada (77) Firmino Paiva, 1891)

Ao analisarmos o exemplo, observamos que por mais que a carta tenha sido enviada a um amigo de Firmino Paiva e que, na própria missiva, encontremos vestígios

dessa relação mais íntima, como por exemplo, a passagem em que ele diz – *Com el aprecio de siempre lo saludo* – o autor optou por manter um distanciamento em relação ao seu interlocutor, utilizando a forma *Usted*. Além disso, é possível observar, ao longo da carta, um tom de reclamação e/ou cobrança, já que ele acredita que está sendo enganado e contesta o seu destinatário de forma ríspida em relação ao pagamento de uma dívida. Esse procedimento pode funcionar como uma justificativa ao preenchimento do sujeito, pelo fato do remetente estar mitigando esse tom de reclamação, ou seja, um ato de ameaça a face do interlocutor, por meio de uma forma tratamental menos direta, nesse caso o *Usted*.

Em suma, verifica-se, apesar dos poucos dados, que a estratégia verbo-pronominal de tratamento *Usted* encontra-se em fase de gramaticalização, uma vez que em alguns contextos guarda algumas características da forma conservadora – *Vuestra Merced* – como, por exemplo, a atenuação e/ou mitigação de atos diretivos de ameaça à face do interlocutor recorrente em diferentes cartas; e em outros momentos assume traços da forma inovadora – *Usted*, mantendo o distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário das cartas.

A seguir, analisaremos as estratégias nominais de tratamento mais frequentes na amostra composta por missivas escritas em português, para que possamos avaliar se tais formas nominais também funcionam como estratégias mitigadoras de possíveis ameaças pragmáticas, principalmente com relação à forma *Vossa Mercê*. Diante disso, pretendemos responder os seguintes questionamentos: será que é possível estabelecer uma relação sócio-pragmática entre as formas *Usted* e *Vossa Mercê*?

5 – ANÁLISE DAS CARTAS ESCRITAS EM PORTUGUÊS

5.1 Formas nominais de tratamento em cartas pública e privada portuguesa

Com relação às cartas escritas em português, verificamos a presença exclusiva das estratégias nominais de tratamento, tanto em cartas de circulação pública quanto nas de circulação privada, com 20 ocorrências. Dentre as estratégias nominais, a que se mostrou mais produtiva foi a forma *Vossa Senhoria* – com 8 ocorrências – seguida das formas *Vossa Mercê* e *Vossa Excelência* com 7 e 5 ocorrências, respectivamente. É interessante observar que as formas *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria* foram detectadas exclusivamente em cartas de circulação pública, em que se pressupõe maior distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário. A forma *Vossa Mercê*, por seu turno, foi detectada em ambos os tipos de carta (esfera pública e privada). Apesar de serem poucos dados, nossos resultados confirmam algumas hipóteses sobre o emprego das formas de tratamento nominal no português do período, como será discutido em seguida.

Como afirma Nascente (1950), a forma *Vossa Senhoria* foi instituída no século XIX como estratégia de tratamento cortês empregada entre oficiais do Exército e da Armada, através do decreto de 1861. Nossos resultados ratificam as considerações do autor, uma vez que todas as ocorrências de *Vossa Senhoria* foram detectadas em contextos de maior formalidade, neste caso, em missivas destinadas a autoridades político-militares. Os exemplos a seguir ilustram o emprego de *Vossa Senhoria* em 6 cartas destinadas a políticos e militares da região de Taquarembó.

O exemplo (05) se refere ao uso de *Vossa Senhoria* na carta de número (17) de nossa amostra, em que Joaquim de Oliveira, tenente da região de Salto escreve ao Superior Governo, pedindo-lhe o direito de posse da casa em que mora localizada na região, pois afirma ter realizado diversas benfeitorias. O exemplo (06) se refere à carta de número (42) trocada entre Felisberto de Vargas, tenente de Três Cerros e o Alcaide D. Pascoal Pilatuva, passando-lhe algumas informações de Visente Ylha.

(05)

“Joaquim Antonio de Oliveira e Silva Cirurgiaõ Mor do Regimento de Drags de S. Pedro do Sul, em Maio de 1822 estabeleceu huma caza nhum lado de hum dosquadros q. formão apraça desta Povoação deq. VSa He Testemunha, etendo o Sup.e cercado,

plantado arvoredo alem da caza, emais Bemfeitorias, equerendo aumentar estas dezeja possuir p.º mais segurança este terreno com Desp.^{xo} sem prejuízo de terceiro, p.a á sua vontade poder, e com mais segurança aumentar algumas Obras mais; o terreno ocupado pelo Sup.e no alinham.to, e q.º pede p.r Desp xo sao Cento, e vinte palmos com frente apraça, eao Oeste pouco mais oumenos, e quatro centos, e Cincoenta palmos ao Leste p.r isso requer, e Pa V.Sa se digne p.r seu Onrozo Despaxo 1824 conceder lhe agraça q.º implora Joaquim Antonio de Oliver.a, eS31 {RUB}...”

Salto 6 de 8.bro

(Carta de circulação pública (17) Joaquin Antonio de Oliveira e Silva, 1824)

(06)

*Snr~ Alcaide YOdinario D. Pascoal Pitaluva
Tres Sero 13 de Junho 1854*

Remeto a VSa aSitação q' vejo para Visente Ylha o q' VSa vera o q' hele dis sobre tal asunto eaSim VSa Rezolva o q~axar – Mais covinniente sem mais aSunto dou de VSª atento sirvidor eSudito e Criado.”

(Carta de circulação pública (42) Felisberto de Vargas, 1854)

Ao analisarmos os exemplos, podemos observar que o uso de *Vossa Senhoria* ocorre tipicamente em uma carta pública trocada entre membros pertencentes ao cenário sócio-político da região de Taquarembó, em que se observa o distanciamento interpessoal e o alto grau de cerimônia entre os interlocutores.

A forma *Vossa Excelência*, assim como *Vossa Senhoria*, ocorreu exclusivamente em cartas oitocentistas de circulação pública, ou seja, missivas mais cerimoniais. Os exemplos (07) e (08) ilustram o uso de tal estratégia nominal de tratamento em duas cartas de circulação pública. Em (07), há duas ocorrências de *Vossa Excelência* na carta (02) em que Francisco de Souza informa a Javier Elío sobre sua próxima viagem a Espanha;

(07)

*/Officio ao Vice-Rei do Rio da Prata - Elio
“Ilmo e Ex. S.or = Dou os parabens a V. Exª. Pelas circusntancias doseu removim.¹⁰, q. eu há 2 mezes emeio enunciei aoseu Secret. João Bap. Esteller, e tão bem os dou atodos os habitantes desta Camp. pela dupla ven-*

tagem, q. V.Ex^a. lhes assegura no Impresso com datta de 11 deste mez, adjunta a carta q. me escrevo nade 14. Terei grande satisfação detratar com o Ex.mo S. Cap.^m Gen.al D. Gaspar Vigodet (...) á cerca de quaes quer particu- lares, pois que formo ideias mui precisas dahonra, poli- dez, juizo q. o caracterizãõ, exceptuo porem os excogitados, deq. V.Ex^a fez menção nos seus Offícios, q. accuzei nomeu de 8 do corre. Por haver sobre elles já demaziado repondido a V. Ex^a, aq.m nada tenho q. res- pponder esó dezejar huma feliz viagem = Offeresso a V.Ex^a a obediente Vont. E com qe sou de V. Ex^a = Seu mai satt^o, e certo capt^o (...) ”

(Carta de circulação pública (02) Francisco de Souza, 1811)

O exemplo (08) foi retirado da carta de número (19) em que o Sargento Mor, Felisberto Joaquim de Oliveira, pede ao Senhor Barão de Laguna, José Machado a transferência do criminoso Manuel Chalar para a Capital, pois se trata de uma pessoa extremamente perigosa para a região:

(08)

“He denoço dever levarmos a res peitavel Prezença de V.Exa. o temor que tem os habitantes deste dePartam.to q~ não sendo o culto odepravado procedim.to de Manoel Chalar, q~ seacha nesta prezo por requerim.to deseio Paj não há hum so que se atreva adepor Contra elle perante ajustiça p.a provar os seos patentes crimes (...) V.Exa Veja lhe donde chega adesgraça do Paj q~oaCuza, edos paSeficos vizenhos (...) a qual he afelicidade desta fera devoradora detodas as Leis q.~ nos regem q.~ tendo feito morte publica ecometido outros semelhantes tentados como vera V.Exa na emcluza ainda seconserva em huma fraca prizaõ e piza adonde ja não devera- pizar (...) Por tanto Ex.mo S.or p.a dezem cargo nosso consiencia epor serviço de D.s, do Estado Suplicamos a V. Exa que seja este emdevido reconduzido a heça Capital com o suma rio q~seesta segindo no julgado do 1º voto p.a V.Exa dar odestino q.~ for mais aSertado; eporeste meio ficamos persuadidos que temos cumprido com os noSos deveres.”

(Carta de circulação pública (19) Felisberto Joaquim de Oliveira, 1825)

Como podemos observar no exemplo, todas as ocorrências de *Vossa Excelência* ocorreram em missivas mais cerimoniais, para marcar a distância interpessoal entre o remetente e destinatário. Ainda que Rumeu (2004) tenha verificado algumas ocorrências de *Vossa Excelência* em cartas não-oficiais oitocentistas escritas no Rio de Janeiro, as

maiores frequências de uso, assim como em nossa amostra, foram em correspondências oficiais (públicas), em que o grau de formalismo é maior. Dessa forma, podemos afirmar que a forma *Vossa Excelência* ainda resguardava, no período em análise, o caráter cortês com que foi instituída nos séculos XV e XVI para fazer referência à realeza portuguesa, conforme afirmam Nascentes (1950), Cintra (1972), Wilhelm (1979).

A segunda forma nominal de tratamento mais recorrente em nossa amostra foi a forma *Vossa Mercê* que, de acordo com nossa análise, se comporta de maneira diferenciada se comparada às formas *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência*. Verificamos que a estratégia *Vossa Mercê* ocorreu tanto em cartas de circulação pública quanto em cartas de circulação privada, evidenciando, dessa forma, o processo de *dessemantização* pelo qual passava ao longo dos séculos XVIII e XIX segundo Rumeu (2004).

O exemplo (09) se refere à carta de circulação pública de número (11) de nossa amostra, em que o Coronel Artigas recomenda ao Capitão Pedro Paulo Romano que reúna seus vizinhos da guarda para evitar qualquer surpresa:

(09)

“Acabo de receber hum extraordinario de Monte Vidio avizando-me que do Rio de Janeiro salia neste presente mez, huma expedição com direção de apoiarse desta banda oriental. Em consequencia deste preparativo, He forsozo que da nossa Fronteira se experimente osprimeiros movimentos . Vm.^{ce} deve porse em maior vigilansia reunindo todos os vezendarios dessa Guarda evitando qual quer surpresa, expecialmente sobre asCavlhadas. Vm.^{ce} sabe que ainda empaz nos fazem essa guerra surda, eque agora redobraraõ os seos tentados ecomessaraõ aprejudecarnos noposivel, pello mesmo He percizo que Vm.^{ce} tenha toda agente preparada contra qual tentativa, eo que se agarre escarmentaló, igualmente que semantenha firma nessaGuarda (...).”

(Carta de circulação pública (11) Coronel Artigas, 1816)

Mesmo nessa carta de circulação pública, há a presença de formas hispânicas, como é o caso de *salía* no lugar de *saía*. Esses indícios podem evidenciar que os habitantes dessa região tinham contato com as duas línguas.

O exemplo (10) foi extraído da carta de circulação privada de número (45) de nossa amostra, em que Bernada Maria de Borba pede ao seu parente Joaquim Joze de Oliveira, que lhe entregue um documento muito importante a Manoel Rodrigues Chávez. O exemplo (11) foi retirado da carta privada de número (104), em que Cândido

Azambuja se dirige a um de seus compadres, informando-lhe que adiou a data de sua viagem e instruindo-lhe com relação ao cuidado com a casa:

(11)

“Meu parente He ide estimar que
Estas regas vaõ a char vm^{ce} gozando
huma felis saude parente
que vc^{me} fasame o favor de em
tregar Ameta de dogado ao Snr~
Manoel Rodrigues Chaves
Esta su parenta q lhe vene
ra iestima
Bernarda Maria de Borba”

(Carta de circulação privada (45) Maria Bernarda de Borba, 1847)

(12)

Prezado Comp. Am.
Laureles 7 bre 29 de 1864.

Julga muim nece□sario dechamos no□sa
[5] viage p^a ao depois de amanha□, o pdor
lhe dirá a cauza. Deicha ao Joao □ Anto
cuidando os animais ahí, e venha vm^{ce}
com o Lucas q □ de aquí mandaremos
hum [??] dormir ahí, e dizer ao Joao □
[10] Anto aonde nos hade esperar Queira
recomendar-me ao primo Enrique, primo
Marura, priminhos e Amalia, e [??]
Seu comp.e
Am, ° obdo
Candid. Azba

(Carta de circulação privada (104) Cândido Azambuja, 1864)

Nesses exemplos, podemos observar diferentemente da amostra hispânica, a ocorrência de *Vossa Mercê* nos dois tipos de cartas (pública e privada), ainda que seu uso seja mais expressivo para marcar distância comunicativa. Apesar dos escassos dados localizados, é possível ratificar alguns aspectos discutidos em outros trabalhos. Nossos resultados apontam para um provável início do processo de desgaste semântico sofrido por *Vossa Mercê* em português ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Rumeu (2004), em sua análise de cartas oitocentistas, afirma que, dentre as 27 ocorrências de *Vossa Mercê*, 26 delas se distribuem entre duas cartas não-oficiais,

evidenciando, dessa forma, o acelerado processo de *dessemantização* sofrido por tal forma nominal em cartas escritas no Rio de Janeiro do século XIX.

Como afirma Cintra (1972), *Vossa Mercê* foi um tratamento específico para o rei no século XV, passando a se tornar usual como forma de tratamento entre nobres da corte. Tal processo acentuou-se ainda mais à medida que a ascensão social da burguesia impulsionou a sua difusão entre os comerciantes portugueses, que, por sua vez, andavam mais diretamente com o povo, o que acaba por propagar essa forma de tratamento pela plebe, acelerando ainda mais o seu desgaste fonético e semântico. Apesar do processo de *dessemantização* da forma *Vossa Mercê* estar bastante acelerado em missivas encontradas no Rio de Janeiro no século XIX, é importante ressaltar que em nosso *corpus*, apesar de recorrente nos dois tipos de cartas, tal forma nominal de tratamento foi mais produtiva em missivas de circulação pública, tipo de texto em que há maior distanciamento entre remetente e destinatário.

Talvez por esse distanciamento espacial em relação à antiga capital do Império brasileiro, tal processo de perda semântica não esteja tão avançado como se observa nos estudos de Rumeu (2004). Não podemos ignorar, entretanto, que temos indícios reveladores da mútua influência. Por um lado, a presença em cartas públicas indicaria a manutenção do caráter de cortesia com que tal forma inicialmente foi usada em português e que se conservava no espanhol do período, mesmo na forma evoluída *Usted*. Por outro, a presença em cartas privadas revelaria o desbotamento semântico pelo qual *Vossa Mercê* sofreu ao longo do tempo em português.

De uma forma geral, podemos afirmar que, ao analisarmos a amostra de cartas oitocentistas escritas em português, encontramos semelhanças e diferenças em relação aos resultados alcançados por Rumeu (2004), principalmente no que diz respeito ao uso de formas nominais de tratamento. Em sua análise, a autora afirma que a forma nominal *Vossa Senhoria* é bastante recorrente em cartas não-oficiais setecentistas e oitocentistas escritas no Rio de Janeiro, e, em alguns momentos apresenta-se em concorrência com *Vossa Mercê* em textos de menor grau de cerimônia. Além disso, a autora observou que a forma *Vossa Excelência*, apesar de mais frequentes em cartas mais formais, também foi empregada em missivas com menor grau de cerimônia (não-oficiais).

Em nossa amostra, verificamos vestígios de conservadorismo com relação ao uso das formas nominais de tratamento, principalmente em relação às formas *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*, uma vez que foram categoricamente utilizadas em cartas de circulação pública (cartas oficiais). A forma *Vossa Mercê* foi a que apresentou

resultados mais semelhantes aos alcançados por Rumeu (2004), visto que detectamos algumas ocorrências de tal estratégia em contextos marcados pela informalidade entre os interlocutores, evidenciando, assim, o processo de *dessemantização* sofrido pela forma em missivas portuguesas.

5.2 Formas verbo-pronominais em missivas escritas em português

Como mencionado anteriormente, não encontramos dados de formas verbo-pronominais de tratamento, nas cartas de circulação pública e de circulação privada. Foram localizadas apenas formas verbais imperativas de 3ª pessoa em uma única carta

(13)

*Amo i Senr Bazilio Portillo
muito estimarei que emcompanhia
de sua Exma Fama desfrute de filis
saude: tranquilidade. que assim
sendo estarão completos meus desejos
Amo aportador da presente é pes
soa minha de muita minha com
fiança . (...) Contando serte que
sempre que recorra aquelquer des
deste sentido serei attendido.
por tantopeço do Amº i ao mais
que em cazo deaser qualquer reclae
deste imdivido darem toda
proteção. sera isso um servisso
prestado amim.
mandei 3 moços derejidos ao Amo
2 oriental 1 brasileiro. não sube
mais notícias delles a poucos
dias mandei um moreno.
peço lhe escrevamo pr Bagé
dirija carta ao Cupertino **Comteme**
o que sepassa pr ahí, **deme**
Notícias dos homens que lhe
fallo, **conserve** elles pr ahí
que são homens hutil na
situação attual.
já chega demassalo. pr hoje
como sempre eu estou aseu
dispor, pr ser com estima:
Consideração vosso Amo [??]
Torquato Severo*

(Carta de circulação privada (68) Torquato Severo, 1898)

Embora formas verbo-pronominais não tenham sido detectadas em nosso *corpus*, não é possível dizer que o uso de tais estratégias não era recorrente em regiões fronteiriças entre o Brasil e o Uruguai.

É preciso destacar, contudo, a presença do pronome *Vós* em dois proclamas dirigidos à população de Montevidéu. O uso de *Vós* foi encontrado nos Proclamas de número (06) e (07) de nossa amostra e referem-se, exclusivamente, aos habitantes de Montevidéu. Obviamente não podemos incluir tais ocorrências em nossa tabela, pois não se trata de estratégias tratamentais de referência a segunda pessoa do singular e sim, referência à população (2º pessoa do plural). Dessa forma, seguem alguns exemplos de uso de tal forma de tratamento levantados, conforme podemos observar nos exemplos (14) e (15). O exemplo (14) se refere ao Proclama do General Chefe do Exército Pacificador Diego de Souza aos habitantes da Campanha de Montevidéu, informando-lhes que devem se proteger de possíveis ataques àquela Campanha. O exemplo (15) também é de um Proclama, sendo que este é de autoria de Rodrigo José Ferreira Lobo à população e autoridades de Maldonado, comunicando-lhes que desembarcará na região para ocupá-la.

(14)

*“Abitantes da Campanha de MonteVideo. Entrando no[vo]-so Território, eu Vos manifestei as minhas intensoens pela Proclamação de 19 de Julho do ano pasado; e **vóz tem-des** visto na pratica a singeloza um convenio precipitado Vos priv[a da] pacificação consolidada, que eu vos procurassem, esta falta não foi minha. (...) eu sou obrigado falar Vos segunda vez para segurar-Vos que as minhas in[ten]soens não são actualmente diversas: uã tal seguransa é acreedora da Vossa corrrespondensia, e acuzo sendo mui particularmente Vosa, **Vos apreais** a dar provas do Voso zelo; epa[trio]tismo, inda-vops alistar sem delonga noExercito do Exm.o Snr. Capitam General Dom Gaspar Vigodet (...)”*

(Carta de circulação pública (06) Don Diego de Souza, 1813)

(15)

“Habitantes da Margem Oriental do Rio da Prata, Cabildo Corpo Militar, Clero, Nobreza e Povo, eu Vos comunico que vou fazer hum desembarque na Bahia de Maldonado, e entrar

*na Povoação mais a proteger-Vos, que a conquistar-Vos, pois que assim he preciso, e deo motivo a esta empreza a resolução que **haveis** tomado de Vos sugeitar aos duros grilhões com que Vos tem maniatado hum Homem sem aquelles verdadeiros, e sólidos princípios que se imprimem na alma, por mão de escolhidos Mestres, na terna idade, qual esse revoltoso Artigas, que Vos tem feito mudar o honroso nome do Verdadeiro Hespanhol: **Vos Sabeis**, que foi, e será sempre odioso; a mudanza de Character; com tudo estou persuadido que vos obrigaõ a tal mudança (...) eu Vos seguro, que as valerozas Tropas de S.M. Fidellissima, El Rey do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves; naõ uzaraõ das Leis da Guerra, huma vez que **Vos conserveis** nas Vossas Cazas, no ceio das Vossas famílias; do contrario naõ terei forças para fazer conter huma Tropa costumada a vencer (...)*

(Carta de circulação pública (07) Rodrigo José Ferreira Lobo, 1816)

É importante ressaltar que tais ocorrências da forma pronominal *Vós* foram detectadas em um mesmo contexto, ou seja, são proclamas de diferentes autoridades destinados ao clero, militares e, principalmente, ao povo de determinadas regiões. Por isso, não podemos afirmar que tal forma de tratamento mantém segundo Cintra (1972), seu caráter arcaizante assumido pelo pronome a partir do século XVIII, pois ele aparece somente em pronunciações de autoridades para os habitantes de Montevidéu. Além disso, é interessante o fato de todas as ocorrências de *Vós* serem na posição de sujeito preenchido, evidenciando, dessa forma, a quem se dirige o discurso.

Diante desses resultados, concluímos que somente a análise quantitativa dos dados não é suficiente para determinar o uso de formas nominais e pronominais de tratamento em missivas oitocentistas escritas em português. Por isso, assim como fizemos na amostra hispânica, confrontam-se as formas nominais e pronominais de tratamentos e os tipos de relações sociais existentes entre os interlocutores com base no modelo discutido por Brown e Gilman (1960), e na teoria da Polidez de Brown & Levinson (1987), tentando compreender as motivações semântico-pragmáticas que podem ter levado ao uso de uma ou outra forma de tratamento em determinados contextos.

5.3 As formas tratamentais e a natureza das relações sociais

5.3.1 Relações sociais assimétricas e simétricas em cartas portuguesas

Para tentar compreender o uso de estratégias de tratamento em determinados tipos de interações sociais, partiremos para análise qualitativa dos dados, tentando buscar os contextos sócio-pragmáticos favorecedores de uma ou outra forma de tratamento.

Como já foi discutido, as relações assimétricas são relações não recíprocas entre, no mínimo, duas pessoas. O tratamento *assimétrico de superior a inferior* consiste em uma relação entre um emissor e um receptor na qual o primeiro exerce algum tipo de controle ou poder sobre o segundo em uma determinada situação. Na *assimétrica de inferior para superior*, observa-se que no trato entre emissor e receptor este detém poder sobre aquele. Portanto, pode-se dizer que nas relações assimétricas as pessoas se diferenciam pelo pólo de poder que ocupam. Já nas *relações simétricas* parte-se do princípio que os interactantes têm forças iguais, ou seja, estão em uma mesma hierarquia social (Brown e Gilman, 1960). Desta maneira, a solidariedade seria fruto do compartilhamento de condutas que levam a semelhanças no modo de agir e pensar.

Controlou-se, numa perspectiva sociolinguística, o tipo de relação social estabelecida entre os interlocutores presentes tanto em cartas de circulação pública quanto em cartas de circulação privada.

Na tabela a seguir são apresentados os resultados obtidos na amostra de cartas escritas em português.

Tipo de relação		Remetente - Destinatário	Formas utilizadas
Assimétricas Descendente	Superior/ inferior	Comandante – Capitão	V. M ^{cc} (C.11)
Assimétricas Ascendentes	Inferior / Superior	General – Vice-rei	V.Ex ^a (C.02)
		Tenente – Superior Governo	V.Ex ^a (C.19) V.S ^a (C.33) V.S ^a (C.17)
		Tenente – Juiz	V.S ^a (C.29)
Simétricas	[- solidárias]	Tenente – Tenente	V.S ^a (C.42)
			V.S ^a (C. 45)
	[+ solidárias]	Parente - parente	V.M ^{cc} (C. 45b)
Amigo – Amigo		V.M ^{cc} (C.104)	

Tabela VII – Formas tratamentais em função das relações sociais entre os interlocutores: amostra portuguesa

Em termos gerais, de acordo com a tabela V, podemos observar que a estratégia nominal de tratamento *Vossa Senhoria* foi recorrente nas relações assimétricas e simétricas, seguida de *Vossa Mercê*, mais freqüente em relações mais solidárias, e de *Vossa Excelência* detectado somente em relação assimétricas ascendentes. Como dito anteriormente, não encontramos em nossa amostra nenhum uso de formas pronominais de tratamento, referindo-se exclusivamente a segunda pessoa do singular em variação com *Tu*.

Essa distribuição das formas tratamentais em função das relações sociais estabelecidas entre os interlocutores não elucidada, entretanto, algumas questões. O que determina o uso de uma mesma forma nominal *Vossa Senhoria* em quase todos os tipos de relação? O que justifica o uso de *Vossa Mercê* em relações sociais mais solidárias? Que valor carregava tal estratégia de tratamento em missivas oitocentistas das regiões fronteiriças entre o Brasil e o Uruguai? Para tanto, torna-se relevante procurar compreender as *particularidades* de cada uso nas cartas, realizando uma análise qualitativa de natureza sócio-pragmática dos dados. Nas seções seguintes, assim como ocorreu na amostra espanhola, o emprego das formas de tratamento será analisado em cada uma das relações sociais com base na Teoria da Polidez de Brown & Levinson (1987), uma vez que estamos partindo da hipótese de que as escolhas tratamentais podem ser consideradas como estratégias de atenuação ou de mitigação dos atos de ameaça à face, a favor da polidez lingüística.

5.3.2 - Relações assimétricas descendentes: uso exclusivo de *Vossa Mercê*

As relações *sociais assimétricas descendentes* se caracterizam por estabelecer um distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário, em que o locutor ocupa o pólo de maior poder. Nesse tipo de relação, detectamos a ocorrência de uma única forma tratamental, *Vossa Mercê*, numa correspondência trocada entre o Comandante e o Capitão da tropa portuguesa.

O exemplo (16) foi retirado da carta pública de número (11) de nossa amostra, em que José Artigas, comandante da tropa militar portuguesa, escreve ao Capitão Pedro Pablo Romano, informando-lhe que no Rio de Janeiro há uma expedição com destino a Banda Oriental (atual Uruguai).

(16)

*“Acabo de receber hum extraordinario de Monte Vidio avizando-me que do Rio de Janeiro salia neste presente mez, huma expedição com sdiresaõ de apoiarse desta banda oriental. Em consequensia deste preparativo, he forsozo que da nossa Fronteira se experimente osprimeiros movimentos. **V.Mce deve** porse em maior vigilansia reunindo todos os vezendarios dessa Guarda, evitando qual quer surpresa, especialmente sobre asCavalladas. **V.Mce sabe** que ainda empaz nos fazem essa guerra surda, equé agora redobraraõ os seos tentados ecomessaraõ aprejudecarnos noposivel, pello mesmo he percizo que **V.Mce tenha** toda gente preparada contra qual tentativa, eo que se agarre escarmentalato, igualmente que semantenha firme nessaGuarda, em quanto setomaõ providensias em todos os pontos, para contrarear os exforsos destes inimigos, sempre zelosos danossa gloria e pertubadores danossa felicidade e sucego, com este fim derijo igualmente o mesmo sumpto para oComandante Dom Antonio dos Santos aquém encarrego o mesmo, sobre o particuliar ansisozo de que todos sepreparem afazer exforso digno denossa grandeza a V mce com todo omeu affecto 27 de junho de 1816
Joze Artigas*

(Carta de circulação pública (11) Joze Artigas, 1816)

Ao analisarmos o exemplo, pudemos perceber que se trata de uma carta pública trocada entre figuras militares importantes no contexto de independência de Montevidéu. Nesse exemplo, o destinatário da carta, por ocupar de acordo com o eixo hierárquico social, o pólo de menor poder é tratado de forma menos prestigiosa, já que dentre as formas nominais de tratamento, *Vossa Mercê* é a menos cerimoniosa.

Dessa forma, não podemos afirmar que a forma *Vossa Mercê* mantém-se, no período em análise, com o mesmo valor semântico original, uma vez que antes era utilizada para se referir aos reis, membros da corte, e a partir do século XVIII, de acordo com os resultados de Rumeu (2004), sofre o processo de *dessemantização*, ou perda semântica. Koch (2008) em seus estudos também afirma que não só *Vossa Mercê*, mas todas as estratégias de tratamento abstrato (*Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*) com o passar dos anos, principalmente a partir do século XVI, perdem seu contexto de referência inicial e passam a nomear membros localizados mais abaixo na estrutura social hierarquizada.

Além disso, é possível perceber que o uso de *Vossa Mercê* funciona, nesse contexto, como uma estratégia mitigadora, ou seja, serve para minimizar um ato de ameaça à face do interlocutor, uma vez que o remetente passa diversas instruções ao seu

destinatário (*V.M deve porse / V.M sabe*) e para que ele não se sinta ofendido, o remetente direciona um tratamento mais cortês. Ainda de acordo com Koch (2008) todas as formas de tratamento abstrato, ou seja, formas nominais de tratamento têm a função de mitigar, minimizar ou atenuar um ato de ameaça a face que pode ser concretizado por meio de um pedido, solicitação, cobrança, reclamação e etc

Em termos gerais, verificamos que, nesse exemplo, além de confirmar o processo de *dessemantização* sofrido por *Vossa Mercê* ao longo do século XIX, também observamos, assim como nas cartas hispânicas, o uso de tal fórmula de tratamento como uma estratégia mitigadora, ou seja, uma forma de atenuação de uma possível ameaça pragmática.

5.3.3 -- Relações assimétricas ascendentes: de *Vossa Excelência* a *Vossa Senhoria*

Nas relações sociais *assimétricas ascendentes*, ou seja, de *inferior para superior*, observamos maior produtividade da forma *Vossa Senhoria* variando com *Vossa Excelência*. O uso de tais estratégias tratamentais já era esperado, uma vez que nesse tipo de relação o destinatário da carta ocupa o pólo de maior poder em relação ao remetente. Como se viu na tabela, em missivas trocadas entre o General e o Vice-rei verificamos a ocorrência da forma *Vossa Excelência* em uma única carta. O mesmo ocorreu numa correspondência trocada entre o Tenente e o Juiz, em que identificamos somente o emprego de *Vossa Senhoria*. Também em missivas distintas trocadas entre Tenentes e o Superior Governo, observamos o uso das duas estratégias nominais de tratamento em diferentes cartas.

O exemplo (17) ilustra o emprego de *Vossa Excelência* em uma carta pública de número (02), em que Diego de Souza, general das tropas portuguesas, se dirige ao Vice-rei do Rio da Prata, Francisco Javier Elío, respondendo sua carta anterior e informando-lhe de sua próxima viagem a Espanha, em que gostaria muito de conhecer o Capitão General Gaspar Vigodet.

(17)

/Officio ao Vice-Rei do Rio da Prata - Elio
“Ilmo e Ex. S.or = Dou os parabens a V. Ex^a. Pelas circunsntancias doseu removim.¹⁰, q. eu há 2 mezes emeio enunciei aoseu Secret. João Bap. Esteller, e tão bem

os dou atodos os habitantes desta Camp. pela dupla ventagem, q. V.Ex^a. lhes asegura no Impresso com datta de 11 deste mez, adjunta a carta q. me escrevo nade 14. = Terei grande satisfação detratar com o Ex.mo S. Cap.^m Gen.al D. Gaspar Vigodet (...) á cerca de quaes quer particulares, pois que formo ideias mui precisas dahonra, polidez, juizo q. o caracterizão, exceptuo porem os excogitados, deq. V.Ex^a fez menção nos seus Officios, q. accuzei nomeu de 8 do corre. Por haver sobre elles já demaziado repondido a V. Ex^a, aq.m nada tenho q. responder esó dezejar huma feliz viagem = Offeresso a V.Ex^a a obediente Vont. E com qe sou de V. Ex^a = Seu mai satt^o, e certo capt^o (...) ”

(Carta de circulação pública (02) Francisco de Souza, 1811)

Nesse exemplo, verificamos que o uso de *Vossa Excelência* em uma relação social de inferior para superior, com o objetivo de marcar o distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário característico desse tipo de relação. Tal uso, como dito anteriormente, já era esperado, uma vez que o receptor ocupa, no eixo hierárquico social, o pólo de maior poder. De certa forma a ocorrência de *Vossa Excelência* indica que o autor da carta sabe e reconhece a “superioridade” de seu destinatário, e tenta marcar esse distanciamento utilizando tal estratégia de tratamento.

O mesmo ocorre em uma carta trocada entre um Tenente e um Juiz, em que podemos observar o uso da estratégia nominal *Vossa Senhoria* para marcar o distanciamento interpessoal entre remetente e destinatário. O exemplo (18) se refere à ocorrência de tal forma nominal em uma carta pública de número (29) de nossa amostra, em que o Tenente, Modesto Ruiz, escreve ao Juiz de Paz, João Benito Palácio, informando-lhe que os vizinhos da finada Maria Borjes querem tomar posse de sua casa e de seu terreno.

(18)

“(...) e em oportunas conjeturas de que acuzo taõbem o proximo de 23. do mesmo paçado, do que contendo fis-Vir conforme Va. Sa. Me ordenava, pela Ordem superior do Ylmo. Snr. Juis Letrado, de q. tenho enconsideração. aos vizinhos sitados em seu officio y dos qu seacharaõ oje endacta deste como. Va.Sa. vera na firmativa fis firmarem os Yn-devidos. q. armajem vaõ atrazando lhes nam.^{me} 2 dias, p.^a com os vinte iocto vençentes, se acha-

*rem Em seu digno Jolgado, certam.^{te} no dia
trinta, do prez.^{te} (...)”*

(Carta de circulação pública (29) Modesto Ruiz, 1841)

Ainda com relação às relações sociais de *inferior para superior*, detectamos diferentes cartas trocadas entre Tenentes e o Superior Governo, em que se observam ocorrências das formas *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*. O exemplo (19) se refere ao uso de *Vossa Excelência* em uma carta de circulação pública de número (19), em que um Tenente, Joaquim de Oliveira, na figura de José Machado, pede ao Superior Governo que transfira o criminoso Manuel Charlar para outra região, pois a população de Maldonado está apavorada por conviver com um criminoso.

(19)

*He denoço dever levarmos a res peitavel Prezença de V.Ex.^a o
temor que tem os habitantes deste dePartam.to q̃ não sendo o
culto odepravado procedim.to de Manoel Chalar, q̃ seacha
nesta prezo por requerim.to deseo Paj (...)*

***Veja V.Ex.^a** lhe honde chega adesgraça
do Paj q̃ oaCuza, edos paSeficos vizenhos a qual he afeleci
dade desta fera devoradora detodas as Leis q̃ nos regem q̃
tendo feito morte publicam.te ecometido outros semelhantes
tentados como **vera V. Ex.^a** na emcluza ainda seconserva
em huma fraca prizaõ e piza adonde ja não deverapizar:
Por tanto Ex.mo S.or p.^a dezem cargo noso consciencia
epor serviço de D.s, do Estado Suplicamos aV.Ex.^a que
seja este emdevido reconduzido a heça Capital com o suma
rio q̃ seesta segindo no julgado do 1º voto p.^a **V.Ex.^a dar**
odestino q̃ for mais aSertado; eporeste meio ficamos persuadidos
que temos comprido com os noSos deveres.*

*Deos G.e aV. Ex.^a m.s annos. Cid.e de Maldonado 13 de
Abril de 1825.*

*Ill.mo e Ex.mo Senhor Baraõ da Laguna
José Machado*

*Felisberto Joaq.m de Oliv.^a [??]
Carg.º Mor. Com. Melitar*

(Carta de circulação pública (19) Felisberto Joaquim de Oliveira, 1825)

Nesse exemplo, verificamos o uso da estratégia *Vossa Excelência*, em uma missiva trocada entre um Tenente e o Superior Governo, marcando novamente o distanciamento interpessoal estabelecido entre os interlocutores. Além de deixar evidente a “superioridade” do destinatário em relação ao autor da carta, pode-se observar que a ocorrência de tal forma nominal tratamento, assim como no exemplo anterior, funcionaria como uma estratégia mitigadora do ato de ameaça à face do interlocutor. Ao longo da carta o remetente faz diversos pedidos/ordens e instruções ao seu destinatário, seja pelo emprego do imperativo (*Veja*), do uso do futuro do indicativo (*Verá*) ou orações não-finitas (*para dar*).

O exemplo (20) se refere à carta de número (17) de nossa amostra, em que Joaquim de Oliveira, tenente da região de Salto envia ao Superior Governo, pede o direito de posse da casa em que mora localizada na região, pois alega ter realizado diversas benfeitorias.

(20)

“Joaquim Antonio de Oliveira e Silva Cirurgiaõ Mor do Regimento de Drags de S. Pedro do Sul, em Maio de 1822 estabeleceu huma caza nhum lado de hum dosquadros q. formão apraça desta Povoação deq. VSa He Testemunha, etendo o Sup.e cercado, plantado arvoredos alem da caza, emais Bemfeitorias, equerendo aumentar estas dezeja possuir p.r mais segurança este terreno com Desp.^{xo} sem prejuízo de terceiro, p.a á sua vontade poder, e com mais segurança aumentar algumas Obras mais; o terreno ocupado pelo Sup.e no alinhamento, e q. pede p.r Desp xo sao Cento, e vinte palmos com frente apraça, eao Oeste pouco mais oumenos, e quatro centos, e Cincoenta palmos ao Leste p.r isso requer, e Pa V.Sa se digne p.r seu Onrozo Despaxo 1824 conceder lhe agraca q. implora Joaquim Antonio de Oliver.a”

(Carta de circulação pública (17) Joaquim Antonio de Oliveira e Silva, 1824)

O exemplo (21) se refere à carta de número (33) de nossa amostra, em que o Tenente de Yaguari, Felisberto Roiz da Luz, envia ao Superior Governo, informando-lhe que fará o inventário do finado Binidito Antonio.

(21)

*“Aos dias primeiro de Fevr.º do Anno de mil oicto Cintos e quarenta e doiz eu Tenente Alc.de deste Discritto junto com as Testemunhas abaixo aSigna das pa Sej afazer inventario dos bens que pertenciao ao Finado Binidito Antonio aque Consta edou por fé. O Seguinte vinte e quatro Eguas deventre Seiz Potros doiz Petiços manços Sete Potrancas ehu m Burro malacara ea mar ca perten Sentes aos D.os aNimais ecomo para avalos destes aNimais mefoi apresentado hum deCumento de Sinto e Secenta e tres mil duzentos reis qui oD.o era de vedor ao Senr Joaquim Carc o mostra do m.mo do Cum.to e Testemunhas a Signadas, epor mi Ser Requerido o D.º ymbolço paSej ain ventariar ó qui ponho ao Conhecimento de V.S. para que **Se digne** mandar ordens p.^a para Serem entregues D.os aimais Segundo avaluacao. qui **V.S. hache** por bem avaliar ena . enao achan= do nada mais Senao . o refirido que levo dicto pertencente ao D.º Finado passo esta em fé. deverdade esperando as= Ordens de V.S.*

*Felisberto Roiz da Luz
Ten.te alqd*

(Carta de circulação pública (33) Felisberto Roiz da Luz, 1842)

Ao analisarmos ambos os exemplos, verificamos que são missivas direcionadas ao Superior Governo que, no eixo hierárquico social, ocupa o pólo de maior poder. Além disso, observamos que os usos de *Vossa Senhoria* ocorrem em contextos semelhantes, pois nas duas cartas o remetente faz diversos pedidos e /ou solicitações ao seu destinatário. Nessas cartas, o remetente, além de reconhecer a superioridade do destinatário, e de marcar o distanciamento interpessoal, procura atenuar e/ou minimiza um ato de ameaça à face do interlocutor, pedidos e solicitações, direcionando-lhe uma estratégia nominal de tratamento e expressões que atenuam o tom impositivo da requisição feita: “para que se digne”, “hache por bem”. O remetente quer mascarar sua ordem concretizada explicitamente em “*mandar ordens* para serem entregues dos

aimais” (= *mandar ordens para serem entregues dois animais*) e minimiza o ato diretivo de ordem, solicitando que o destinatário avalie seu pedido “*segundo avaliação* quí V.S. *hache por bem avaliar*”

5.3.4 - Relações simétricas: de *Vossa Senhoria* a *Vossa Mercê*

Nas relações *sociais simétricas*, parte-se do princípio que os interlocutores estão inseridos em uma mesma hierarquia social (Brown e Gilman, 1960). Dessa forma, a solidariedade seria fruto do compartilhamento de condutas que levam a semelhanças no modo de agir e pensar. Em nossa análise, dividimos as relações simétricas em *relações igualitárias [-solidárias]* e *relações igualitárias [+solidárias]*.

Nas relações *sociais simétricas [-solidárias]*, em que os interlocutores fazem parte de uma mesma classe social, mas que não são íntimos, o resultado também saiu conforme o esperado, uma vez detectamos o uso categórico de *Vossa Senhoria* para marcar interações sociais entre figuras políticas, militares e juizes, pertencentes ao mesmo grupo social. Tal estratégia nominal é considerada segundo Bertolotti (2003) como uma fórmula nominal menos formal que *Vossa Excelência*, por exemplo, e foi empregada, em nossa amostra, em três diferentes cartas.

O exemplo (22) se refere à carta de número (42) em que um Tenente, Felisberto Vargas, remete a outro Tenente, Don Pascoal Pilatuva, a correspondência de Visente Ylha para que ele possa saber qual é sua opinião sobre um determinado assunto;

(22)

*Snr~ Alcaide YOdinario D. Pascoal Pitaluva
Tres Sero 13 de Junho 1854*

*Remeto a VSa aSitação q' vejo para Visen
te Ylha o q' VSa vera o q' hele dis sobre
tal asunto eaSim VSa Rezolva o q~axar –
Mais covinniente sem mais aSunto dou de VS^a
atento sirvidor eSudito e Criado.”*

(Carta de circulação pública (42) Felisberto de Vargas, 1854)

Nesse caso, observamos o uso de *Vossa Senhoria* em relações *sociais simétricas [-solidárias]*, ou seja, em cartas trocadas entre tenentes. O uso de tal estratégia de tratamento pode ser justificado pelo fato de, mesmo serem cartas trocadas entre membros pertencentes ao mesmo grupo social, percebe-se um distanciamento

interpessoal entre os interlocutores, pois se trata de figuras que ocupam posições muito importantes na sociedade, e não de amigos, vizinhos e/ou familiares.

Nas *relações sociais simétricas [+solidárias]*, isto é, em correspondências trocadas entre familiares, amigos e vizinhos, em que se percebe maior intimidade entre os interlocutores, podemos observar o emprego categórico da estratégia nominal *Vossa Mercê* nessas cartas mais íntimas. Tal fato nos pareceu bastante curioso, uma vez que a ocorrência de tal estratégia de tratamento não é comum em relações mais solidárias, e teve seu uso voltado principalmente em relações sociais mais cerimoniais, em que se observa um maior distanciamento interpessoal entre os interlocutores. Nos exemplos a seguir podemos visualizar os contextos de ocorrência de *Vossa Mercê* nessas cartas.

Em (23), o uso de *Vossa Mercê* aparece em uma carta de circulação privada de número (104), em que Cândido Azambuja avisa ao seu compadre que irá viajar e pede que tome algumas providências durante sua ausência.

(23)

Prezado Comp. Am. Laureles 7 bre 29 de 1864.

*Julga muim necesario decharmos nosa viagem p^a
ao depois de amanhã, o pdor lhe dirá a cauza.
Deicha ao Joao Anto cuidando os animais ahí,
e **venha vmce** com o Lucas q de aquí mandaremos
hum dormir ahí, e dizer ao Joao
Anto aonde nos hade esperar Queira recomendar-me
ao primo Enrique, primo Marura, priminhos e Amalia,
e Seu comp.e Am,º obdo
Candid. Azba*

(Carta de circulação privada (104) Cândido Azambuja, 1864)

Em (24) tem-se a ocorrência de *Vossa Mercê* em uma carta de circulação privada de número (45) de nossa amostra, em que Bernarda Maria de Borba pede ao seu parente, Joaquim Joze de Oliveira que entregue uma encomenda ao Senhor Manoel Rodrigues.

(24)

*Illmº Snr Joaq.m Joze de Oliveira
Pamarotim 24 de Abril de 1847*

*Meu parente he ide estimar que Estas regas vao
achar vmce gozando [5] huma felis saude parente
quero que **vmce fasame** o favor de entregar
Ameta de dogado ao Snr Manoel Rodrigues chaves*

Esta sua parenta qe lhe vene ra iestima

Bernarda Maria de Borba”

(Carta de circulação privada (45) Bernarda Maria de Borba, 1847)

Como se vê nos exemplos, verificamos que a forma nominal *Vossa Mercê* ocorre numa *relação simétrica mais solidária* (cartas trocadas entre parentes). Como já foi dito, tal estratégia de tratamento também era empregado em contextos de maior distanciamento interpessoal entre os interlocutores.

É necessário observar que Rumeu (2004), ao analisar missivas setecentistas e oitocentistas escritas no Rio de Janeiro, verificou em suas cartas o emprego recorrente de *Vossa Mercê* em contextos menos cortesês, ou seja, mais íntimos, mais solidários, entre amigos, familiares, vizinhos e etc. Também nas nossas cartas oitocentistas escritas em português provenientes de áreas fronteiriças entre o Brasil e o Uruguai, a estratégia *Vossa Mercê* apresentava comportamento híbrido e instável, por ser empregado nas relações assimétricas e nas simétricas.

Apesar de detectarmos algumas ocorrências de tal estratégia nominal de tratamento em interações sociais mais solidárias, não se pode afirmar que no século XIX este seria o contexto favorecedor ao uso de *Vossa Mercê*. Muito pelo contrário, ainda é possível detectar ocorrências de *Vossa Mercê* em interações de maior prestígio, como por exemplo na carta trocada entre um Comandante e um Capitão numa relação social de Superior para Inferior.

Então, resgata-se aqui o questionamento inicialmente feito: o que justifica o uso de *Vossa Mercê* em relações sociais mais solidárias?

É possível que novamente a explicação esteja numa motivação sócio-pragmática. Nesses dois exemplos, *Vossa Mercê* é empregado para mascarar ordens transfiguradas em pedidos. No primeiro caso, nota-se o emprego do imperativo “*venha vmce*” e no segundo, “*vmce fasame o favor de entregar*”.

Em suma, verifica-se mais uma vez que o emprego de *Vossa Mercê* não é condicionado simplesmente às relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário. Confirmamos as hipóteses de Koch (2008) sobre o fato de formas advindas de estratégias nominais de tratamento abstrato continuarem funcionando como atenuadores de possíveis ameaças pragmáticas. É interessante comentar que é possível estabelecer uma correlação, em nossa amostra, entre o uso de *Usted* nas cartas hispânicas e o uso de *V.M* nas cartas portuguesas. Observamos nos dois casos que tais

estratégias apresentaram comportamento semelhante, pois funcionavam muito mais como mitigadores de atos diretivos do que marcadores de distanciamento social. Isso talvez se deva, entre outros fatores, ao fato de as cartas terem sido produzidas em uma área de contato lingüístico. Vejamos, no capítulo seguinte, a análise das cartas, em que se localizou algum vestígio de contato lingüístico.

6 – AS FORMAS TRATAMENTAIS EM CARTAS COM CONTATO LINGÜÍSTICO.

Nesta seção, analisar-se-ão as formas nominais e verbo-pronominais de tratamento encontradas em cartas públicas e privadas, caracterizadas pelo contato lingüístico do português com o espanhol. Devido à natureza da amostra, tentaremos elucidar alguns questionamentos: i) o que caracterizaria a influência do português e/ou do espanhol nessas cartas? ii) as estratégias de tratamento encontradas nessas missivas constituem um sistema tratamental próprio ou se assemelha ao sistema de língua base (português e/ou espanhol)? iii) qual o comportamento assumido pelas formas de tratamento *Vossa Mercê* e *Usted* nessas cartas?

Antes de analisarmos a amostra de cartas bilíngües, é importante salientar que no presente trabalho, diante de diversas definições sobre o que vem a ser o fenômeno do bilinguismo, trabalharemos com a definição de Weinreich (1953) que afirma que “*La práctica de utilizar dos lenguas de forma alternativa se denominará bilingüismo y las personas implicadas bilingües; Cualquiera que emplee dos o más lenguas em alternancia es bilingüe.*”. Dessa forma, constatamos que nossa amostra está composta por missivas bilíngües, pois observamos, nessas cartas, alternância de uso das duas línguas.

É importante salientar que o português no Uruguai já foi língua da maioria dos habitantes do norte do país. Estima-se que em 1860, com o Uruguai já independente e com fronteiras definidas, o país abrigava mais de 35% de brasileiros. Implementou-se, então, uma política de castelhanização que não conseguiu eliminar o português do país, mas tornou o norte o Uruguai bilíngüe.

Bertolotti (2005) no livro *Documentos para la historia del Portugués en el Uruguay* afirma que no período chamado de “ocupações breves” a presença da língua portuguesa nas comunicações entre as autoridades e os habitantes da Banda Oriental era constante; além disso se conserva, ainda em 1818, o uso do português em correspondências oficiais portuguesas. Durante o período Cisplatino os expedientes judiciais eram escritos tanto em espanhol quanto em português, ou em espanhol e português; assim como era comum o uso de uma ou outra língua em um mesmo documento, variando de acordo com os turnos de fala, ou seja, se estabelecia um diálogo que se desenvolvia com total fluidez sem que alguém percebesse. Não havia

consciência do uso de mais de uma língua, a mudança de língua se dava ao mesmo tempo da mudança de turno de fala.

Ainda de acordo com Bertolotti (2005), nos documentos da região de fronteira, área de onde provém nosso *corpus*, a presença da língua portuguesa é mais forte nos primeiros documentos do século XIX se comparados aos documentos dos últimos anos e do início do XX. No período (1833-1856) constata-se que a metade dos documentos está escrita em português; no período de (1873-1874) somente uma pequena parte – 16% – está em português; e finalmente no período de (1892 até início do séc. XX) este número cai drasticamente para somente um documento escrito em português.

Essa diminuição no uso da língua em correspondências e/ou documentos na fronteira entre o Brasil e o Uruguai não significa que o português desapareceu drasticamente dos falares dessa região. Tal atitude se deve a uma decisão judicial, na segunda metade do século XIX, em que se proibiu a escritura de qualquer tipo de expedientes jurídicos, como por exemplo, inventários, atestado de óbito, em uma língua que não fosse o espanhol. Esse desuso, de acordo fontes documentais, estaria diretamente relacionado à lei de tradução – em que todos os documentos escritos em português deveriam ser traduzidos ao espanhol, e também a crescente presença do Estado Uruguaio nas áreas de fronteira.

Nesse momento, o português passou a ser uma língua minoritária, falada principalmente por aqueles que não tinham acesso à escola – os peões das fazendas e entre familiares, sendo a maioria pobre. Os demais freqüentavam uma escola monolíngue e passaram a ter o espanhol também como língua materna, mas acabaram aprendendo o português na rua, no intervalo das aulas na escola, nos bares. Dessa forma, a variedade do português falada ali passou a não sofrer nenhum controle, ficando completamente livre para seguir seu curso, inclusive absorver termos e expressões do espanhol.

Ao analisarmos nosso *corpus*, verificamos que, o número de cartas e, conseqüentemente, dados encontrados era irrisório para a realização de uma análise quantitativa. Por isso, resolvemos analisar qualitativamente as quatro cartas identificadas no nosso *corpus*, em que se observa a presença das duas línguas. Nessa análise, verificaremos todos os aspectos lingüístico-gramaticais presentes, buscando identificar a que grupos pertencem – **E(p)** ou **P(e)**. É importante salientar que a alternância das duas línguas se dá pelo uso de ortografia ora em português ora em espanhol.

Serão analisadas as cartas de número (72), (69), (103) e (107). Num primeiro momento, verificaremos se essas correspondências se encaixam no grupo de cartas que apresentem contato lingüístico – escritas em espanhol com interferência do português – E(p) – ou no grupo de cartas escritas em português com interferência do espanhol – P(e); posteriormente, analisaremos as formas nominais e verbo-pronominais de tratamento mais freqüentes nas missivas. Faremos um levantamento das formas lingüísticas, buscando avaliar em que língua foram escritas, para que assim possamos afirmar se a missiva correspondente se caracteriza pelo contato lingüístico do espanhol ou do português. Para tanto, criamos uma tabela, em que estão dispostos os vocábulos pertencentes ao léxico do português, do espanhol e aqueles comuns às duas línguas.

O exemplo (01) se refere à carta de número (72) do nosso *corpus*, em que o General Aparício Saraiva escreve ao Comandante Abelardo Marquez, pedindo-lhe que siga as instruções de Mariano Saraiva e passe ao território Oriental todo o material bélico que ainda estivesse em Rivera. Além disso, ele pede para informar em que região se encontra as forças inimigas de Taquarembó. Aparício Saraiva e Gumersindo Saraiva são filhos de Don Francisco “Chico” Saraiva, um riograndense que se estabelece no Uruguai por volta do século XIX, e de Pulpicia, ou Propicia da Rosa, também brasileira. Aparício se casa com Cândida Díaz, filha de pai brasileiro e mãe Uruguaia. Para melhor compreensão de nossa análise, segue a carta (72):

(01)

Mello, Março 19 de 1903.

Sñr Comandante Abelardo

Marquez.

Rivera

[5] Estimado Comandante é M^a

Siva-se poner-se de acuer

do con el comandante Mariano

para passar ao territorio Oriental

todo nuestro material de

[10] guerra que todavia no lo ha echo,

soy de opinion que deve empren

der viage en direcion al passo

de Pereira. Se creira conveniente

dirigir-se á otro passo avize

[15] me urgentemente por chasque

para enviar una división á protejerlo,

commonique-me aproxi

madamente en que estado se in

cuentran las forças enemigas de

[20] Taquarembó assim como en

número, también haga-me favor
 dizer poco más ó menos la
 gente que US disponen é las condi-
 ciones en que se alhão, an que
 [25] la paz se iciera tenemos summa con-
 veniencia en aprovechar esta oportu-
 nidad para introducir asta
 ahí nuestro material bellico.
 Se US quiere puede contestarme
 [5] por el mismo chasque portador
 de ésta commonicación. Todo
 el Paíz ha correspondido admiravelmente
 al movimiento:
 alguna commonicacion ur-
 [10] gente US quiera dirigir-me passela
 a Ganso Fernández, Bagé, para
 que me la transmita telefónica-
 mente, Saludo.
 Aparicio Saraiva

Formas ortográficas registradas em Português	Formas ortográficas registradas em Espanhol (traços mais evidentes)		Formas comuns às duas línguas
Passar Território Passo Dizer Assim Passar Alhão (“acham”) Emprender (“emprender”) Viage (“viagem”) Passo de Pereira Aproximadamente Forças Dizer É Passela (“passe-la”)	-Terminação em “ón” Opinión Dirección División Condiciones Commonicación - Artigos El comandante Las gente Las condiciones	-Ditongação Nuestro De acuerdo Puede Quiere También - Verbos No lo ha hecho Soy Disponen Ha correspondido Protejerlo Incuentran Viage	Material Guerra Estimado Comandante Para Território Oriental Commonique-me Como Número Portador Urgente Deve Conveniente Dirigir-se Avize-me Urgentemente Enviar Estado Favor Conveniência Paíz Admiravelmente Telefonicamente

Quadro 8: Quadro de formas lingüísticas encontradas na carta de contato lingüístico.

De acordo com o quadro, podemos observar que se trata de uma carta escrita em espanhol com alguns vestígios da língua portuguesa – **E(p)**. Esse tipo de correspondência se caracteriza pela recorrência de alguns vocábulos escritos conforme ortografia portuguesa numa missiva produzida majoritariamente em espanhol. É interessante ressaltar que tal carta foi escrita por “mãos de descendentes de brasileiros”, uma vez que os pais de Aparício Saraiva são brasileiros.

As maiores incidências da língua portuguesa nessa carta está no uso grafemático do <SS>, como por exemplo, (*passar / passo / assim*) já que em espanhol tal consoante passou a ser grafada somente por <S>. Barbosa (comunicação pessoal) afirma que tal uso pode ser explicado pelo fato de o português manter a geminada <SS> e <RR>; ao passo que a língua espanhola só manteve o <RR>. Entre outros exemplos de interferência do português nessa carta, podemos citar a ocorrência de (*viage*) – *que deve emprender viage en direcion*. Nesse exemplo, podemos observar que o falante ficou confuso em como grafar tal palavra, uma vez que em espanhol se escreve (*viaje*) e em português (*viagem*). Outro exemplo de interferência grafemática do português é a ocorrência do vocábulo *forças*, uma vez que não existe no sistema representacional ortográfico do espanhol.

Ao analisarmos a tabela, também verificamos que, de acordo com Kabatek (2006), há a ocorrência da interferência lingüística positiva, uma vez que detectamos elementos da língua portuguesa em um texto escrito em espanhol. Além disso, há vestígios de uma interferência negativa de convergência, já que é possível perceber uma predileção em utilizar formas comuns às duas línguas (português e espanhol), evitando formas diferentes. Não estamos afirmando aqui que a referida missiva esteja composta somente por elementos comuns às duas línguas, e sim que houve um maior emprego, ainda que inconsciente, dessas formas do que de elementos do português.

Bertolotti (2005) verificou, nos documentos sobre a família do General Aparício Saraiva, a existência de uma carta apócrifa, na qual alguém se faz passar pelo General Aparício Saraiva, manifestando interferências do português no seu espanhol, o que evidenciaria, possivelmente, uma das variedades de expressão de Aparício. Chasteen (2001) afirma que Saraiva tinha muitos amigos e relações com ambos os lados da fronteira, falavam os dois idiomas igualmente bem (ou igualmente mal, como brincavam muitos fronteiriços). Talvez por isso, verificamos a alternância do espanhol

com o português em alguns momentos, e até mesmo a confusão no momento de grafar algumas palavras.

Com relação à forma tratamental utilizada nessa carta, podemos observar que o remetente se refere ao seu destinatário utilizando *Usted*. Ao lermos o exemplo, verificamos que o General Aparício Saraiva escreve ao Comandante Abelardo Marquez, instruindo-lhe com relação às atitudes que devem ser tomadas para defesa da tropa. Para manter a distância interpessoal característica desse tipo de correspondência, o falante se dirige ao seu destinatário utilizando uma estratégia tratamental mais cerimoniosa – *Usted* – ainda que se tratem como amigos. Além disso, após a leitura da carta, verificamos que, da mesma forma que em missivas escritas somente em espanhol, o emprego de tal forma de tratamento tem a função de mitigar e/ou minimizar uma ameaça pragmática. O remetente faz diversos pedidos e recomendações ao destinatário, e para atenuar o tom impositivo desse ato ele o trata de forma mais cortês com *usted*.

A segunda carta em análise é a de número (69) trocada entre membros da família Saraiva. Trata-se de uma carta particular de Marcelina Saraiva enviada a sua sobrinha Cândida Díaz de Saraiva, pedindo-lhe notícias suas e de sua família. Para melhor compreensão de nossa análise, reproduz-se a carta. Assim como no exemplo anterior, segue o quadro com os vocábulos escritos em português e em espanhol.

(02)

Herval 12 de sbro de 1900

Snra Da Candida Saraiva

Apreciada Cobrinha y Ama

fasco cimceros votos para qe Ao receber desta

tuncomtre no gozo damais prefeta saudi

ymcompanha do Aparicio y mais familia

que heu tenho Andado doente pore

Agora ja vo melhor.

Pecote mandame noticias do yuze y da

Nolberta yos mais parentes da cuchilha gram

de O Portador desta he omeu Gerno

Brazileño Aquem tinha o Prazer de Apri=

zentarlo Ati y tambem Aoparicio.

Aceitem noscas saudades

para todos tua Tia y Ama

Marceilina Saraivas

Português		Espanhol	Formas comuns às duas línguas	Forma criadas a partir do contato lingüístico
Apreciada	Agora	Y	Votos	Yuze (“José”)
Cobrinha (sobrinha”)	Já	Ý	Família	Yos (“e os”)
Fasco (“faço”)	Vo (“vou”)	Brazileño	Mandarme (“mandar-me”)	
Cinceros (“sinceros”)	Melhor		Noticias	
Receber	Peçote (“peço-te”)		Grande	
Gozo	Mais		Portador	
Perfeita	Parentes		Aprizentarlo a ti (“apresentá-lo a ti”)	
Saudi “saúde”	Cuchilha (“cochilha”?)		Tia	
Companha (“companhia”)	Meu Gerno (“genro”)			
Heu (“eu”)	Tinho (“tenho”)			
Tenho	Prazer			
Andado	Aceitem Noscas (“nossas”)			
A quem	Tua			
Também	Ym			
Aoparicio (“ao Aparício”)				
Saudades				
Doente				
Porem				

Quadro 9: Quadro de formas lingüísticas encontradas na carta de contato lingüístico.

Ao analisarmos o quadro, percebemos, diferentemente do exemplo anterior, maior ocorrência de vocábulos escritos em português e alguns leves vestígios da língua espanhola. Diante disso, podemos afirmar que se trata de uma carta escrita em português com influência do espanhol – **P(e)**.

É interessante observar, ao longo da carta, a grafiação de alguns vocábulos, como por exemplo, *cinceros*, *Cobrinha*, *fasco*, *Pecote*, *noscas*, em que se observa uma confusão por parte do autor em grafar o som [s]. Barbosa (comunicação pessoal) afirma que uma pessoa revela um afastamento dos padrões gráficos quando se mostra insegura para representar graficamente o som [s], que tem um elenco de grafemas possíveis – <sc>, <s>, <ç>, <c>. Se uma pessoa grafa sistematicamente com <sc> o som [s], como por exemplo *noscas* (*nossas*) e *fasco* (*faço*), isso revela pouco pouco contato com a escrita por parte do remetente e grande afastamento dos padrões gráficos da época. É importante ressaltar que a senhora Marcelina Saraiva aprendeu a escrever antes da fixação ortográfica do espanhol e, além disso, vivia numa região de fronteira entre o Brasil e o Uruguai afastada dos centros culturais, nesse caso, Montevideú.

Nesse exemplo, podemos perceber que os elementos comuns às duas línguas, assim como as formas escritas em espanhol, são infinitamente menos numerosos se comparados às formas escritas em português. Dessa forma, podemos afirmar que há somente interferência lingüística positiva, uma vez que se observa a presença da língua espanhola em uma carta escrita em português.

Outros dados interessantes são os chamados índices grafofonéticos, como por exemplo, *saudi* (saúde), *vo* (vou), *tinho* (tenho). Índices grafofonéticos¹⁶, de acordo com Barbosa (2007), são reflexos das características fonéticas no plano gráfico. Nessa carta, como podemos ver, esses índices são aqueles grafados de forma semelhante de como são pronunciados.

Com relação à interferência do espanhol, verificamos que o falante utilizou <y> no lugar de <e>, que seria mais provável pelo fato da carta estar, majoritariamente, escrita em português. Além disso, observamos o uso de <ñ> característico do espanhol na palavra *Brazileño*, por exemplo. Outro fator interessante é a ocorrência da construção *Aprizentarlo a ti* também característico da língua espanhola, tal uso é muito comum na língua hispânica com o pronome complemento direto – *lo* – utilizado depois do verbo no infinitivo e o objeto indireto – *a ti* – referindo-se a quem se dirige o discurso.

É interessante ressaltar que toda documentação vinculada à família Saraiva, que datam de finais do século XIX e início do XX, se referem ao momento em que o espanhol se institucionaliza como língua oficial em Taquarembó, e o português era praticamente inexistente nessa região. Todavia, alguns documentos e/ou cartas da família Saraiva constataam o contato das suas línguas.

Com relação à forma tratamental utilizada na carta, podemos dizer que a autora utiliza uma estratégia tratamental menos cerimoniosa – *Tu* – para se referir a sua sobrinha Cândida Diaz de Saraiva. Tal uso se justifica por se tratar de uma relação social assimétrica de superior para inferior, em que o destinatário ocupa o pólo de menor poder. Entretanto, tal missiva é trocada entre parentes, membros de uma mesma família, em que o remetente estabelece uma relação mais íntima com seu destinatário. Em geral, podemos dizer que o uso de *Tu* é justificado pelo fato de os interlocutores estabelecerem entre si uma relação social mais íntima, em que há menor distanciamento interpessoal e maior proximidade comunicativa.

¹⁶ Ver maiores detalhes em Barbosa (2007, p. 200).

A próxima carta a ser analisada é a de número (103) de nosso *corpus*, em que Candido Azambuja escreve ao seu compadre, avisando-lhe que está enviando, por Antonio Candido, sete cavalos para que ele cuide durante sua viagem.

(03)
Meu Prezado Comp,e Am.

*Mto estimarei q ao receber esta esteja vmce
 minha estimada com,e afda e mais fm^a no goso
 da mais perfeita saude, an minha he regular
 porem com mtos desejos de vêr as carta de minha
 Ruiva. O pdor desta he o Anto Candido qm
 lhe entregara huma tropilha de 7 cavalos, e huma
 egôa p^a fazer-me o obzequio mandalos cuidar em
 sua invernada, astá q Dios quiera
 Los negocios del Gobierno [??] aigúá ponan; pero
 la maldita marcacion essa es el assumto
 mio, e com esta m,tas e mtas recomendaçons
 a minha prezada come e Am,^a huma abencao
 hum abraço e hum beijo a minha quirida
 afilhada e vmce disponha como lhe asou
 vêr da mta amizade q lhe consagra
 Seu comp.e mto am,^o e mto obdo
 Abril de 1864
 Candido de Azb^a 237 {RUB}*

Português	Espanhol	Formas comuns às duas línguas
Estimarei	Invernada	Estimada
Ao receber	Astá	Goso
Esteja	Dios	Regular
Minha	Quiera	Cartas
Mais	Los	Mandalos
Perfeita	Del gobierno	Cuidar
Saúde	Ponan	Negócios
Porem	Pero	Maldita
Desejos	La maldita	
Ruiva	Marcacion	
Desta	Mio	
Entregara		
Tropilha		
Cavalos		
Consagra		
Egôa “égua”		
Fazer-me		
Obzequio (“obséquio”)		
Sua		

Essa		
Assunto		
Recomendações (“recomendações”)		
Prezada		
Abençao (“benção”)		
Abraço		
Beijo		
Quirida (“querida”)		
Afilhada		
Disponha		
Amizade		

Quadro 10: Quadro de formas lingüísticas encontradas na carta de contato lingüístico.

Ao analisarmos a carta, podemos observar, assim como no exemplo anterior, que se trata de uma carta escrita em português, em que o espanhol aparece com um intruso momentâneo – **P(e)**. Nesse caso, verificamos que a presença da língua espanhola não ocorre por meio de vocábulos ao longo do texto, e sim no corpo do texto da carta “*astá q □ Dios quiera Los negocios del Gobierno aigüá ponan; pero la maldita marcacion essa es el assunto mio*”. Nesse momento específico, o autor que escrevia em português passa ao espanhol e depois volta a redigir a carta em português, evidenciando um traço de oralidade.

Segundo Appel & Muysken em seus estudos – *bilingüismo e o contato de línguas*, afirma, dentre outras coisas, que há diversos aspectos para a eleição lingüística entre uma e outra língua, nesse caso, o português e o espanhol. Dentro dessa visão, há a perspectiva de que escolha de uma ou outra língua está centrada no indivíduo, e não somente no contexto em que ele esteja inserido. Dessa forma, Giles (1973) admite que *a eleição lingüística não pode explicar adequadamente, referindo-se somente a fatores situacionais; há aspectos da relação interpessoal que devem ser considerados*. Ainda dentro dessa perspectiva Sankoff (1972) afirma que, *em muitos casos, o falante tem a opção de introduzir uma eleição marcada, indicando assim uma intenção especial, ironia, uma mudança de estilo ou algo semelhante*.

Dessa maneira, podemos dizer que o autor, no momento em que se lamenta, faz uma reclamação, dirigindo-se a Deus, ele opta por fazê-la em espanhol, pois no início e no final do texto, que se referem ao primeiro contato e a despedida de sua afilhada, ele escreve em português. De uma forma geral, observamos que tal mudança de uso do

português para o espanhol está relacionada, conforme afirma Sankoff, a uma intenção especial do remetente, isto é, a uma motivação pragmática.

Com relação ao uso da estratégia tratamental, verificamos que o autor utilizou a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* em uma carta trocada entre compadres, em que se observa um menor distanciamento interpessoal entre os interlocutores. O uso de tal estratégia de tratamento é no mínimo curioso, uma vez que *Vossa Mercê* tinha seu emprego voltado a contextos mais corteses e/ou cerimoniais.

Entretanto, de acordo com os estudos de Rumeu (2004), a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* sofreu a partir do século XVIII um processo de *dessemantização*, ou seja, de perda semântica. Além disso, podemos afirmar que o uso de tal estratégia tem a função de mitigar o ato diretivo de ameaça à face do seu interlocutor. O remetente, ao dirigir-se ao seu destinatário por *Vossa Mercê*, tem a intenção de minimizar o ato de pedido expresso ao longo da carta.

A última carta em que observamos contato lingüístico do português ou do espanhol foi a de número (107) do nosso *corpus*, em que Ciriaco P. Schäfer escreve a Constantino Garcia da Roza, avisando-lhe das providências solicitadas e a prorrogação de cobrança de pesos na esperança de novas compras.

(04)
Snr Constantino Garcia da Roza
Cuarao 25 de 8br.e de 1866

Estimado Amigo
hoy' lhe remoto o seu pedido
contento a Bolca far.a 6,,s
o Snr me diz para eu passar a conta
e eu espero que vm.ce mo compre
mais alguma caisa para depois entao
vm.ce darne uma orden p.^a o Castro
he que despui que chegue
o surtido eu hirey' a sua casa
para fazerlhe ver os preços de tudo;
que eu p me parese que lhe heide
dar aumpreço acomodado
y' uzaremos uma livreta
cuando va a sua casa haremos
de conversar melhor
muito me recomendo a sua
estimada familia
[20] e muitas recomenda[??]
ao amigo o Legrandre
Deste seu amigo e[??]

Português	Espanhol	Formas comuns às duas línguas
Lhe	Contento	Estimado
Seu	Después que chegue	Amigo
Mais	Hirey	Remoto
Alguma	Cuando va a su casa	Pedido
Caixa “coisa”	Va	Espero
Depois	Haremos	Compre
Então		Mo
Chegue		Darme
Fazerlhe (“fazer-lhe”)		Casa
Preços		Ver
Parese (“parece”)		Livreta
Uzaremos (“usaremos”)		Conversar
Preço		Familia
Melhor		
Muito		
Passar		

Quadro 11: Quadro de formas lingüísticas encontradas na carta de contato lingüístico.

Podemos observar que a carta (107), assim como nos dois últimos exemplos, se trata de uma missiva escrita em português com interferências lingüísticas do espanhol – **P(e)**. Nesse caso, diferentemente do anterior, os vestígios da língua espanhola ocorrem em alguns vocábulos ao longo do texto, e não em determinado momento da carta, como por exemplo, nas palavras *hirey*, *haremos*, *hoy*, *quando* e etc.

Com relação ao tipo de contato lingüístico presente nessa carta, percebemos um equilíbrio no uso de formas pertencentes à língua em que foi redigida, nesse caso o português, e o emprego de formas comuns ao português e ao espanhol. Dessa forma, podemos afirmar que há recorrência da interferência lingüística positiva, pois se observam elementos da língua espanhola; e da interferência negativa de divergência, já que empregou formas diferentes às duas línguas, evitando formas comuns.

É interessante observar a confusão do autor em grafar determinadas palavras, principalmente aquelas com o som [s], como por exemplo, *uzaremos* (usaremos) e *parese* (parece). Nesses dois exemplos, percebemos a dificuldade do remetente em grafar corretamente o som [s], pois, como já foi dito anteriormente, tal fonema possui um elenco de grafemas possíveis, já que não havia ortografia fixa na língua portuguesa.

Além disso, verificamos alguns índices grafofonéticos, ou seja, características da oralidade no plano gráfico, como por exemplo, os vocábulos “despuis / después” (*he que despuis que chegue o surtido eu hirey a sua casa*), e “caisa / coisa” (*e eu espero que vm.ce mo compre mais alguma caisa para depois então....*). Nesses dois casos, podemos observar que o remetente da carta teve dificuldade em grafar tais palavras, uma vez que ele passou para a escrita vestígios de oralidade.

Com relação ao uso da estratégia tratamental *Vossa Mercê*, percebe-se que se trata de uma carta trocada entre um vendedor e o seu cliente, em que o destinatário ocupa o pólo de maior prestígio. Além disso, podemos afirmar, assim como no exemplo anterior, que o remetente, ainda que se dirigisse ao seu amigo e/ou cliente, tenta claramente, na perspectiva de análise que adotamos aqui, mitigar e/ou atenuar uma possível ameaça pragmática. Verifica-se, logo no início da carta, que o remetente sabe que tem de cumprir algumas solicitações anteriormente feitas, mas antes precisa que ele (destinatário) tome determinadas atitudes para que depois possa cumprir com suas obrigações. É importante destacar que a relação é de vendedor para cliente e ele (remetente) precisa ter muito cuidado com o que vai falar, pois caso contrário perde comprador e, conseqüentemente, o dinheiro/venda.

Nesse momento, mesmo se dirigindo ao seu destinatário como amigo, o falante sabe que ocupa o pólo de menor poder, pois está ali para cumprir ordens. Assim utiliza uma estratégia tratamental mais cerimoniosa para que não ameace à face do seu interlocutor com uma atitude tão invasiva como essa, pois pede para que ele agilize algumas coisas antes de cumprir seus deveres.

Assim, após a análise das quatro cartas em que detectamos algum tipo de interferência do espanhol ou do português, podemos afirmar que a maior parte delas se enquadra no grupo de missivas escritas em português com interferência do espanhol **P(e)**. Tal uso pode ser justificado pelo fato de que, mesmo o espanhol ter sido instituído como língua oficial em todo território uruguaio em finais do século XIX, na região de Taquarembó, por ser uma área de fronteira, estar muito próxima ao Brasil e distante da capital Montevidéu, o uso da língua portuguesa era recorrente, principalmente em missivas mais solidárias, marcadas pela maior intimidade entre os interlocutores.

Vale ressaltar que na maioria das cartas a interferência do espanhol ocorre majoritariamente de forma pontual, ou seja, em alguns momentos o remetente emprega vocábulos e/ou grafias pertencentes à língua espanhola. É provável que tais usos se

justifiquem pelo fato de os habitantes dessa região estarem inseridos em um sistema de contato lingüístico, em que coexistem duas línguas (português e espanhol).

Talvez a dificuldade em escrever determinados vocábulos, principalmente em relação à grafia do som [s], esteja na diferença do sistema consonântico das duas línguas, em que se observa como já foi dito, um elenco de possibilidades.

No tocante ao emprego das estratégias de tratamento nessas cartas, podemos afirmar que as formas *Usted* e *Vossa Mercê* foram abundantemente utilizadas e apresentaram comportamento semelhante, uma vez que funcionaram, em diferentes contextos, como estratégias mitigadoras de atos de ameaça à face do destinatário. Tal uso talvez possa ser justificado pelo fato de tais missivas pertencerem a uma região de largo contato lingüístico entre o português e o espanhol.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro contato que tivemos com o *corpus* utilizado para análise, acreditávamos que seria uma amostra composta por cartas e/ou documentos que remontassem um pouco do cotidiano vivido por diferentes políticos, militares, juízes envolvidos no processo de independência montevidéana, além de cartas particulares trocadas entre familiares e amigos habitantes de uma região fronteiriça entre o Brasil e Uruguai.

No entanto, ao folhearmos esse material, nos deparamos com diferentes tipos de textos: cartas, inventários, atestados de óbito, ofícios, proclamas e até mesmo receitas de cozinha. Diante dessa diversidade, resolvemos separar tais documentos e trabalhar somente com as cartas também inseridas nessa obra sob o rótulo de documentos para a história do português no Uruguai. Diante disso, além da análise quantitativa e qualitativa das estratégias nominais e verbo-pronominais de tratamento encontradas nessas missivas, resolvemos caracterizá-las, separando, primeiramente, por tipo de circulação (cartas de circulação pública e privada) e em seguida tentando delinear o perfil comunicativo dessas correspondências, para que assim pudéssemos trabalhar com um *corpus* mais homogêneo. Não se pode esquecer, entretanto, que, por conta da natureza da amostra, a análise dos resultados deveria dar conta ainda do tratamento em cartas escritas em português, em espanhol e cartas com contato lingüístico das duas línguas.

A opção teórico-metodológica adotada para a análise dos resultados obtidos se mostrou pertinente. A descrição dos dados, em termos qualitativos, revelou aspectos que a mera apresentação das frequências brutas não conseguiu captar. A conjugação de uma perspectiva mais quantitativa, dentro de uma orientação sociolingüística (mesmo que subjacente), aliada à Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1978, 1987) rendeu alguns frutos que ainda precisam amadurecer. É pertinente afirmar que, durante a aplicação da Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1978, 1987), aliada à discussão de Koch (2008), a adoção da hipótese de que as formas de tratamento nominal abstrato funcionariam para amenizar os atos ameaçadores da face (AAF) permitiu identificar alguns resultados correlacionados nas três amostras. Por isso, defende-se que as formas de tratamento podem, a depender do contexto, funcionar como uma estratégia de polidez mitigadora de alguma ameaça realizada por um ato de fala, principalmente os diretivos, como por exemplo, os pedidos, ordens, solicitações, cobranças e etc.

Como se viu neste estudo a descrição quantitativa sustentou a análise na busca de algumas generalizações, mas não foi suficiente para explicar certos usos motivados pragmaticamente. Neste momento, o olhar minucioso caso a caso, partindo de uma forte Teoria da Polidez, expôs mais claramente as possíveis motivações para o uso de uma ou outra forma de tratamento.

Com base na análise de aspectos lingüísticos e extralingüísticos quanto à utilização de estratégias tratamentais de referência a segunda pessoa do singular, em cartas oitocentistas de circulação pública e privada escritas em áreas fronteiriças entre o Brasil e o Uruguai, chegou-se aos seguintes resultados:

Em cartas espanholas e portuguesas as estratégias nominais de tratamento – *Vuestra Excelência/Vossa Excelência e Vuestra Señoria/Vossa Senhoria* – se mostraram altamente produtivas nos dois tipos de cartas (pública e privada); a forma *Vuestra Excelencia* foi mais freqüente na amostra espanhola, ao passo que na amostra portuguesa *Vossa Senhoria* foi a mais recorrente.

As formas verbo-pronominais de tratamento apresentaram um comportamento variado. Na amostra portuguesa não foram localizadas, ao longo de nossa análise, formas pronominais de tratamento de referência a segunda pessoa do discurso, somente encontramos dois proclamas, em que se observou o uso de *Vós* referindo-se à habitantes da região de Taquarembó. Identificou-se também uma carta com formas imperativas de 3ª pessoa do singular. Já na amostra espanhola, verificamos maior diversidade de uso das estratégias – *Tú, Vos e Usted*. É importante salientar que tais formas não foram as mais produtivas da amostra hispânica, mas apresentaram-se mais diversificadas do que as estratégias nominais.

Devido à produtividade das formas verbo-pronominais na amostra hispânica, resolvemos controlar as ocorrências de sujeito nulo e pleno de tais estratégias, com o objetivo de avaliar se há uma motivação sócio-pragmática para o preenchimento ou não do sujeito. Após esse levantamento, confirmamos as hipóteses de Bertolotti (a sair), uma vez que os usos de tal estratégia de tratamento como sujeito explícito são mais abundantes, se comparados as outras formas pronominais – *Tú e Vos* – principalmente a partir da segunda metade do século XIX, e, além disso, funcionam como estratégias mitigadoras de possíveis ameaças pragmáticas realizadas pelo autor das cartas.

É interessante ressaltar que, o fato de tal estratégia pronominal aparecer, majoritariamente, na posição de sujeito explícito e com a função de atenuar e/ou minimizar um ato de ameaça à face do interlocutor aliada a não ocorrência de *Vuestra*

Merced em nenhuma de nossas cartas, pode evidenciar que o uso de *Usted*, em nossas cartas, assumiu um caráter mais conservador característico da forma nominal de tratamento da qual se gramaticalizou – *Vuestra Merced* – evidenciando, dessa forma, o aspecto conservador assumido pela forma *Usted* em alguns contextos.

Com relação às cartas escritas em português, verificamos, que a forma *Vossa Mercê* assumiu um papel semelhante ao desempenhado por *Usted* nas cartas hispânicas, pois funcionou como uma estratégia de polidez mitigadora de ato de ameaça à face do interlocutor. Entretanto, vale ressaltar que tal forma de tratamento também foi empregada para marcar distanciamento interpessoal entre os interlocutores em contextos mais formais. Em termos gerais, podemos estabelecer uma correlação entre as formas *Usted* e *Vossa Mercê*, já que observamos que ambas as estratégias de tratamento desempenham o papel de estratégias mitigadoras e/ou atenuadoras de possíveis ameaças pragmáticas.

Nas raras cartas que apresentaram algum tipo de contato lingüístico, verificamos vestígios da língua portuguesa em textos escritos em espanhol – **E(p)** – assim como a presença de vocábulos grafados em espanhol em cartas escritas em português – **P(e)**. Em termos gerais, podemos afirmar que, devido à possibilidade dos habitantes da região de fronteira utilizarem tanto o português quanto o espanhol para redigirem suas cartas e/ou documentos, observamos algumas confusões na grafia determinados sons, principalmente o som [s]. Como já foi dito, tal som possui um elenco de possibilidades grafemáticas possíveis – <s>, <sc>, <ç>, etc – causando insegurança na hora de reproduzi-lo graficamente. Ainda foi possível, em algumas dessas cartas, detectar ocorrências de traços da oralidade no plano gráfico, isto é, os chamados índices grafofonéticos que segundo Barbosa (2008) são comuns em falantes afastados dos padrões lingüísticos da escrita.

Embora seja prematuro afirmar que em Taquarembó havia no século XIX, de fato, a coexistência do português e do espanhol e que os habitantes da região eram bilíngues, verificamos após a análise dos poucos dados que alguns traços lingüísticos e grafemáticos, presentes em nossas cartas, correspondem ao que podemos chamar de uma zona de integração de duas línguas. Na verdade, retomando a epígrafe, podemos afirmar que se trata de uma região, em que se perde a noção exata de que língua se está falando (no caso escrevendo!). Seria espanhol? Português? Ou uma mescla das duas línguas, o Portunhol?

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. L. (1982). *How to do things with words*. London: Oxford University Press.
- BARBOSA, Afranio Gonçalves. (1999). *Para uma História do Português Colonial: Aspectos Lingüísticos em Cartas de Comércio*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras.
- _____. (2008) *Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII*. In: Lima, Ivana Stolze et al (orgs.). *História Social da Língua Nacional*. Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. pp. 181 – 211.
- BARCIA, Lucia Rosado. (2006). *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa, Faculdade de Letras / UFRJ.
- BECHARA, Evanildo. (2004). *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BERTOLOTTI, Virginia & Magdalena COLL (2001). *Los cambios de las formas de tratamiento en la ruptura del orden colonial: un aporte a la historia de la lengua española en Uruguay*. En Ana Frega & Ariadna Islas (eds.), *Nuevas miradas y debates actuales en torno al artiguismo*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, 211-234.
- _____. (2002). *Estudios contrastivos: fórmulas y formas de tratamiento en español y portugués*. En L. Masello (ed.), *Español como lengua extranjera: aspectos descriptivos y metodológicos*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 73-94.
- _____. (2004). *Tuteo y voseo en el Uruguay durante el siglo XIX*. Comunicación presentada en el *III Congresso Brasileiro de Hispanistas*, Universidade Federal de Santa Catarina, 12–15 de octubre de 2004. Versión electrónica en: [verificado el 16/04/2006].
- _____. (ao sair)
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Formas de Tratamento e Estruturas Sociais*. Alfa. São Paulo: FFCL de Marília, No 18/19, 1972-1973.
- BRAVO, Diana. (2005). *Categorías, tipologías y aplicaciones. Hacia una redefinición de la ‘cortesía comunicativa..* In: BRAVO, Diana. (org.) *Estudios de la (des)cortesía en español*. Buenos Aires, Dunken.

- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. (1960). *The Pronouns of Power and Solidarity*. SEBEOK, Thomas A. (eds.) *Style in Language*. Cambridge: Masschusetts, The MIT Press, p. 253-449.
- BROWN, Penelope. & LEVINSON, Steven *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge, CUP. Originalmente publicado como: “Universals in Language Usage, Politeness Phenomenon”, Esther Gody (ed.) In: Questions and Politeness, strategies in Social Interaction. Nova York: CUP, 1978..
- CARRICABURRO, Norma. *Las fórmulas de tratamiento em el español actual*. Madrid, Arco Libros, 1997.
- CINTRA, Luís F. Lindley. (1972). *Sobre “Formas de Tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte 18.
- CORVALÁN
- COSTA, Jannaina. *Formas nominais de tratamento em espanhol: polidez, funções conversacionais e variação geoletal*. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras/ UFRJ, 2007.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís Felipe Lindley. (2001). *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CISNEROS ESTUPIÑÁN, Mareya. “Grados de cortesía en el uso de pronombres personales de segunda persona singular”. In: BRAVO, Diana. *Estudios de la (des)cortesía en español*. 1º Ed. Buenos Aires: Dujen, 2005.
- DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. (2001). *Pronomes de tratamento do português do século XVI: uma gramática de uso*. 1ª ed., São Paulo: Annablume; Rondônia: UNIR.
- DUARTE, M. Eugênia L.: “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In: ROBERTS, I., KATO, M. A.(orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP. p.107-128, 1993.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. “A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos” In: PAIVA, M. da. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, FAPERJ,2003 p. 115-128.
- _____. *A perda do princípio ‘Evite pronome’ no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.
- ESCANDELL VIDAL, M. Victoria. (2002). *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel Lingüística.
- FARACO, Carlos Alberto. *O tratamento Você em português: uma abordagem histórica. Fragmenta*. Curitiba: No 13, Editora da UFPR, 1996.

- FERNANDEZ SORIANO, Olga. “El pronombre personal: formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos”. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española, 1*. Madrid, Espasa Calpe Libros, 1999.
- FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. (1970). “La evolución de los pronombres de tratamiento en el español bonaerense”. In: PATIÑO, R. P. (Org.) *Thesaurus – Boletín del Instituto Caro Y Cuervo*. Santafé de Bogotá: Tomo I, Lingüística, 1993, p. 429-439.
- _____. “Sistemas pronominales de tratamiento usados em el mundo hispánico”. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española, 1*. Madrid, Espasa Calpe Libros, 1999, pp.1399-1425.
- FRANK KERSCH, Dorotea: A construção relativa na língua falada. Enfoque na fronteira bilíngüe do Brasil com o Uruguai, comparado ao espanhol e ao português riopratense e europeu – Kiel, Westensee-Verl. 2006.
- FREIRE, Francisco José. (1745). *O secretario portuguez compendiosamente instruído no modo de escrever cartas. Por meyo de huma instucçam. Preliminar, regras de Secretaria, Formulário de tratamentos, e hum grande numero de Cartas em todas as espécies, que tem mais uso*. Rio de Janeiro: Obra rara consultada no setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional
- GOFFMAN, Erving. (1980). *On face work: analisis of ritual elements in social interaction*. Reflections: The SoL Journal, Psychiatry, 1955.
- HOPPER, P. (1991) *On some principles of grammaticization*, In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd. (eds.). *Approaches to grammaticalization*, volume I, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins Company.
- KABATEK, Johannes. (2006). *Tradições discursivas e mudança lingüística*. In: LOBO, Tania et al (orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Volume VI, Salvador: EDUFBA.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. (2004) “¿Es universal la cortesía?”. In: BRAVO, Diana & BRIZ, Antonio. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel.
- _____. (2005) *Os atos de linguagem no discurso*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- KERSCH, (2006). *A construção relativa na língua falada: enfoque na fronteira bilíngüe Brasil com o Uruguai, comparado com o espanhol e ao português riopratense e Europeu*.
- KOCH, Peter (1997). “Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und zu ihrer Dynamik. In: Franck, Barbara / Haye, Thomas / Tophinke, Doris (Orgs.).

Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit. Tübingen: Narr, p. 43-80. (ScriptOra; 99).

KOCH, Peter. “Tradiciones Discursivas y cambio lingüístico: El ejemplo del tratamiento *Vuestra Merced* en español”. In: KABATEK, Johannes. *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Veruert, 2008.

LAKOFF, Robin Tolmach. *The logia of politeness; or, minding your p's and q's, Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 1973.

LAPESA, Rafael. *Estudios de morfosintaxis histórica del español*. Madrid: Editorial Gredos, 2000.

LEMONS MONTEIRO, José. *Pronomes Pessoais – Subsídios para uma gramática do português do Brasil*. 1ª ed., Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1994.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. 1ª ed., Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003 _____

_____. (2001). *Processo evolutivo de ‘Vossa Mercê’ > ‘Você’ (português) e ‘Vuestra Merced’ > ‘Usted’ (espanhol)*”. *II Congresso Internacional da ABRALIN Associação Brasileira de Linguística*. Fortaleza: publicação on-line www.lettras.ufrj.br/abralin.

_____. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1993.

_____. “O quadro dos pronomes pessoais”. In: Silvia Rodrigues Vieira; Silvia Figueiredo Brandão. (Org.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, v. 1, p. 151-178. LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. . “Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX”.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. . “Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX”. RAMOS, Jânia. (Org.) *Para a história do português brasileiro*. Volume V, 2003. (Trabalho não publicado).

_____. “De ‘Vossa Mercê’ a ‘Você’: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas”. BRANDÃO, S. .; MOTA, M. A. (Orgs.) *Análise Contrastiva de Variedades do Português: Primeiros Estudos*. Rio de Janeiro, 2003: In-fólio, p. 61-76.

MACHADO, Ana Carolina Morito: *A implementação de “você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação de Mestrado em Letras (Letras Vernáculas), Rio de Janeiro, 2006.

MARCOTULIO, L. L. (2005) “A estrutura familiar e a interação social no condicionamento das formas de tratamento: textos epistolares escritos no Rio de

Janeiro do séc. XVIII”. In: SANTOS, Deize V. dos (org.) *Inicia – Revista da Graduação em Letras da UFRJ*. Rio de Janeiro: Ed. Faculdade de Letras/UFRJ.

_____. (2005a). *A cortesia epistolar na correspondência ativa do Marquês do Lavradio: uma visão sócio-histórico-pragmática*. Trabalho apresentado na XXVII Jornada de Iniciação Científica da UFRJ.

_____. & SILVA, Paula Fernandes da. (2007). *A norma brasileira em construção: a variação entre tu e você no início do século XX*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da AILP. Rio de Janeiro.

_____. (2008) *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez lingüística*. Dissertação de mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) Rio de Janeiro: UFRJ.

NAVARRO GALA, Rosário. “Formas de cortesia em la Segunda Celestina”. In: BRIZ, Antonio & BRAVO, Diana. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel S.A, 2004

PAREDES SILVA, Vera. “O retorno do pronome tu à fala carioca”. In.: RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, Jussara (orgs.) *Português Brasileiro ? contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 160-169.

REYES, Graciela. (2003). *El abecé de la pragmática*. Cuadernos de Lengua Española, 23. Madri: Arco Libros.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. (2005). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 44ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

RIGATUSO, Elisabeth M. *Lengua, historia y sociedad. Evolución de las fórmulas de tratamiento en el español bonaerense (1830-1930)*. Bahía Blanca, Argentina: Universidad Nacional del Sur, 1992.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Reflexões acerca da pronominalização de Vossa Mercê na língua portuguesa*. Monografia apresentada no Curso História da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, 25 p. (mimeo), 2001.

_____. (2006). “Para uma história do português no Brasil: edição de cartas setecentistas e oitocentistas”. In: LOBO, Tania et al (orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Volume VII, Tomo II, Salvador: EDUFBA, pp. 819-844.

SEARLE, J. R. (1969). *Speech acts*. London: Cambridge University Press.

SOUZA, Sabrina Lima de. (2008). *Poder e imagem: análise sócio-pragmática das formas de tratamento no teatro ibérico (séculos XVI – XVIII)*. Dissertação de mestrado em Letras Neolatinas (Língua Espanhola). Rio de Janeiro: UFRJ.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. (Tradução de Celso Cunha). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

SOARES SILVA, Humberto. “O parâmetro do sujeito nulo no português e no espanhol”. In: Diadorim v.2. Rio de Janeiro: 2006.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial.